

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA (UESB)
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA (PPGLIN)

VICTOR LIMA DOS SANTOS

**UMA ANÁLISE COGNITIVA DO DÊITICO LOCATIVO “LÁ” EM
COOCORRÊNCIA COM GESTOS MANUAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

VITÓRIA DA CONQUISTA — BA

2023

VICTOR LIMA DOS SANTOS

**UMA ANÁLISE COGNITIVA DO DÊITICO LOCATIVO “LÁ” EM
COOCORRÊNCIA COM GESTOS MANUAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Linguística

Linha de Pesquisa: Texto, Significado e Discurso

Orientadora: Maíra Avelar Miranda

VITÓRIA DA CONQUISTA — BA

2023

S233u	Santos, Victor Lima dos. Uma análise cognitiva do dêitico locativo “lá” em coocorrência com gestos manuais no Português Brasileiro. / Victor Lima dos Santos; orientadora: Maíra Avelar Miranda. – Vitória da Conquista, 2023. 115f. Dissertação (mestrado – Programa de Pós-Graduação em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2023. Inclui referência F. 99 – 101. 1. Linguística. 2. Gestos - Estudo. 3. Dêiticos. I. Miranda, Maíra Avelar. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística T. III CDD: 410
-------	---

Catálogo na fonte: *Juliana Teixeira de Assunção – CRB 5/1890*
UESB – *Campus* Vitória da Conquista – BA

Título em inglês: A cognitive analysis of the locative deictic “lá” in co-occurrence with hand gestures in the Brazilian Portuguese

Palavras-chave em inglês: Cognitive Linguistics. Gesture Studies. Locative Deictics. Lá (There)

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestre em Linguística

Banca examinadora: Profa. Dra. Maíra Avelar Miranda (UESB) – Presidente/Orientadora; Prof. Dr. Adilson Ventura da Silva (UESB) e Prof. Dr. Paulo Henrique Aguiar Mendes (UFOP), Membros Titulares

Data da defesa: 24/05/2023

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-2074-9057>

Lattes ID: <https://lattes.cnpq.br/6278811118623743>

VICTOR LIMA DOS SANTOS

UMA ANÁLISE COGNITIVA DO DÊITICO “LÁ” EM COOCORRÊNCIA COM
GESTOS MANUAIS NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Linguística.

Data da aprovação: 24 de maio de 2023.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Maíra Avelar Miranda
Instituição: UESB – Presidente-Orientadora

Ass.: Maíra Avelar Miranda

Prof. Dr. Adilson Ventura da Silva
Instituição: UESB – Membro Titular

Ass.: Adilson Ventura da Silva

Prof. Dr. Paulo Henrique Aguiar Mendes
Instituição: UFOP – Membro Titular

Ass.: Paulo Henrique A. Mendes

AGRADECIMENTOS

Sem dúvidas, à universidade pública, em primeiro lugar: à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), por ter sido minha casa acadêmica durante os últimos anos, e um lugar de descobertas de quem eu sou. Também, agradeço ao Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGLin), por permitir que eu concretizasse mais uma realização em minha formação, me propiciando um novo nível acadêmico, com o mestrado.

Mais agradecimentos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de estudos e pelo apoio e financiamento durante minhas atividades no PPGLin.

À minha excelente orientadora, Profa. Dra. Maíra Avelar Miranda, pela parceria, amizade, confiança e paciência, no processo.

Gratidão aos membros da banca de qualificação, professores doutores Adilson Ventura da Silva (UESB) e Paulo Henrique Aguiar Mendes (UFOP) que, também, fizeram parte da Banca de Defesa. Agradeço pelas valiosas contribuições e considerações, por terem aceitado avaliar o meu trabalho, fomentando o meu amadurecimento acadêmico.

Aos meus pais, Marilene Lima e Carlos Antônio, por serem amor incondicional e lugar seguro em toda a minha trajetória. Eu amo vocês!

À minha irmã mais nova (Solange), Milena Lima, que não me ajudou em muita coisa, mas propiciou uma torcida silenciosa e amiga.

À minha tia Arleide e à minha bisavó, Eza; vocês são tudo de bom.

À minha avó materna, Maria Adélia (in memoriam), que foi uma carta de amor viva e a maior das Marias.

Aos meus amigos, leais e terríveis, por serem paz, fúria e revolução.

Aos que não me credibilizam e não acreditam em mim, aos que fomentam as ideias canalhas do capitalismo e do fundamentalismo; continuem acompanhando os meus passos, mantenham os olhos em frestas para evitar os ciscos da poeira que eu levanto pelo meu caminho.

RESUMO

Compreende-se que a Linguística Cognitiva, atrelada ao campo dos Estudos de Gesto, é uma área de estudo relativamente nova no Brasil. Dentro de uma abordagem multimodal, as expressões dêiticas são, frequentemente, associadas aos Gestos de Apontar, de acordo Kendon (2004), uma vez que essas ações estabelecem inter-relação referencial entre o discurso, ou enunciado, e as condições espaço-temporais em que ocorre (Avelar; Ferrari, 2017). Os gestos de apontar podem indicar o espaço físico e imediato compartilhado pelos falantes, um objeto concreto presente no ambiente de interação, como também a estruturação/esquematização de ideias do falante (Mc Neill; Cassel; Levy, 1993). Definimos como objetivo principal do trabalho analisar, por meio de uma perspectiva cognitivo-gestual, o comportamento dos gestos manuais quando coocorrem com o dêitico locativo “lá” em diferentes situações comunicativas do português brasileiro. Nossos objetivos específicos são: (i) Mapear os elementos cognitivos e conceptuais que estão envolvidos na relação da dêixis locativa com os gestos manuais; (ii) Descrever o funcionamento de ocorrências do dêitico locativo “lá” em coocorrência com gestos manuais, em amostras de dados distintas de diferentes situações comunicativas do português brasileiro. Do ponto de vista metodológico, nos ancoramos nas Diretrizes de Identificação de Metáforas nos Gestos (MIG- G), propostas por Cienki (2016) e também no Sistema Linguístico de Notação Gestual (Linguistic Annotation System for Gesture — LASG), proposto, anteriormente, por Bressemer, Ladewig e Müller (2013). A fim de isolar e categorizar as formas e funções gestuais, construímos uma trilha-mãe de análise no software profissional ELAN, conforme Sloetdjes e Wittenburg (2008), que consiste em uma ferramenta de anotações detalhadas que nos propicia uma análise mais acurada de dados videogravados e audiovisuais. Os dados analisados foram coletados do YouTube, recortes do programa *Que História É essa Porchat?* e do canal *Flow Podcast*, em entrevista com a candidata à presidência da república, em 2022, Simone Tebet. Os resultados apontam que os usos verbo-gestuais observados nas ocorrências do “lá” junto com gestos manuais incorporam um sentido de distância, nem sempre uma distância tão clara, ou pontual. Os gestos indiciam pontos do espaço em relação à localização dos participantes nos atos de comunicação. Assim, compreendemos que o “lá” é utilizado quando um falante quer determinar uma distância de algo em relação ao seu próprio corpo, sem necessariamente delimitar ou situar com precisão a distância ou ponto específico de um referente ou alvo.

PALAVRAS-CHAVE

Dêixis locativa; Estudos de Gesto; Lá; Linguística Cognitiva.

ABSTRACT

It is understood that Cognitive Linguistics, linked to the field of Gesture Studies, is a relatively new area of study in Brazil. Within a multimodal approach, deictic expressions are often associated with Pointing Gestures (Kendon, 2004), since these actions establish a referential interrelation between the discourse, or utterance, and the space-time conditions in which it occurs (Avelar; Ferrari, 2017). Pointing gestures may indicate the physical and immediate space shared by speakers, a concrete object present in the interaction environment, as well as the speaker's structuring/schematization of ideas (Mc Neill; Cassel; Levy, 1993). The main goal of this paper is to analyze, from a cognitive-gestural perspective, the behavior of hand gestures when they cooccur with the locative deictic “lá” in different communicative situations in Brazilian Portuguese. Our specific goals are: (i) to map the cognitive and conceptual elements that are involved in the relation of locative deictic with hand gestures; (ii) to describe the functioning of occurrences of the locative deictic “lá” in co-occurrence with hand gestures in different data samples from different communicative situations in Brazilian Portuguese. From a methodological point of view, we anchored ourselves on the Metaphor Identification Guidelines for Gesture (MIG- G), proposed by Cienki (2016) and also on the Linguistic Annotation System for Gesture (LASG), previously proposed by Bressem, Ladewig and Müller (2013). In order to isolate and categorize gestural forms and functions, we built a track of analysis in the professional software ELAN (Sloetdjes; Wittenburg, 2008), which consists of a detailed annotation tool that provides us with a more accurate analysis of videotaped and audiovisual data. The analyzed data were collected from YouTube, clips from the show *Que História É essa Porchat?* and Flow Podcast channel, in an interview with Simone Tebet, candidate for the presidency of the republic in 2022. The results point out that the verb-gestural uses observed in the occurrences of “lá” along with hand gestures embody a sense of distance, not always such a clear, or punctual distance. The gestures indicate points of space in relation to the location of the participants in the acts of communication. Thus, we understand that “lá” is used when a speaker wants to determine a distance of something in relation to his or her own body, without necessarily delimiting or precisely locating the distance or specific point of a referent or target.

KEYWORDS

Cognitive Linguistics. Gesture Studies. Locative Deictics. Lá (There)

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Modos de Representação Gestual	22
Figura 2 – Estrutura da mão humana.....	25
Figura 3 – Habilidades manuais	25
Figura 4 — Procedimentos de exploração executados por meio da apreensão de objetos	26
Figura 5 – Esquemas Imagéticos	29
Figura 6 – Estrutura centro-periferia	29
Figura 7 – MCI da dêixis e Espaço Base.....	31
Figura 8 – Gestos de Apontar.....	36
Figura 9 – Dados de Escavação de Goodwin (2003)	39
Figura 10 – Dados de Escavação de Goodwin (2003)	40
Figura 11 – Níveis narrativos	43
Figura 12 – <i>Continnum</i> dos graus de convencionalização dos gestos.....	50
Figura 13 – Dêiticos que marcam metaforicamente o espaço discursivo (exemplo 1).....	52
Figura 14 – Dêiticos que marcam metaforicamente o espaço discursivo (exemplo 2).....	52
Figura 15 – Dêiticos desempenhando funções locativas e referenciais	53
Figura 16 – Gestos de Apontar.....	63
Figura 17 – Esquemas Imagéticos.....	65
Figura 18 – Captura de tela do ELAN.....	67
Figura 19 – Captura de tela do ELAN.....	68
Figura 20 – Captura de tela de vídeo do YouTube com a ferramenta de transcrição	69
Figura 21 – Captura de tela de vídeo do YouTube – enquadramento 1 do Flow Podcast	78
Figura 22 – Captura de tela de vídeo do YouTube – enquadramento 2 do Flow Podcast	78
Figura 23 – Captura de tela de vídeo do YouTube – enquadramento do programa Que História É Essa Porchat?	79
Figura 24 – Ocorrência 1	79
Figura 25 – Ocorrência 2.....	80
Figura 26 – Ocorrência 3.....	80
Figura 27 – Ocorrência 4.....	81
Figura 28 – Ocorrência 5.....	82
Figura 29 – Ocorrência 6.....	82
Figura 30 – Ocorrência 7.....	83
Figura 31 – Ocorrência 8.....	84

Figura 32 – Gesto cíclico.....	85
Figura 33 – Ocorrência 9.....	85
Figura 34 – Ocorrência 10.....	86
Figura 35 – Ocorrência 11.....	87
Figura 36 – Ocorrência 12.....	87
Figura 37 – Ocorrência 13.....	88
Figura 38 – Ocorrência 14.....	89
Figura 39 – Ocorrência 15.....	89
Figura 40 – Ocorrência 16.....	90
Figura 41 – Ocorrência 17.....	91
Figura 42 – Ocorrência 18.....	92
Figura 43 – Ocorrência 19.....	92
Figura 44 – Ocorrência 20.....	93

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Gestos de Apontar e Modos de Representação Gestual – Visão Geral.....	72
Gráfico 2 – Gestos de Apontar (pointing)	73
Gráfico 3 – Modos de Representação Gestual.....	73
Gráfico 4 – Funções dos gestos	74
Gráfico 5 – Funções Pragmáticas	75
Gráfico 6 – Níveis Narrativos.....	76

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Formato das mãos, orientação das mãos e palmas, padrões, direção e qualidade de movimento, e posição do gesto no espaço.....	58
Quadro 2 – Parâmetros e vocabulários controlados para estruturação da trilha do ELAN.....	67

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EG	Estudos de Gesto
LASG	Sistema Linguístico de Notação Gestual
LC	Linguística Cognitiva
MCI	Modelos Cognitivos Idealizados
MIG-G	Diretrizes de Identificação de Metáforas nos Gestos
PAIF	Dedo indicador estendido, palma para fora
PAOH	Mão aberta, palma para fora
PDPIF	Dedo indicador estendido pronado (palma para baixo)
PVIF	Indicador estendido neutro (palma vertical)
THUMB	Polegar estendido (orientação de antebraço variável)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 ESTUDOS DE GESTOS E LINGUÍSTICA COGNITIVA.....	18
2.1 Um panorama do campo dos Estudos de Gestos (EG) e interfaces com a Linguística Cognitiva (LC)	19
2.2 O uso das mãos (manualidade).....	23
2.3 <i>Frames, Modelos Cognitivos Idealizados (MCI) e o MCI da dêixis.....</i>	<i>27</i>
2.3.1 <i>Metáfora e Metaforicidade</i>	<i>32</i>
3 OS GESTOS DE APONTAR CORRELACIONADOS AOS DÊITICOS LOCATIVOS: USOS CONCRETOS E ABSTRATOS	36
3.1 Gestos de apontar e função referencial: usos concretos e abstratos	37
3.1.1 <i>A estruturação cognitiva das narrativas e a dêixis locativa multimodal</i>	<i>42</i>
3.2 Funções pragmáticas dos gestos de apontar	47
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	56
4.1 Procedimentos metodológicos de análise dos dados	56
4.1.1 <i>Parâmetros do Bloco 1 do LASG: formato das mãos, orientação das mãos e palmas, padrões, direção e qualidade de movimento, e posição do gesto no espaço</i>	<i>57</i>
4.1.2 <i>Função Referencial</i>	<i>61</i>
4.1.3 <i>Função Pragmática do Gesto</i>	<i>62</i>
4.1.4 <i>Gestos de apontar (pointing)</i>	<i>62</i>
4.1.5 <i>Modos Identificação dos modos de representação gestual</i>	<i>63</i>
4.1.6 <i>Esquemas Imagéticos</i>	<i>64</i>
4.1.7 <i>Níveis narrativos/discursivos.....</i>	<i>65</i>
4.1.8 <i>Tópico contextual da fala</i>	<i>65</i>
4.2 Descrição da trilha de análise dos dados	66
4.3 Procedimentos de coleta de dados	68
4.3.1 <i>Notas sobre as ocorrências coletadas no YouTube</i>	<i>69</i>
5 ANÁLISE DOS DADOS, RESULTADOS E DISCUSSÃO	71
5.1 Aplicação das trilhas, Análise e Discussão dos dados	71
5.1.1 <i>Ocorrências do “lá”: visão geral por meio de gráficos</i>	<i>72</i>
5.1.2 <i>Ocorrências do “lá”: dados videogravados</i>	<i>77</i>
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
REFERÊNCIAS	99

ANEXOS	102
ANEXO A – Trilhas	102

1 INTRODUÇÃO

A Linguística Cognitiva (doravante, LC) permite que compreendamos que a cognição instancia a relação entre a palavra e o mundo. Ou seja, nesse novo paradigma teórico, o sentido não está nas coisas propriamente ditas, mas é visto como uma construção cognitiva pela qual os sujeitos aprendem e experienciam o mundo e as relações sociais. As palavras e ações de linguagem mediam a construção de sentido(s). Isso ocorre porque, para a Linguística Cognitiva, a linguagem não funciona como um módulo independente de outros módulos cognitivos, como a percepção, intuição, raciocínio matemático etc. Segundo Ferrari (2011), a LC se debruça sobre a interação e integração entre a estrutura linguística e o conteúdo conceitual e sensorial da interação e comunicação humanas.

Compreende-se que a LC, atrelada ao campo dos Estudos de Gesto, é uma área de estudo relativamente nova no Brasil. De um ponto de vista teórico e metodológico, a associação entre os Estudos de Gesto e a Linguística, abordando questões relativas à multimodalidade em interações humanas, configura uma discussão muito produtiva. Cienki (2016) afirma que tal associação se retroalimenta, em uma relação mútua, visto que conceitos teóricos da LC são aplicados aos Estudos de Gesto, e pesquisas de gesto também produzem boas evidências empíricas para bases de alguns paradigmas da própria LC.

Em um trabalho basilar dentro do campo dos Estudos de Gesto, Kendon (2004) postula que a forma na qual as pessoas se posicionam e orientam os seus corpos em relação a outros e ao ambiente, fornece informações muito importantes acerca da natureza de nossas intenções e ações. O gesto prototípico, de acordo com Kendon (2004), é, assim, constituído por três fases: *a preparação; o núcleo; e a retração*. A fase de núcleo (*stroke*) é a que configura, essencialmente, o que se entende como gesto, para fins de análise e discussão dentro da área.

Kendon (2004) afirma que os gestos possuem uma expressividade deliberada, de modo que participantes de uma situação interativa podem compreender e reconhecer um gesto apenas verificando e analisando dinâmicas de movimento e forma das ações corporais visíveis. McNeill (1992) enfatiza que, na modalidade gestual, o sentido é apreendido na forma, mas a forma de ação corporal não constitui sentido independente, pois é motivada e determinada por uma intenção comunicativa, sentidos a serem construídos. Os gestos, para McNeill (1992), seriam, então, signos motivados que constroem sentido de modo global, e gestos podem combinar vários mecanismos de veiculação de sentido.

De acordo com Müller (2008), gestos são multidimensionais e multifuncionais e, portanto, difíceis de serem controlados e mapeados nos usos cotidianos. Assim como as

palavras, dentro dos usos sociais, eles podem desempenhar uma série de funções ao mesmo tempo, e são multidimensionais, porque cada dimensão de suas performances (a amplitude do gesto, as dinâmicas, a posição espacial e temporal dentro da interação verbal) apresenta certas propriedades semânticas e pragmáticas que levam a sentidos e funções finais do gesto.

A dêixis é uma categoria da linguagem humana que é, extremamente, dependente do contexto em que se insere, ou seja, do ponto de vista linguístico, e enquanto categoria de signos, os dêiticos só existem na realidade enunciativa que estão inseridos (Avelar; Ferrari, 2017). Deste modo, pode-se afirmar que estruturas dêíticas são dependentes do contexto e, também, das subjetividades e interação social dos falantes.

Dentro de uma abordagem multimodal, as expressões dêíticas são, frequentemente, associadas aos Gestos de Apontar (Kendon, 2004), uma vez que essas ações estabelecem inter-relação referencial entre a fala na interação e as condições espaço-temporais em que ocorre (Avelar; Ferrari, 2017). A partir da perspectiva experiencialista, a Linguística Cognitiva fornece, então, ferramentas teóricas para a identificação e caracterização dos mecanismos linguísticos e conceptuais que instanciam os significados e sentidos construídos pelos dêiticos locativos.¹

Os gestos manuais que coocorrem com os dêiticos locativos possuem um padrão comum de movimento, que consiste, basicamente, em uma trajetória em linha reta, realizada em uma direção específica para um alvo específico (Kendon, 2004, p. 200). Os gestos de apontar podem indicar o espaço físico e imediato compartilhado pelos falantes, um objeto presente no ambiente de interação, como também a estruturação ou esquematização de ideias do falante (Mc Neill; Cassel; Levy, 1993).

De modo a ampliar o escopo dos Estudos de Gesto, com base na Linguística Cognitiva no Brasil, nossa proposta de trabalho é construída, a fim de contribuir com pesquisas já desenvolvidas e em desenvolvimento que analisam os dêiticos locativos, visto que, no presente trabalho, pretendemos analisar a integração entre gestos e fala na análise no dêitico locativo “lá” na interação entre sujeitos.

O presente trabalho está baseado na seguinte pergunta de pesquisa: Quais são as funções do dêitico locativo “lá” em coocorrência com gestos manuais em diferentes situações comunicativas do português brasileiro?

¹ Vários outros campos teóricos dentro da Linguística estudam o fenômeno da dêixis. Contudo, para a abordagem multimodal que proponho utilizar na presente pesquisa, a Linguística Cognitiva, aliada aos Estudos de Gesto (Cienki, 2016), fornece o aporte teórico metodológico necessário para estudo do meu objeto de análise.

Compreendemos que, em trabalhos que correlacionam os Estudos de Gesto e a LC, os gestos de apontar, prototipicamente, estão associados aos dêiticos locativos (Kendon, 2004). A saber, levantamos a hipótese que de tais gestos ocorrem com maior frequência no nível narrativo da fala e interação (Mc Neill *et al.*, 1993).²

Dessa forma, considerando nossa pergunta de pesquisa e hipótese, definimos como objetivo geral do trabalho, analisar, por meio de uma perspectiva cognitivo-gestual, o comportamento dos gestos manuais quando coocorrem com o dêitico locativo “lá” em diferentes situações interativas do português brasileiro.

Nossos objetivos específicos são: (i) Analisar o funcionamento de ocorrências verbais do dêitico locativo “lá” em coocorrência com gestos manuais, em diferentes interações face a face videogravadas do português brasileiro; (ii) Comparar, em amostras de dados distintas, o funcionamento das funções gestuais (referencial e pragmática(s)) nos níveis narrativos/discursivos, em diferentes interações do português brasileiro.³

Ou seja, queremos compreender de que modo ocorrências multimodais dêiticas de lugar, ou locativas, são organizadas no espaço-tempo das trocas comunicativas. Quando nos referimos a ocorrências multimodais, precisamente, tratamos das ocorrências comunicativas verbo-gestuais, ou seja, ações comunicativas em que há a associação da fala em coocorrência com os gestos. Nesse sentido, Avelar e Mendes (2015) afirmam que a forma como construímos os espaços de interação e produzimos sentidos de modo multimodal, ou seja, como uma ação verbal (ou não) é construída, se dá devido a uma determinada ecologia de sistemas perceptivos, dentro de uma abordagem experiencial.

A fim de minimizar discrepâncias conceituais de uma apropriação relativamente livre do que é multimodalidade, os autores Avelar e Mendes (2019) propõem uma diferenciação dentro do termo. Temos, assim: i) multimodalidade perceptiva, que se constituiria em um processo natural e orgânico de combinação, de modo que nada seria experienciado e percebido apenas por meio de um único módulo perceptivo; ii) e a multimodalidade representativa que, para Avelar e Mendes (2015), é importante na expressão cultural, pois se constitui por um certo trabalho de codificação. Para Mari (2016 *apud* Avelar; Mendes, 2015), pode se tornar necessária, no nível representativo, a expressão de alguns gêneros discursivos.

² A discussão sobre níveis narrativos, com base em McNeill e colaboradores (1993) será melhor explorada na seção 3.1.1

³ A função referencial será melhor discutida nas seções a seguir, por se tratar de uma função mais recorrente referente aos dêiticos e gestos de apontar. Na seção 3.1.1 tratamos dos níveis narrativos. Na seção 3.2, discutimos as funções pragmáticas.

De acordo com Avelar e Mendes (2015) as duas dimensões funcionam juntas no processamento do sentido e na experiência dos fenômenos dentro dos nossos nichos bioculturais. Citando Sinha (2009), Avelar e Mendes (2015) apontam que a complexidade do nicho biocultural é configurada por uma rede de âmbitos de atividades sociais que ocorrem por meio das práticas de linguagem, em diferentes gêneros e suportes, de modo a formar um contínuo, desde a conversação espontânea, até as plataformas de comunicação digital. Tudo isso é construído de forma multimodal.

Assim, por meio da multimodalidade, para Müller (2008 *apud* Avelar; Mendes, 2015), o campo dos Estudos de Gesto, ao analisar e integrar as interações verbais, pode fornecer boas pistas acerca da produção de metáforas e de como os falantes fazem processamentos de unidades conceptuais e mentais.

Referente à organização geral do trabalho, as seções se dividem do seguinte modo: Na seção 2 apresentamos postulados teóricos mais gerais da Linguística Cognitiva, que se relacionam com o estudo da dêixis e o campo dos Estudos de Gestos; na seção 3 correlacionamos os Gestos de Apontar aos dêiticos locativos, em usos concretos e abstratos, além de descrevemos ocorrências gestuais com funções pragmáticas; na seção 4, descrevemos os nossos procedimentos metodológicos de coleta e análise dos dados, descrevendo a nossa trilha-mãe de análise; na seção 5, descrevemos a análise dos nossos dados, apontamos resultados e apresentamos considerações finais.

2 ESTUDOS DE GESTOS E LINGUÍSTICA COGNITIVA

Cienki (2016) afirma que o recente campo dos Estudos de Gesto se interessa por pesquisas empíricas, ligadas a contextos da vida real. Precisamente, os estudos sobre a comunicação multimodal, ligados à Linguística Cognitiva, levam pesquisadores a considerar questões ligadas à política, economia e fatores sociológicos, interfaces que são determinantes para o futuro deste campo de estudos em efervescência. Em relação a direções futuras para a interface entre os Estudos de Gesto e a LC, Cienki (2016), também, aponta a necessidade de haver um retorno às bases fenomenológica e corporificada da LC, ou seja, um distanciamento das ciências naturais e uma aproximação das ciências humanas.

Nessa direção, com base em Lakoff (1987, 1990) e Johnson (1999, 2007), compreendemos que processos cognitivos se baseiam no que se denomina de cognição corporificada. Por meio desse conceito, é possível afirmar que é a nossa experiência corpórea que nos permite conceptualizar conceitos abstratos e ajustá-los a níveis de compreensão em escala humana, como tempo, ou movimentos no espaço, por exemplo. Ou seja, processos cognitivos não apenas nos possibilitam fazer mapeamentos que experienciam o mundo ao nosso redor, como também estruturam a nossa cognição (Avelar; Ferrari; Pacheco, 2022). Compreendemos que, com base em padrões de posicionamento espacial dos participantes de determinados contextos de interação, pode-se apreender informações sobre a natureza e o nível de envolvimento em uma dada situação comunicativa. Ações direcionadas a objetos, ou configurações materiais e sociais do ambiente de interação fornecem informações sobre os desejos, objetivos e interesses das pessoas (Kendon, 2013).

Partindo dessas noções mais basilares, compreendemos os dêiticos como categorias linguísticas que possuem uma relação de dependência com o contexto e a experiência no mundo, a fim de estabelecer sentido(s), visto que tais estruturas podem até refletir a incorporação de conceitos culturais na linguagem (Avelar; Ferrari; Pacheco, 2022). De forma mais tradicional, os dêiticos foram classificados em categorias separadas, como de pessoa (eu, você etc.), tempo (hoje, agora etc.), lugar (aqui, ali etc.), discurso (no parágrafo anterior etc.) e até em parâmetros sociais, diferenciando termos mais formais ou informais de tratamento (Levinson, 1983 *apud* Avelar; Ferrari; Pacheco, 2022).

Na subseção a seguir, trazemos algumas considerações sobre a associação entre os Estudos de Gesto e a LC, que nos servirão como revisão de literatura para conceitos mais fundamentais, tais como: excursão gestual; expressividade deliberada; modos de representação gestual; e metáfora conceptual.

2.1 Um panorama do campo dos Estudos de Gestos (EG) e interfaces com a Linguística Cognitiva (LC)

Foi entre as décadas de 60 e 70 que Adam Kendon passou a investigar a relação entre ações corporais e a fala (Bressem; Ladewig; Müller, 2013, p. 58). O pesquisador investigou diferentes padrões de comportamento corporal, demonstrando que tais ações, na comunicação, possuem estruturas compostas por sentidos e são integradas com a fala.

No início dos anos 1970, Kendon desenvolveu uma microanálise de unidades de expressão gestual e verbal. Com os avanços tecnológicos e a possibilidade de gravações em vídeo para a pesquisa científica, e em sua primeira análise, observou a integração entre movimentos do corpo e fala. O teórico percebeu que há uma hierarquia e sistematização no conjunto fala-gesto, de modo que unidades maiores de ação corporal acompanham unidades maiores de discurso falado, bem como unidades menores de movimento se integram a unidades menores de fala (Bressem; Ladewig; Müller, 2013).

Na década de 80, Kendon compreendeu gesto e linguagem como dois elementos de um mesmo enunciado.⁴ Na mesma década, alguns campos da Psicologia adotaram a compreensão de comunicação não-verbal, e ações corporais que antes não eram relacionadas à fala, e depois se tornaram foco de pesquisa de muitos estudiosos. Assim, nesse período passou a haver um aumento no número de pesquisas ligadas às expressões faciais (Bressem; Ladewig; Müller, 2013).

Na década de 90, David McNeill, fundamentado pela Psicologia e pela Linguística, propôs uma teoria da linguagem e do gesto, na qual ambos os elementos formariam um sistema integrado na comunicação. Considerando gestos como parte do enunciado verbal, McNeill desafiou a distinção incipiente, até o momento, entre comunicação verbal e não-verbal. No ano de 1992, o autor publica, então, uma teoria integrada de fala e gestos, estabelecendo novos paradigmas entre os Estudos de Gesto em perspectivas psicológicas/cognitivas e linguísticas. Nessa esteira, gestos espontâneos – ou, nas palavras do autor, gesticulações, são movimentos de mãos e braços, espontâneos e idiossincráticos.

⁴ Kendon (2004 *apud* Avelar; Barbosa; Graça, 2021) defende o conceito de gesto como “enunciados de ações visíveis”. Desse modo, o autor advoga que os enunciados gestuais e verbais constituem duas formas de expressão integradas “produzidos conjuntamente a partir de uma orientação a um único objeto” (Kendon, 2004 *apud* Avelar; Barbosa; Graça, 2021). De acordo com Kendon (2004), a produção de um gesto, uma ação corporal visível, é parte integrante de se produzir um enunciado; e conclui-se, então, que o enunciado se constitui tanto pela língua falada quanto pelos gestos.

Kendon propôs um estudo das formas e sentidos gestuais dentro de uma abordagem mais pragmática, em uma pesquisa de perspectiva mais linguística e, por isso, seu trabalho é considerado um pré-requisito para a compreensão de como estruturas linguísticas emergem de ações corporais. Kendon (2004) forneceu um conceito mais sofisticado para as formas gestuais, sendo os gestos movimentos que possuem uma expressividade e sentidos deliberados, visto que os participantes de uma situação de interação podem reconhecer um gesto sem ouvir, precisamente, o que está sendo dito, baseando-se em característica de forma e de movimento.

Para o autor, gestos também podem ser denominados como ações corporais visíveis e por meio de ações corporais visíveis alguém pode demonstrar que está indagando, questionando, esperando por uma resposta, discordando. McNeill (1992) advoga que o sentido dos gestos está na forma, visto que a forma de uma ação corporal é determinada pelo sentido construído na interação.

É o atributo da expressividade deliberada, proposto por Kendon (2004), que faz com que os movimentos corporais não sejam aleatórios e sintomáticos, mas sim parte de um esforço comunicativo, como aponta Müller (2008). É precisamente o conceito de expressividade deliberada, cunhado por Kendon (2004), que distingue movimentos corporais aleatórios, de gestos que partem de um esforço comunicativo (Müller, 2008). Uma ação com expressividade deliberada seria, então, um movimento que tem início e fim muito bem marcados, o que constitui uma linha de ação em curso, e não somente uma mudança de posicionamento corporal e de uma parte do corpo.

Há formas de ações corporais visíveis, segundo Kendon (2004), que podem fornecer muitas informações no lugar das palavras, e em algumas circunstâncias sistemas de linguagem inteiros são desenvolvidos utilizando-se apenas tais ações, que possuem uma excursão operacional a ser observada. Se tratando de ações manuais: a mão, ou as mãos saem de uma posição de descanso e é feito um movimento no espaço para determinada ação, após a execução dessa ação, a(s) mão(s) retorna(m) para uma posição muito similar à do descanso inicial. Toda essa ocorrência é denominada, por Kendon (2013), como *Unidade Gestual*.

Os falantes podem, numa unidade gestual, apontar, rascunhar ou esculpir formas, performar parte de uma ação padrão e outras coisas. Seja qual for a posição que a mão ou as mãos estejam pouco antes da ação gestual, isso é chamado de *preparação*, que é anterior ao *núcleo gestual* (*stroke*), que é a ação propriamente dita, depois há a *retração* (relaxamento das mãos). Kendon (2004) aponta que uma estrutura de organização hierárquica de fases e unidades gestuais com particularidades consiste no que compreendemos como *gestos*, na interação.

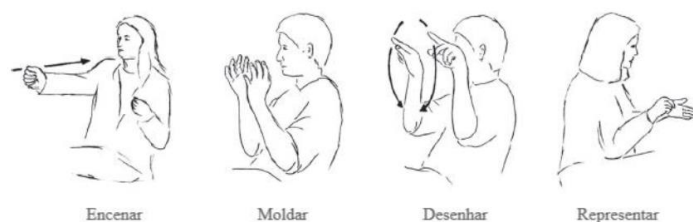
É importante enfatizar que Kendon (2004) não focou na discussão mais cognitiva, evitando a dicotomia mente-corpo, tão cara às teorias da LC, contudo influenciou uma abordagem mais corporificada da cognição, sendo esta, para os novos estudos, parte do movimento expressivo que se observa nos gestos. Ou seja, os gestos não são estruturas independentes, mas que possuem, sim, suas formas de ação ancoradas em estruturas mentais e de pensamento (Müller, 2014). Os gestos, constituindo uma modalidade visoespacial, possuem propriedades de sentido e forma fundamentais para a linguagem. Müller (2014) aponta que a descrição proposta por Kendon (2004) acerca das características articulatórias dos gestos como movimentos de expressividade deliberada pode ser pensada, também, com uma análise do sentido das formas gestuais e contextos de uso.

Assim, a autora propõe que o formato das mãos, dos movimentos, posicionamentos, orientações de dedos e braços constituem unidades formais de movimento significativas. Dentro desta perspectiva, Müller (2008) entende que é na corporificação que se constitui o núcleo do sentido dos gestos na e para a comunicação. O sentido dos gestos, para a autora, também, se constrói conforme a interação ocorre.

Deste modo, Müller (2008) sugere que a criação de gestos referenciais ocorre por meio de um conjunto limitado de mecanismos cognitivo-semióticos, os quais ela nomeia como Modos de Representação Gestual, que estabelecem uma sistematização para o uso das mãos e para o que elas desempenham no momento da interação, quando representam ações, objetos, relações de espaço-tempo, propriedades etc. (Graça, 2021). Convencionalmente, gestos aparecem para moldar as próprias simulações dos falantes, gestos representacionais têm sido definidos como estruturas que ajudam os falantes a manterem um sistema imagético mental quando estão falando, especificamente, ajudando os indivíduos na organização de informação espaço-motora (Cienki, 2016).

Basicamente, existem quatro Modos de Representação Gestual que motivam a criação de gestos interacionais: (i) Encenar, que é quando as mãos, de fato, simulam/encenam uma atividade cotidiana; (ii) Moldar, quando a mão molda o formato de um objeto ou espaço em 3D; (iii) Desenhar, quando os falantes traçam, normalmente com os dedos e em 2D, a forma de um objeto, ou espaço; (iv) Representar, que é quando a mão representa objetos em movimento ou estáticos.

Figura 1 – Modos de Representação Gestual



Fonte: Graça (2021) adaptado de Müller (2014).

Baseado em Müller (2008), Cienki (2016) propõe uma revisão mais recente acerca dos modos de representação gestual. O autor os organiza do seguinte modo:

“Encenar” (*enacting*): quando as mãos se movem como se representassem uma ação. É “como se” as mãos manipulassem algo ou uma ação. Exemplo: abrir a tampa de uma garrafa, ou “como se” escrevessem usando uma caneta, mesmo que o falante não esteja com uma caneta ou garrafa;

Corporificar (*embodying*): a mão irá emular uma entidade que representa. Exemplos: quando alguém estende os dedos indicadores para baixo e os move em alternância em alguma superfície como se fossem um par de pernas caminhando.⁵

Segurar/tocar (*holding/moulding*): As palmas das nossas mãos se encontram e em conformidade com alguma entidade imagética, como se segurassem algo no ar. Exemplo: mãos curvadas, com as palmas voltadas uma para a outra, como se segurassem uma bola.

Desenhar (*drawing*): as mãos se movem como se desenhasssem uma forma, as pontas dos dedos configurando um tipo de zona ativa, se movendo e delineando o traçado de uma forma descrita a ser representada. Exemplo: desenhar no ar um retângulo com os dedos, ao se descrever um quadro.

Cienki (2016) afirma que nenhuma outra escola do campo da Linguística tem abarcado os Estudos de Gestos como a LC. As duas áreas se retroalimentam, visto que não apenas a pesquisa em gestos tem sido levada em grande conta dentro da LC, mas várias abordagens teóricas da LC são aplicadas à pesquisa de gestos, de um modo mais geral. McNeill (1992) argumenta que, na interação em tempo real, a integração entre gestos e fala vem de um pacote de unidades de ideias na mente dos falantes, de modo que tal processo consiste em uma dinamização de morfemas e construções da linguagem que está sendo falada, e do imagético que é parte das ideias dos falantes. Gestos, na interação, evidenciam tais estruturas mentais.

⁵ O modo “Representar”, proposto por Müller (2014), corresponderia ao que Cienki (2016) categoriza como “Corporificar”.

Cienki (2016) aponta que um dos principais paradigmas da LC, em que se pode observar a conexão imediata entre gestos e uma base semântica, é a Teoria da Metáfora Conceptual. Mc Neill (1992) argumentou, em seus trabalhos mais antigos (McNeill; Levy, 1982; Mc Neill, 1985), que se a metáfora tem base em padrões de pensamento de um domínio em termos de outro, pode-se ver a evidência disso, de algum modo, nos gestos executados por falantes.

Pensando nessa relação, Wilson e Gibbs (2007), citados por Cienki (2016), exemplificam que uma ação corporal específica pode facilitar a compreensão da expressão metafórica “pegar uma ideia”. Inclusive, tal expressão dá nome ao movimento, quando uma pessoa fecha uma mão, por exemplo, e a retrai para trás, como se simulasse a captação de um objeto (*a ideia*) no ar, o que significa que tal indivíduo aprendeu/apreendeu, entendeu algum conceito. As mãos têm um status especial, devido à variedade de formas e movimentos que elas podem produzir com base na fisiologia humana, permitindo a elas produzirem uma série de funções comunicativas importantes (Streeck, 2009). Gestos manuais podem representar ideias no espaço de um modo mais preciso que outros articuladores corporais (Cienki, 2016).

Em suma, compreendemos que a interação humana se dá por meio de intenções mentais individuais moldadas por estruturas sociais historicamente construídas, sendo que a organização mútua entre fala e gesto tem sido um tema central dos Estudos de Gesto (Kendon, 2004; Mc Neill, 1992), assim como da interface desse campo com a LC (Cienki, 2016). Ações de apontar, intimamente, nos dão pistas precisas sobre essa organização entre fala e gesto, evidenciando intenções mentais e instanciando o mundo ao nosso redor.

Na subseção a seguir, abordamos a importância das mãos dentro dos processos sociais humanos, com base em Streeck (2009). Advogamos que, assim como as mãos possuíram papel fundamental para mecanismos de sobrevivência e evolução, pensando em uma interação corporificada (Streeck, 2009), elas também são fundamentais para o estabelecimento da experiência comunicativa e social das pessoas.

2.2 O uso das mãos (manualidade)

De acordo com Goffman (1964), o substrato dos gestos deriva do corpo do falante. Contudo, a forma do gesto é intimamente determinada, também, pela interação em que os atores do discurso se encontram. Estudiosos como Mc Neill (1993), contudo, sugerem que gestos são ações visíveis que funcionam como uma janela para pensamentos e memórias de falantes, sendo mais psicologicamente orientados, e não necessariamente ações determinadas pelo mundo material externo. Porém, as formas como os participantes se posicionam em relação uns aos

outros, para onde eles olham, em qualquer ponto do tempo-espço, é algo importantíssimo para o estabelecimento das relações entre o que está sendo falado e os movimentos executados. A interação face a face é, por definição, uma interação multimodal, na qual os participantes encontram um fluxo de significativas expressões faciais, gestos, posturas corporais, movimentos de cabeça, construções gramaticais e contornos prosódicos (Stivers; Sidnell, 2005 *apud* Streeck *et al.*, 2011).

A tese central de Streeck e colaboradores (2011) é a de que a interação face a face, com seus atributos multimodais, não se constrói somente a partir de um caráter psicológico. Gestos podem ser considerados como um fenômeno interacional, assim como podem ser transmissores de habilidades culturais (Comolli, 2003; De France 1983 *apud* Streeck *et al.*, 2011). O *interacionismo*, assim, se configura como um paradigma de pensamento e pesquisa para as ciências sociais e é, também, um foco de pesquisas no âmbito dos Estudos de Gestos, que contraria uma posição comum, em algumas correntes desses estudos, é visualizar os gestos a partir de um ponto de vista psicológico e experimental. Desse ponto de vista, os gestos e outras formas de expressão corporal seriam exteriorizações de pensamentos individuais. Entretanto, de acordo com Mead (1934 *apud* Streeck *et al.*, 2011), estruturas mentais são construídas por meio dos processos sociais de comunicação e interação. Gestos são, dessa maneira, componentes dos atos sociais.

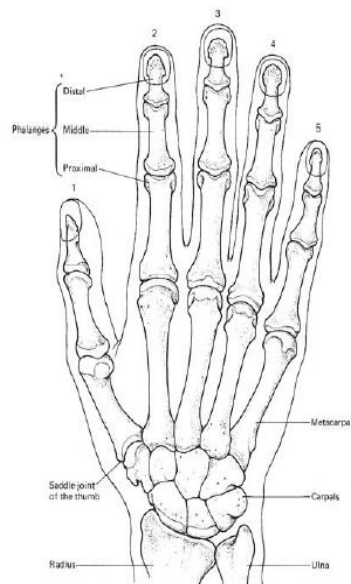
Em se tratando dos gestos manuais, basicamente, gesticulamos com as mãos devido à liberdade de movimento desses membros e da diversidade de movimentos que podem ser realizados (Streeck, 2009)⁶. O que Streeck (2009) argumenta é que há uma dimensão da “manualidade” que é de extrema importância: o fato de que os gestos realizados pelas mãos constroem o nosso mundo; visto que mãos não são apenas órgãos de ação e expressão, mas também de cognição e aquisição de conhecimento. Muito da nossa percepção de mundo advém de ações e percepções de nossas mãos.

Entender, então, algumas propriedades físicas de nossas mãos auxiliam o pesquisador dos Estudos de Gestos a compreender propriedades concretas dos próprios gestos. De acordo com Sennett (2008 *apud* Streeck, 2009), “todas as nossas habilidades, mesmo as mais abstratas, começam de partes corpóreas”.

⁶ Vale salientar, entretanto, que até a flexibilidade das mãos pode ser modificada de acordo com o treinamento cultural que os indivíduos de dadas comunidades têm, com base em seus fins comunicativos e linguísticos (Streeck, 2009).

Humanos compartilham a mesma estrutura básica de mãos com os anfíbios, répteis, pássaros e mamíferos. Todos os tetrápodes possuem a configuração de mãos com cinco dedos, com adaptações a cada espécie.

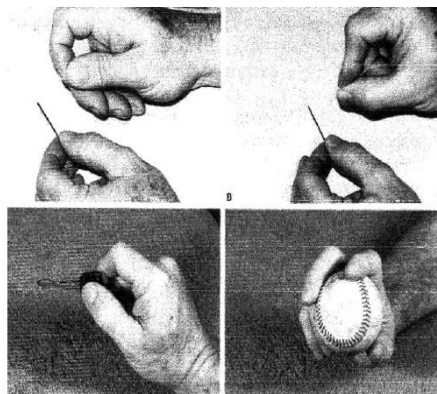
Figura 2 – Estrutura da mão humana



Fonte: Figura fornecida pela Universidade de Princeton Streeck (2009)

Streeck (2009) se dispõe a apresentar um pouco das características biológicas das mãos, mantendo o foco nas características perceptuais e que são utilizadas na comunicação humana. Toda a nossa tecnologia envolve a construção cooperativa de artefatos, ou seja, a tecnologia humana é pensada com base nas habilidades manuais de grupos e indivíduos (Reynolds, 1994 *apud* Streeck, 2009).

Figura 3 – Habilidades manuais



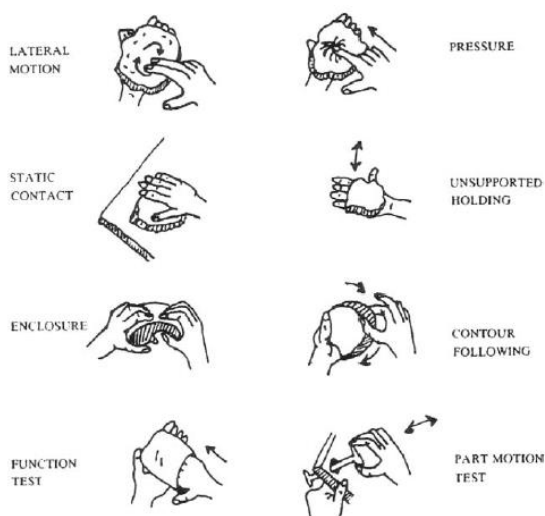
Fonte: (Streeck, 2009).

Sabe-se que as mãos estão envolvidas em sucessivas adaptações para atender às demandas de habilidades de apreensão de objetos. Do ponto de vista da evolução darwiniana, apreender, ou seja, segurar e mover objetos é, sem dúvida, a mais importante das atividades humanas. Várias forças físicas estão envolvidas durante tais processos, visto que transportamos, sentimos as texturas e interagimos com objetos por meio da apreensão (Streeck, 2009). Um episódio de apreensão comprime uma sequência de estágios: no estágio preparatório para *alcançar*, a mão é orientada, levada ao objeto, e os dedos e o formato da palma são configurados de modo a abarcar as propriedades do objeto e/ou tarefa pretendidos. Durante o estágio de contato, o indivíduo faz ajustes com as mãos para reposicionar o objeto. O evento termina quando o objeto é reposicionado e/ou trazido para perto do indivíduo (Streeck, 2009).

É interessante perceber que o estágio inicial de apreensão de um objeto é controlado pela visão periférica: nós começamos o processo de alcance de um objeto sem olhar para ele diretamente. A movimentação durante esse estágio inicial é balística. Na interação, comumente, os indivíduos tomam certa distância uns dos outros, de modo a instaurar uns nos outros um “campo perceptual positivo” para apreenderem mensagens verbais e não-verbais (Clark, 1973, p. 34-35 *apud* Streeck, 2009).

Há, também, um repertório de atividades, segundo Streeck (2009), que podem ser desempenhadas com base na apreensão, como pressionar, mediar, segurar, contornar e testar, por exemplo.

Figura 4 — Procedimentos de exploração executados por meio da apreensão de objetos



Fonte: (Streeck, 2009).

No caso do nosso trabalho, chamamos a atenção para o ato de apontar como uma das atividades humanas mais primitivas e mais significativas para a interação e para nossos processos de comunicação. Uma grande variedade de práticas de indexicalização feitas com as mãos pode ser observada, visto que, por meio desses gestos, as pessoas fazem discriminações, destacam enfatizam, elaboram, interpretam o mundo presente e orientam uns aos outros por meio de tais ações corporais. Pessoas, objetos, o próprio tempo-espço, só entram em proeminência na interação face a face, por meio de ações de linguagem que destacam e enfatizam essas entidades (Streeck, 2009).

Episódios em que gestos de apontar são utilizados se iniciam com o estabelecimento de um foco compartilhado entre os indivíduos, de modo a localizar e identificar objetos, lugares, figuras no mundo (Goodwin, 1994 *apud* Streeck, 2009). Por meio do gesto de apontar, uma entidade é individualizada e elevada à posição central dentro de um campo visual compartilhado pelos interlocutores.⁷ Antes disso, contudo, ainda dentro de uma perspectiva de revisão teórica, é importante que enfatizemos a associação dos estudos da dêixis, com estruturas cognitivas analisadas pela LC e Estudos de Gesto. Verifiquemos tais dinâmicas a partir da próxima subseção.

2.3 *Frames*, Modelos Cognitivos Idealizados (MCI) e o MCI da dêixis

Os *frames* correspondem a estruturas de conhecimento armazenadas na memória humana permanente, e que têm papel decisivo na construção do(s) sentido(s). Langacker (1987, p. 147) conceitua a noção de “domínio” para se referir a essas estruturas armazenadas na memória permanente. Segundo o autor, o *domínio* é o que vai caracterizar as unidades de sentido (semânticas), especificando que há a existência de domínios mais básicos, que são os que apresentam estreita ligação com a experiência sensorial e corporal, e estes são: espaço, visão, temperatura, paladar, pressão, dor e calor.

Para a LC, estruturas cognitivas permanentes e estáveis, ligadas ao armazenamento de conhecimento culturalmente compartilhado, são denominadas como *frames* e *Modelos Cognitivos Idealizados*. De acordo com Fillmore (1975, 1977, 1982, 1985 *apud* Ferrari, 2011), *frame* designa a sistematização de um conhecimento armazenado na memória de longo prazo,

⁷ Nem sempre os dedos indicadores ou polegares são usados para esse fim; apontar também pode ser feito, em algumas sociedades, preferencialmente, por gestos de cabeça, lábios franzidos ou outras partes do corpo (Enfield 2001; Sherzer 1972; Wilkins 2003); os olhos também podem servir como indicadores (Goodwin, 1981; Streeck 1993).

e que é organizado a partir da esquematização de nossas experiências humanas. A noção de *frame* descarta a visão de significado como uma *entidade* estanque, e trata significado como uma *função* desempenhada, em um dado contexto enunciativo e interacional, baseada na experiência (Ferrari, 2011).

Lakoff (1987) desenvolve o conceito de *Modelo Cognitivo Idealizado* (doravante, MCI), associando a noção de *frame* aos processos de categorização. Assim, o autor (1987) define MCI como um conjunto de *frames* distintos. Embora seja composto por *frames* diferentes e, também, represente uma estrutura de conhecimento armazenada na memória de longo prazo, o conceito de MCI é mais complexo. Lakoff (1987) argumenta que os MCIs dependem de três princípios estruturantes em sua construção: (i) Estrutura proposicional; (ii) Esquemas imagéticos; (iii) Metafóricos e metonímicos.

Em relação aos esquemas imagéticos, mais pertinentes aos objetivos do presente trabalho, parte-se da ideia de que a nossa experiência sensorial do ESPAÇO se estrutura, principalmente, com base nos esquemas imagéticos de CONTÊINER, PARTE-TODO, FRENTE-TRÁS, CIMA-BAIXO, ORIGEM-TRAJETO-DESTINO etc.

Para Cienki (2016, p. 190) os Esquemas Imagéticos constituem mecanismos que os indivíduos utilizam para conceptualizar, absorver informações e perceber determinados aspectos físicos do mundo. Baseados em nossa percepção visual, os esquemas imagéticos estruturam, de modo coerente, a nossa experiência, ao operarem em um nível pré-conceitual (Bressem; Ladewig; Müller, 2013, p. 1105). Os esquemas imagéticos ocorrem em todas as nossas modalidades perceptuais e são, ao mesmo tempo, cinestésicos, táteis e auditivos, e por isso, de acordo com Bressem, Ladewig e Müller (2013), tais esquemas compõem a base da criação e sentido de ocorrências verbo-gestuais. No quadro abaixo, é possível identificarmos exemplos de Esquemas Imagéticos básicos:

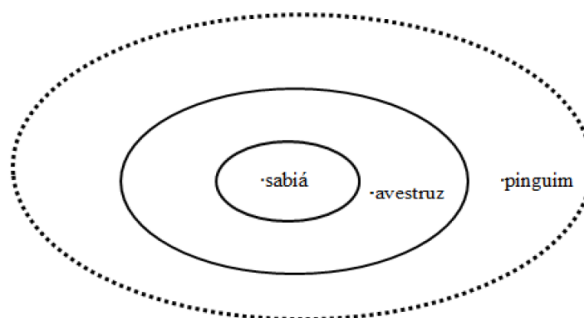
Figura 5 – Esquemas Imagéticos

Recipiente	Um recipiente tem um limite que separa um interior de um exterior. Pode conter coisas. Podemos ser contidos (por exemplo, numa sala), e nossos próprios corpos são recipientes.
Ciclo	Um ciclo começa por uma sequência de eventos conectados, e retorna ao estado original para recomençar. Vivenciamos ciclos por meio do tempo na natureza e nas nossas vidas.
Força	A força implica geralmente uma extensão de força física em uma ou mais direções. Podemos vivenciar a forças em termos de compulsões, atrações, bloqueios ou capacitações.
Objeto	Um objeto é uma coisa material que podemos ver e tocar. Podemos pensar num objeto como item discreto.
Trajatória	Uma trajetória é uma rota para locomover-se de um ponto de partida a um ponto de chegada. Podemos seguir uma trajetória existente ou criar uma trajetória a partir da nossa locomoção própria.

Fonte: Cienki (2016) traduzido por Pinheiro (2017).

Já os MCIs podem ser estruturados, dentre outras maneiras, por projeção metafórica. A exemplo, com base nos pressupostos de Lakoff e Johnson (1980), o MCI de TEMPO costuma ser metaforicamente instanciado em termos de ESPAÇO. Para além disso, os MCIs apresentam efeitos prototípicos, que são efeitos mais emergentes da interação de um determinado esquema, com outros esquemas.

Segundo Lakoff (1987), em um MCI estruturado de modo radial, uma subcategoria será ordenada como centro do protótipo, sendo que as outras subcategorias são conectadas a ele por tipos distintos de *links*. O resultado disso, como aponta o autor, é uma estrutura denominada como CENTRO-PERIFERIA. A nível de exemplificação, Ferrari (2011) propõe um esquema imagético Centro-Periferia da categoria “AVE”:

Figura 6 – Estrutura centro-periferia

Fonte: Ferrari (2011).

Para a autora, há membros mais centrais que ocupam o núcleo mais prototípico, que é o caso do sabiá, porque possui todas as características da categoria “AVE”; ou seja, possui bico,

dois pés, põe ovos, tem duas asas, penas e pode voar. Contudo, existem outros membros, como o avestruz, que possuem quase todas as características intrínsecas a “AVE”, com exceção do “poder voar”. Este membro, fica, portanto, mais afastado do centro prototípico. O pinguim, por sua vez, apresenta apenas três características do protótipo (bico, dois pés, põe ovos), o que o deixa mais próximo da fronteira dos esquemas de “AVE” e “MAMÍFERO”.

Fillmore (1982 *apud* Marmaridou, 2000) aponta que alguns parâmetros de ocorrência da dêixis correspondem à identidade dos participantes na interação e na situação de comunicação, ou seja, correspondem à localização e orientação dos sujeitos no espaço, qualquer ação indicativa que performarem, e o tempo da interação. Contudo, em relação às condições de verdade, estas não podem ser aplicadas a um termo dêitico, pois dêiticos são contextualmente dependentes, e condições de verdade não fazem referência a parâmetros contextuais de sentido. Portanto, dêiticos podem ser constantemente descritos como estando na fronteira entre semântica e pragmática (Carston, 1998, p. 54 *apud* Marmaridou, 2000). Marmaridou (2000) argumenta que a dêixis é uma categoria pragmática correspondente, do ponto de vista cognitivo, a um modelo cognitivo idealizado (MCI).

Citando Lyons (1977), a autora apresenta a seguinte designação:

[...] a localização e identificação de pessoas, objetos, eventos, processos e atividades sobre os quais se está falando ou referindo, em relação ao contexto espaço-temporal criado e sustentado pela ação de interação e participação nisso, tipicamente, de um falante e ao menos um interlocutor direcionado (Lyons, 1977, p. 637 *apud* Marmaridou, 2000).

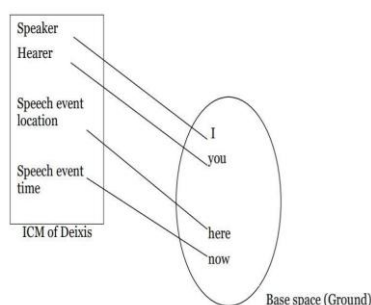
Marmaridou (2000), contudo, afirma que descrições e definições mais tradicionais da dêixis são utilizadas para criar uma distinção entre o que é e o que não é uma categoria dêitica.

Tradicionalmente, a dêixis é categorizada com definições de pessoa, lugar, tempo, discurso e uso social. Porém, definições mais rígidas das categorias e fenômenos dêiticos não justificam a natureza dos dados e são fragmentadas. Essa provocação da autora é pertinente, visto que, de início, afirmamos que a dêixis é um fenômeno da linguagem humana que é intrinsecamente dependente de parâmetros contextuais, no e do espaço-tempo. Ou seja, as definições mais tradicionais da dêixis propiciam apenas descrições parciais do fenômeno.

A partir de uma abordagem cognitiva, Marmaridou (2000) define o MCI da dêixis como sendo uma estrutura CENTRO-PERIFERIA. A autora, também, afirma que no MCI da dêixis o falante é o centro, e a periferia implica o objeto dêitico como uma entidade localizada no espaço-tempo. O MCI da dêixis é uma estrutura fundamental para compreendermos a polissemia do fenômeno dêitico. Ferrari (2014) afirma que, se um item linguístico particular se

encaixa perfeitamente dentro do MCI da dêixis, então essa ocorrência é um membro mais prototípico da categoria dêitica. Para ilustrar melhor os sentidos dêíticos mais prototípicos, Ferrari propõe a seguinte ilustração (Ferrari, 2014, p. 105):

Figura 7 – MCI da dêixis e Espaço Base



Fonte: Ferrari (2014).

A ilustração proposta pela autora demonstra que o MCI da dêixis inclui os elementos principais de um evento de interação: falante, ouvinte, localização, e tempo. Fontes e Ferrari (2010) apontam que, com base na teoria aristotélica, as categorias se organizam e são organizadas com base no conceito de que para algo pertencer a uma determinada categoria, esse algo deve possuir um conjunto rígido de características essenciais e suficientes. Ou seja, pressupõe-se a existência de uma estrutura prototípica e nuclear, a qual todos os membros de uma categoria devem se ajustar.

Contudo, é possível questionar essa teoria quando se observa que alguns membros de categorias são considerados melhores e mais proeminentes que outros. Com base em estudos da Psicologia Cognitiva, promovidos por Eleonor Rosch (1973, 1978), em relação à categorização semântica, é possível afirmar que categorias não são formas estanques, mas sim, radiais e flexíveis. Tais pressupostos influenciaram várias pesquisas em linguística e levantasse, então, a ideia da radialidade das categorias (Lakoff, 1987).

Discutindo acerca das construções relacionadas ao locativo “*there*”, no inglês, por exemplo, Lakoff (1987) descreve o MCI da dêixis da seguinte forma:

É assumido que um fundo de certa entidade existe e está presente em dada localização do campo visual do falante, e que o falante está direcionando a sua atenção para isso, e que o ouvinte está interessado no paradeiro disso, mas não está necessariamente com sua atenção focada nesta entidade. O falante, então, direciona a atenção do ouvinte para a localização da entidade (talvez acompanhado de um gesto de apontar) e traz a atenção do ouvinte para a localização específica da entidade [...] (Lakoff, 1987, p. 490).

Lakoff (1987) argumenta que essa ocorrência é prototípica, pensando-se no MCI da dêixis, que seria o ato de apontar indicando uma entidade no espaço-tempo. Essa estrutura mais prototípica motiva vários usos.

O MCI da dêixis envolveria, então, a ação linguística de apontar para uma entidade no espaço, ação performada por um falante autorizado e direcionada para um endereço não-focalizado. Marmaridou (2000) afirma que a representação primitiva da intenção e interação humanas está, provavelmente, no centro do fenômeno dêitico.

Acerca do estudo da dêixis, Marmaridou (2000) enfatiza, ainda, que expressões dêíticas em inglês apresentam uma natureza polissêmica e o que ela considera uma estrutura semântica radial, ordenada a partir de um MCI ligado ao ato de apontar. Membros dêíticos prototípicos, centrais, possuem características desse modelo, enquanto membros não-centrais, e menos prototípicos, se configuram com características primordiais do centro, só que com características menos evidentes de pertencimento à categoria.

Em relação à multimodalidade, segundo Avelar e colaboradores (2021), ocorrências verbo-gestuais dos dêíticos locativos possuem propriedades escalares. Um membro do centro mais prototípico pode ser relacionado a objetos e entidades mais concretas presentes na interação imediata em dados da Língua Inglesa apresentados pelas autoras. Os usos mais convencionalizados nas ocorrências do Português Brasileiro estão relacionados a referentes abstratos, contudo, o centro categorial não é determinado apenas pela frequência, mas pelo modo com que as ocorrências se adequam ao centro dêitico, dentro do MCI. Nesse sentido, usos metafóricos, e gestos que desempenham funções referenciais menos prototípicas podem ser considerados ainda mais periféricos para o MCI da dêixis (Avelar *et al.*, 2021). Em se tratando da metáfora, na subseção a seguir, trazemos algumas considerações ancoradas em considerações teóricas da LC.

2.3.1 Metáfora e Metaforicidade

Se a LC enfoca o experiencialismo dos indivíduos com o mundo, então, dispositivos teóricos desse campo de estudo se debruçam sobre a relação da linguagem com a cognição e o corpo das pessoas. Para Ferrari (2011), não se pode apartar uma investigação da mente humana da experiência corpórea, de modo que a experiência, a realidade e a cognição são concebidas a partir de uma ancoragem corporal. É por esse motivo que pesquisas dentro da LC se interessam pelo intercâmbio dos estudos da linguagem, em si, com outras modalidades semânticas, que é o caso dos gestos. De acordo com Cienki (2016), essa confluência de áreas tem proporcionado

comprovações empíricas acerca de fenômenos relacionados ao sistema conceptual humano, considerações que antes eram apenas intuitivas. Para o autor, a metáfora, por exemplo, é um dos fenômenos que mais ganhou atenção dentro da LC e EG, visto que a metáfora é um fenômeno mental, não apenas linguístico, mas que se reflete nos gestos e demais ações corporais dos falantes (Cienki, 2016).

No âmbito de uma proposta que estabelece um paradigma da LC, Lakoff e Johnson (1980) advogam que o nosso sistema conceptual é amplamente metafórico, ou seja, o modo que pensamos, experienciamos, o que fazemos em nosso cotidiano se dá por meio de metáforas. A metáfora conceptual é, então, não-arbitrária, e está baseada nas experiências culturais e físicas (corpóreas) dos seres humanos. A fim de exemplificar e argumentar sobre a organização de um sistema conceptual que é metafórico, os autores (1980) apresentam a construção cognitiva e social da metáfora DISCUSSÃO É GUERRA. Nas culturas ocidentais, nós não apenas tratamos dos nossos argumentos em termos de guerra, em termos bélicos, mas efetivamente perdemos ou vencemos argumentações.

Outros indivíduos, dentro de uma interação argumentativa, são vistos como oponentes, de modo que atacamos as posições de outras pessoas e defendemos as nossas próprias concepções. Ou seja, muitas coisas que fazemos em uma argumentação são estruturadas pelo domínio-fonte da guerra (Lakoff; Johnson, 1980). Assim, dentro de uma interface de trabalho que coaduna a Linguística Cognitiva e os Estudos de Gesto, advogamos que as metáforas conceptuais, junto com conceptualizações culturais e percepções convencionalizadas em relação à experiência humana no mundo são, também, materializadas nos gestos.

As metáforas conceptuais, precisamente, moldam a forma como compreendemos um evento social, como também o vocabulário utilizado nesse evento social. A saber, o tempo, na cultura ocidental, é um recurso utilizado para concretização e organização de objetivos. Assim, a metáfora conceptual TEMPO É DINHEIRO instancia as relações do mundo do trabalho, no qual o tempo é um recurso quantificado. Dessa forma, por meio das metáforas, moldamos a nossa compreensão de vida e mundo, de modo a mobilizar em uma escala de compreensão humana o sentido de conceitos mais abstratos, de modo que possam ser entendidos de modo mais complexo (Lakoff; Johnson, 1980).

Para Lakoff & Johnson (1980), o fenômeno da metáfora é processado a partir do nosso sistema conceptual, e esse sistema pode ser analisado com base em aspectos cotidianos, dentre eles, a própria linguagem. Relacionando a experiência e o sistema sensorial humano, os autores definem três tipos de metáforas conceptuais que estruturam o modo que agimos,

percebemos e pensamos. Estes são: (i) metáforas orientacionais; (ii) as metáforas ontológicas; (iii) metáforas estruturais.

Aqui, iremos nos ater apenas às metáforas estruturais, que ocorrem quando um conceito abstrato é estruturado metaforicamente com termos e aspectos de outro conceito que é de natureza mais concreta, a saber, quando se tem um domínio-fonte e um domínio-alvo (Lakoff; Johnson, 1980). A nível de exemplificação, Ferrari (2011) comenta a metáfora AMOR É VIAGEM, que se reflete em diferentes expressões metafóricas. Por exemplo:

- (i) O relacionamento chegou a um beco sem saída.

Como já apontamos anteriormente, a compreensão da Metáfora como um fenômeno conceptual mais amplo ganhou reconhecimento empírico com pesquisas como as de gestos, realizadas por McNeill (1992, 2005). De acordo com o autor, os gestos metafóricos são incluídos como um dos quatro tipos de gestos espontâneos que coocorrem com a fala. Estes são: (i) Rítmicos, que originalmente, no inglês, são chamados de *beats*, em alusão a uma marcação musical rítmica, visto que em ocorrências gestuais do tipo as mãos se movem de acordo com a marcação rítmica da fala; (ii) Dêiticos, que possuem a função primária de indicar eventos, ações e objetos no mundo material, mas que também indexicalizam instâncias que não são físicas; (iii) Icônicos, que representam características de ações e eventos descritos ou narrados, sendo reconhecíveis por sua forma e conteúdo; (iv) Metafóricos que, para McNeill (1995), são similares aos Icônicos em aspectos imagéticos, contudo o conteúdo imagético é referente a uma ideia/entidade abstrata, do que a um objeto ou evento concretos. Ou seja, para o autor (1995), o gesto representa uma metáfora conceptual (Mc Neill, 1995 *apud* Lisboa, 2021). A partir de estudos mais recentes, passamos a compreender que os gestos podem ser analisados como expressões de metáforas conceptuais. Avelar e Mendes (2015), por exemplo, em concordância com Cienki e Müller (2008), apontam que os gestos não apenas ilustram o conteúdo semântico verbalizado, mas que também são modos independentes de articulação, podendo, inclusive, ativar a metaforicidade, mesmo quando estas metáforas não são ativadas pelo conteúdo verbal. Assim, Avelar e Mendes (2015) afirma que os “gestos podem descrever especificamente elementos do domínio-fonte de uma metáfora”⁸, algo que não acontece na modalidade verbal – em que se pode veicular, apenas, o domínio-alvo de uma metáfora.

⁸ Gestures can specifically describe elements from the source domain of a metaphor.

Conforme os trabalhos de Passos (2021), Avelar e Ferrari (2017) e Avelar, Ferrari e Pacheco (2022) acerca da metaforicidade e MCI da dêixis, quanto mais próxima uma ocorrência verbo-gestual está do centro dêitico, menos metaforicidade será ativada nas interações investigadas, por outro lado, quanto mais distante uma categoria está do centro dêitico, mais metaforicidade pode ser ativada, bem como maior o grau de abstração. Ou seja, os casos periféricos são extensões metafóricas do centro prototípico, e costumam desempenhar funções pragmáticas e discursivas.

De acordo com Müller (2008 *apud* Avelar *et al.*, 2021), metáforas devem ser analisadas em seus usos, provenientes da coleta de dados utilizados em contextos reais de fala, afinal, o a metaforicidade é ativada em processos interativos *online*, operando como poderosas fontes multimodais de construção de sentidos, na interação. Esse processo permite que falantes estabeleçam compreensão mútua, por meio elaboração de sentido metafórico. Verificaremos, na subseção 3.2, tais desdobramentos em alguns exemplos abordados por Avelar e Ferrari (2017), envolvendo fala e gestos.

Na seção seguinte, discutiremos, mais precisamente, a associação teórica existente entre os dêíticos locativos e os gestos de apontar.

3 OS GESTOS DE APONTAR CORRELACIONADOS AOS DÊITICOS LOCATIVOS: USOS CONCRETOS E ABSTRATOS

Gestos, para Kendon (2013) são enunciados de ação visíveis. Com base em padrões de posicionamento das mãos no espaço que os participantes, de uma determinada interação, provêm, pode-se apreender informações sobre a natureza e o nível de envolvimento dos falantes em uma dada situação comunicativa. Ações direcionadas a objetos ou configurações do ambiente de interação fornecem informações sobre os desejos, objetivos e interesses das pessoas (Kendon, 2013).

Kendon (2004) propõe o conceito de excursão gestual, em que o gesto manual possui três fases principais: preparação, na qual ocorre o movimento inicial da mão; núcleo, no qual é manifestada a dinâmica de movimento de “esforço” e “formato” com melhor clareza; e descanso (retração), em que a mão relaxa ou é recuada.

Nos Estudos de Gesto em interface com a Linguística Cognitiva, as expressões dêiticas são frequentemente associadas aos Gestos de Apontar (Kendon, 2004). Tais ações estabelecem uma relação referencial entre a fala e as condições de espaço e tempo em que ocorrem (Avelar; Ferrari, 2017).

Figura 8 – Gestos de Apontar



Fonte: (Kendon, 2004).

Conforme Kendon (2004), estas ações são descritas em sete tipos de gestos manuais, que se diferenciam em termos de formato das mãos e combinação com a posição rotacional do

antebraço. Então, de acordo com o autor, estes gestos são, como está ilustrado na figura acima: (A) *Dedo Indicador Estendido Neutro* (palma vertical); (B) *Dedo Indicador Estendido Pronado* (palma para baixo); (C) *Polegar*; (D) *Mão Aberta Neutra* (palma vertical); (E) *Mão Aberta Supinada* (palma para cima); (F) *Mão Aberta Oblíqua* (palma oblíqua); (G) *Mão Aberta Pronada* (palma para fora) (Kendon, 2004, p. 206).

Na subseção a seguir, apresentamos algumas considerações sobre funções referenciais dos gestos de apontar e suas operacionalizações mais prototípicas, se pensando no uso das mãos.

3.1 Gestos de apontar e função referencial: usos concretos e abstratos

Apontar é frequentemente tratado como uma ação simples, como uma técnica primitiva de se referenciar, uma forma de, diretamente, indicar entidades no meio ambiente imediato, o que afasta a complexidade da formulação acerca do que de fato está sendo indicado, se pensando em sistemas semióticos mais complexos como a linguagem (Goodwin, 2003 *apud* Streeck, 2009).

Uma questão central da ação de apontar, por exemplo, é que ela deve conter ao menos dois participantes, em que um deve estabelecer um espaço particular como um foco compartilhado de organização de cognição e ação. A ação significativa de apontar, com base em Goodwin (2003 *apud* Streeck, 2009) requer algumas fontes semióticas que propiciam a ocorrência da ação, tais como: (a) um corpo visivelmente performando uma ação de apontar; (b) o discurso elaborado por ambos e por meio da ação de apontar; (c) as propriedades do espaço/objeto que são o alvo que está sendo apontado; (d) a orientação dos participantes, na qual tanto eles quanto o espaço são o *locus* da ação de apontar; (e) a ampla atividade em que a ação de apontar está embutida.

Apontar, para Goodwin (2003 *apud* Streeck, 2009), consiste, então, em uma ação realizada através da justaposição de tipos muito diferentes de fenômenos e estruturas semióticas. É possível observar um quadro que instancia múltiplas ações dos participantes, fomentadas pela ação de apontar, mas também elementos que motivam, instanciam e ajustam as ações corporais que apontam, por meio das mãos, direção do olhar ou outras partes do corpo. No geral, são as ações responsivas que se seguem após o endereçamento do alvo apontado, a diversidade da coleção de signos ligados às trocas comunicativas e suas diferentes propriedades (fala, gestos, estrutura visível do campo que está sendo apontado, mapeamento da área etc.) (Goodwin, 2003 *apud* Streeck, 2009). Pode-se afirmar que a organização da interação face a

face é compreendida como um sistema de atividade situada [*situated activity system*] (Goffman, 1961; C. Goodwin, 1996; M. H. Goodwin, 1990 *apud* Streeck, 2009).

Apontar e situar são ações indicativas — formas de indicação — mas são também apenas duas das várias formas possíveis. Clark (2003) trata, por exemplo, das diferenças entre direcionar (*directing-to*) e localizar (*placing for*) como duas formas de indicação. Ambas são ações de apontar de modo mais simples e prototípico, mas também podem ser configuradas como outras ações comunicativas (Clark, 2003). De modo prático, indicar é, fundamentalmente, segundo o autor, criar indexicalizações para coisas no espaço-tempo.

Quando se aponta para qualquer objeto visivelmente presente em uma interação imediata, por exemplo, indivíduos costumam utilizar o dedo indicador (*index*, em Latim) como um indexicalizador para esses objetos. Tal configuração se constitui como uma das práticas mais prototípicas dentro das ações de apontar e indicar, uma ação inteiramente concreta, direcionada a objetos presentes na interação.

Uma boa exemplificação é pensar em dois indivíduos andando em um estacionamento; um dos falantes pergunta ao outro “Qual carro é o seu?” e o outro sujeito responde apontando para um carro próximo. O falante que apontou, que indexalizou, espera que o outro esteja apto para configurar, de modo não-arbitrário, uma conexão entre o dedo que indica e o carro (Clark, 2003). Indicar um objeto no espaço deve levar os participantes da troca comunicativa a estabelecerem um foco de atenção no objeto apontado. Se um falante aponta o dedo indicador para um carro, essa ação consiste em mais do que apenas designar um objeto no espaço-tempo, mas consiste, também, em estabelecer a atenção dos demais indivíduos para uma localização particular (Clark, 2003). O estabelecimento de uma interpretação particular de um objeto é uma das dinâmicas para funcionamento de ações de indicar. Se um indivíduo aponta para um carro, há uma expectativa de que o outro falante possua a mesma interpretação acerca do que é um carro, por exemplo (Clark, 2003).

Para melhor ilustrar, podemos prover um exemplo dado por Goodwin (2010), que apresenta uma situação de interação que ocorre em uma escavação arqueológica, que serve de objeto de análise para o autor. No exemplo em questão, ocorre um tipo distinto de gesto de apontar em caráter duplo. Os participantes da interação estão tentando localizar na terra que está sendo escavada uma marcação apontada pelo mapa que Ray está segurando em uma prancheta. Quando Ray inicia sua fala, seu dedo indicador traça a forma do elemento que está sendo examinado no mapa. Ao agir assim, ele solicita a atenção de Jane (outra arqueóloga), o dedo destacando um ponto específico no mapa fornece uma maneira de mostrar a ela, e provavelmente ajustar para ele mesmo, a localização e forma precisa presente no mapa.

Figura 9 – Dados de Escavação de Goodwin (2003)

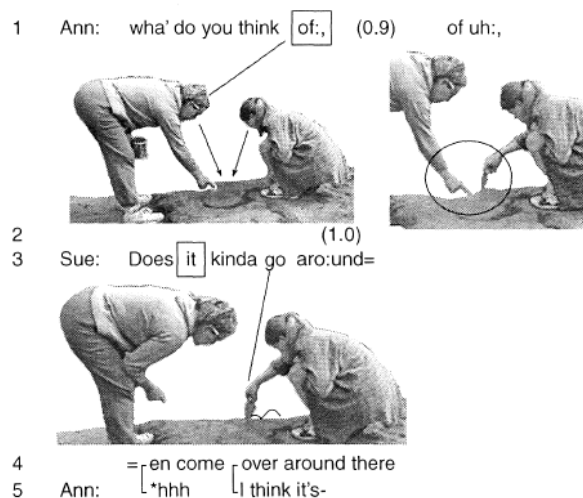


Ray: This is an **extra** thing here. (0.5) Little curve.

Fonte: Dados de Goodwin (2003 *apud* Streeck, 2009).

O dedo indicador de Ray permanece no mapa até o início da palavra *here*. E enquanto fala *here*, ele move o dedo indicador do mapa para um ponto direto marcado na terra. Assim, ao pronunciar a palavra (*here*) o falante aponta para dois espaços bastante distintos, embora intimamente ligados. Ou seja, ao invés de fazer pontos duplos com partes separadas de seu corpo (por exemplo, olhar e mão), um único gesto de movimento da mão aponta para dois espaços bastante diferentes, ambos contendo o que está sendo indicado. O exemplo supracitado demonstra o modo que os sujeitos estabelecem espaços de interação multimodais. Importante frisar, mais uma vez, que multimodal, aqui, significa uma ação (verbal, ou não) que emerge a partir da combinação de signos e elementos que são distintos entre si, de acordo Cruz (2016), como gestos manuais, fala, direção do olhar, e objetos no espaço que são utilizados pelos falantes, por exemplo.

Apresentamos, a seguir, outra ilustração dada por Goodwin (2003 *apud* Streeck, 2009), de seus dados de escavação de um projeto de arqueologia. Ann, uma diretora de um projeto de arqueologia, interage com Sue, uma estudante de graduação, em sua primeira escavação, sobre um achado.

Figura 10 – Dados de Escavação de Goodwin (2003)

Fonte: Dados de Goodwin (2003 *apud* Streeck, 2009).

É importante observar que a construção do sentido geral da interação não se dá somente pelos gestos, nem pela fala, ou somente pela perspectiva dos falantes e sujeitos, mas pela junção de todos esses elementos. Percebe-se que Ann direciona uma pergunta a Sue que, em termos sintáticos, se mostra incompleta, mas Ann gesticula, realizando um gesto em que ela tenta desenhar as formas do achado arqueológico, apontando para o objeto e preenchendo o referente “this”. Portanto, Sue apreende o sentido da pergunta de Ann por meio da fala, mas também do gesto em que se desenha o objeto, ou seja, Sue visualiza as formas apontadas por Ann com base na fala e no gesto executado.

Esse exemplo nos fornece uma forte evidência do modo que os gestos de apontar, associados aos dêiticos locativos referenciam elementos materiais presentes na interação. Ann utiliza o gesto de apontar não apenas com a finalidade de capturar a atenção de Sue para o objeto na terra, na escavação, mas também para indicar formas desse objeto, além de solicitar a opinião da colega acerca do artefato. É tal função referencial e prototípica dos gestos de apontar que permitem a compreensão mais completa de determinadas interações.

Todavia, de um ponto de vista referencial, em seus usos prototípicos, os gestos de apontar se referem tanto ao espaço físico e imediato compartilhado pelos falantes quanto a um objeto concreto presente no ambiente de interação. Entretanto, em usos menos prototípicos, estes gestos também se referem à estruturação e esquematização de ideias do falante, de acordo com Mc Neill e colaboradores (1993). Deste modo, compreendemos que há tanto uma utilização da dêixis referente à localização do e no espaço concreto, como também uma utilização dêitica que se constitui como abstrata, correspondendo à localização metafórica de objetos, pessoas ou ideias (Mc Neill; Cassel; Levy, 1993).

De acordo com McNeill e colaboradores (1993), apontar para espaços vazios é uma parte integrante do processo de contar histórias — considerando que o autor utiliza a estrutura de narrativas para explicar como os elementos verbo-gestuais são evocados no momento de se contar histórias, narrar, conversar. A ação de apontar para espaços vazios concede a elementos abstratos um determinado grau de concretude e de realidade física, pois simula a presença de objetos e entidades no espaço para o qual se aponta. Essa é, na verdade, a principal função da dêixis abstrata.

Apontar, para McNeill e colaboradores (1993), não é compreendido como uma ação simples. Basicamente, possui três componentes básicos: um ponto de origem, ou *origo* (Bühler, 1934; 1982 *apud* McNeill *et al.*, 1993), um alvo, e uma linha icônica ou trajetória ligando o ponto de origem ao ponto alvo. Esquemáticamente, gestos de apontar abstratos ou concretos possuem a mesma forma:

Origem  Objeto Referente (alvo)

A dependência da dêixis em relação a parâmetros contextuais das situações de interação é descrita a partir de um princípio de egocentricidade. Russell (1905 *apud* Marmaridou, 2000) nomeia os termos dêiticos como particularidades egocêntricas, visto que a dêixis se organiza, dentro de um evento comunicativo, posicionando o falante como um centro dêitico. A exemplo, a dêixis pessoal é instanciada pelo papel do falante na interação; o tempo dêitico se relaciona ao tempo em que o falante produz a sua interação; a dêixis locativa faz referência à localização do falante no tempo de interação.

Fillmore (1971 *apud* Marmaridou, 2000) propõe que há dois tipos de usos dêiticos: uso gestual e uso simbólico. A nível de exemplificação, o autor apresenta a seguinte frase:

(i) *Eu não concordo com você, mas com você.*

Segundo o autor, tal sentença só pode ser compreendida se o falante estabelece, também, junto com a fala, algum tipo de contato visual com o interlocutor, ou interlocutores, para indicar a identificação de quem e para quem a fala está sendo direcionada. Além disso, o exemplo demonstra a mobilidade e flexibilidade dos dêiticos, uma vez que cada uso do “você” se refere a um interlocutor distinto. Se esse falante não provê nenhum tipo de sinal físico na enunciação dessa fala, possivelmente ele irá falhar na sua intenção comunicativa.

Em contraste com uso gestual, o uso simbólico de expressões dêíticas requer conhecimento dos parâmetros espaço-temporais básicos do evento de interação, ou parâmetros sociais. Por exemplo, segundo Fillmore (1971 *apud* Marmaridou, 2000), se alguém diz:

(ii) *Este quarto está mal iluminado.*

Isso é suficiente para saber que a localização geral do falante, no local que está sendo descrito, é o bastante para entender o que foi dito. Não há necessidade de nenhum gesto de apontar, ou sinalização física para que se alcance o entendimento. Ainda argumentando acerca das definições mais tradicionais da dêixis, Marmaridou (2000) apresenta o seguinte exemplo, em língua inglesa:

(iii) *There we go again.*

Como mencionado anteriormente, esse uso do termo dêítico “there” é tradicionalmente considerado não-dêítico, visto que não faz referência à localização relativa do falante. Esse uso é também descrito como não-anafórico (não referencial), e com isso, ele não referenciaria uma localização estabelecida previamente, ou, em termos discursivos, não referenciaria nada que foi dito anteriormente na fala. Segundo Marmaridou (2000), dentro de uma tradição dos estudos dêíticos, foricidade e dêixis são fenômenos prototipicamente incompatíveis. Entretanto, a autora defende que dêixis e não-foricidade não apenas são compatíveis entre si, como também reforçam, deixam mais proeminentes, um ao outro.

A seguir, apresentamos algumas notas e apontamentos sobre a estruturação cognitiva de narrativas e de que modo a dêixis locativa em associação com os gestos de apontar pode emergir nesse contexto.

3.1.1 A estruturação cognitiva das narrativas e a dêixis locativa multimodal

Com base em van Krieken, Sanders e Sweetser (2019, p. 243 *apud* Graça, 2021), grande parte da comunicação humana está ancorada na narração de eventos e ações situados em algum espaço-tempo, posterior ou anterior (mais comum), ao espaço-tempo em que a troca comunicativa ocorre. Ou seja, pode-se afirmar que a linguagem fornece ferramentas para posicionar eventos no passado e no futuro, estabelecendo relação desses eventos com a comunicação presente (Graça, 2021). Nesse sentido, Krieken, Sanders e Sweetser (2019)

afirmam que a linguagem é o mecanismo utilizado para se “viajar pelo tempo” e através de mundos, que não poderiam ser diretamente experienciados pelo nosso próprio ponto de vista presente. Esse potencial pode ser explorado por meio do discurso narrativo.

Graça (2021) aponta que tanto histórias ficcionais quanto não-ficcionais podem representar, conectar e desconectar um número potencialmente infinito de *frames* temporais e pontos de vista. Ainda de acordo com a autora, a manutenção de histórias/narrativas depende da habilidade do comunicador de administrar seu próprio ponto de vista da interação em questão, articulando-o com outros pontos de vista alternativos ancorados em diferentes linhas temporais, ajustando a comunicação. Em relação à modalidade gestual, especificamente, McNeill (1995 *apud* Lisboa, 2021) debruçou-se sobre a análise dessa modalidade em narrativas, não apenas na modalidade verbal. O autor aponta que os gestos que emergem em narrativas apresentam uma correspondência com estrutura da própria narração, que se refere à série de eventos que constroem o processo de comunicação de histórias.

Em conversas, por exemplo, com base em McNeill e colaboradores (1993), não há necessariamente uma linha narrativa bem definida, mas algo equivalente, visto que os falantes provêm uma série de elementos para a continuidade da interação a respeito de um tópico ou temática específica, por meio da utilização de gestos referenciais. O contexto gestual é, também, similar: os falantes apontam para novos episódios e personagens; apontam para o espaço quando introduzem novos temas, havendo uma abundância de gestos dêiticos abstratos quando novos tópicos estão sendo introduzidos.

Abordaremos, no quadro a seguir, o processo de se contar histórias, que é a situação comunicativa na qual McNeill, Cassell e Levy (1993) analisaram a dêixis abstrata e os gestos de apontar que desempenham função referencial e co-ocorrem com enunciados verbais contendo itens dêitico-espaciais. Segundo os autores (1993), a divisão da narrativa se dá em três níveis:

Figura 11 – Níveis narrativos

Linha de evento	Nível Narrativo
Narrativa interpessoal	Paranarrativo
Visualização da representação	Metanarrativo
Texto visual, A história	
	Narrativo

Fonte: Adaptado e traduzido de McNeill (1993).

O nível narrativo é referente ao nível da história narrada propriamente dita, ou seja, à compreensão e localização dos eventos, objetos e cenários da narrativa. O nível metanarrativo é evidenciado quando o narrador faz menção ao ato de narrar, utilizando referências à estrutura da história, do evento narrado. O nível paranarrativo ocorre quando os falantes falam como si próprios, fora da situação narrativa e adotando o papel como participantes em uma situação socialmente definida por falantes e ouvintes.

McNeill (1995 *apud* Lisboa, 2021) aponta que determinados gestos que emergem em narrativas são correspondentes à estrutura da própria narração. Além disso, o processo de construção de histórias parte sempre de um falante para ouvintes direcionados. A estruturação narrativa é atravessada, pensando em estruturas multimodais, por: espaço e tempo; perspectiva; distância entre narrador e eventos narrados; articulação entre partes sequenciadas do que está sendo narrado. Para além disso, Lisboa (2021), citando McNeill (1995), enfatiza o caráter não bidimensional da linguagem narrativa, que se constrói com eixos interseccionais sintagmáticos e paradigmáticos. Assim, segundo Lisboa (2021), a narrativa possui uma estrutura tridimensional, com uma dimensão imagética que é visual e cinética, como também holística e analítica.

Gestos dêiticos são, portanto, um importante recurso para os narradores diagramarem o enredo, a estrutura de suas histórias. O espaço físico imediato se torna um espaço de várias possibilidades referenciais (McNeill; Cassel; Levy, 1993)

Para McNeill, Cassel e Levy (1993) os gestos de apontar apresentam distintos valores semióticos, que estão relacionados a diferentes níveis narrativos (metanarrativo; narrativo; e paranarrativo. Avelar (2016) provê uma adaptação metodológica dos níveis narrativos abordados por McNeill e colaboradores (1993).

A autora (2016) replica os níveis propostos da seguinte forma:

- a) Nível metadiscursivo: no qual o falante irá abordar questões muito relativas à própria ação de narrar, de descrever, de argumentar;
- b) Nível discursivo: é o nível em que o falante relata uma sequência de eventos/argumentos;
- c) Nível paradiscursivo: no qual o falante irá se distanciar da situação descrita/narrada e estabelece, assim, um contato direto, em sua posição social de falante, com o(s) ouvinte(s).

Para Cienki e colaboradores (2019), a dêixis espacial, especialmente, é fundamental para indicar nossas relações com o mundo físico e pode prover *insights* sobre como nós interagimos conceptualmente entre nós mesmos e com o mundo. A conceptualização da dêixis

espacial, ou locativa, é entendida como uma variação contínua de entidades que são mais concretas para mais abstratas. Além disso, usos metaforizados dos gestos de apontar conservam traços prototípicos locativos, relacionados ao domínio-fonte do espaço. Entretanto, essas ocorrências são utilizadas para demarcar, no domínio-alvo, ideias abstratas, objetos ou entidades.

Cienki e colaboradores (2019) afirmam que em contraste com outras línguas que possuem pronomes adverbiais de espaço/lugar que se distinguem de dois modos, como é o “here” e o “there” no Inglês, o Português Brasileiro fornece aos sujeitos quatro modos distintos de estruturas pronominais e adverbiais locativas, que são “aqui”, “aí”, “ali” e “lá”. Acerca do “lá”, categoria locativa que é objeto de análise do presente trabalho, os autores apontam que o aspecto distintivo que faz o locativo (lá) ser evocado, é que ele é utilizado para designar uma “localização distante do falante e do interlocutor” (Cienki *et al.*, 2019).

Acerca do locativo “lá”, no português brasileiro, na descrição gramatical do português, das mais tradicionais, ele é situado na classe dos advérbios, considerado de “extrema mobilidade semântica e funcional”, de acordo com Bechara (1999, p. 288 *apud* Oliveira, 2018). Na identificação de usos mais conectivos de certos advérbios, Camara Jr. (1979, p. 123 *apud* Oliveira, 2018) alerta para a necessidade de se observar certas diretrizes que devem ser *pesquisadas, descritas* e, também, *classificadas* no tratamento dessas categorias locativas, a fim de que se retire uma certa marca de arbitrariedade com a qual são descritas. Oliveira (2018) aponta para estudos mais recentes sobre língua portuguesa do Brasil que descrevem a categoria adverbial como uma classe pouco nítida, de contornos difusos e que são normalmente integradas por membros gramaticais muito distintos.

Oliveira (2018) se debruçou sobre a investigação do “lá” como afixoide sendo subparte de construções do português brasileiro. A partícula pôde ser observada pela autora (2018) como conectora textual (*lá vai, lá está*), como marcadora discursiva (*vamos lá, olhe lá*) e até com intensificadora de grau (em *para lá de bonita, para lá de charmoso*). Oliveira (2018) defende que o uso de “lá” nesses três esquemas se motiva por inferências que são negociadas entre os interlocutores, a partir de propriedades do locativo, relativas ao tipo de espacialização que é perspectivada, no apontamento de um local mais distante e vago em relação aos outros conceptualizadores (interlocutores). Tais usos da subparte “lá”, que interpretamos como um dêitico locativo-espacial, nos interessa devido às considerações da autora sobre aspectos espaciais e de lugar que são importantes para a construção e perspectivação dos sujeitos em relação aos usos.

Especificamente no caso de locativos como o “lá”, há uma dita imprecisão categorial, que se manifesta de modo mais acentuado. Illari et al (1990 *apud* Oliveira, 2018) descreve o “lá” como um advérbio *não-predicativo*, e nos termos de Neves (2000 *apud* Oliveira, 2018) é um *não-modificador*.

Para Oliveira (2018), determinados padrões construcionais do português brasileiro possuem como subpartes a partícula locativa *lá*. Oliveira (2018) hipotetizou que propriedades de sentido do *lá*, relativas à perspectivação espacial, e de forma, motivam a seleção da partícula como subparte em determinadas construções. Nos termos de Booij (2010, 2013 *apud* Oliveira, 2018), define-se *afixoide* como categoria que se situa no intervalo entre termos lexicais, que são de conteúdo mais pleno, como é o caso das categorias nominais e verbais. Oliveira (2018) define *construção* como um pareamento convencional que se dá entre a forma e a função. Assim, a autora assume que, de certa forma, o sentido da construção não corresponde apenas à soma do sentido das subpartes que estão envolvidas no processo, também, cada subparte instancia a construção como um todo. É desse modo que traços de sentido do afixoide “lá”, como os que são atinentes a níveis de proximidade dos interlocutores, na articulação de sentidos vagos e imprecisos que são veiculados, impactam e motivam, de algum modo, a instanciação em determinadas construções (Oliveira, 2018).

Ao citar Batoréo (2000), Oliveira (2018) destaca que o espaço é considerado um domínio bastante transparente e, também, complexo na interrelação existente entre Linguagem e Cognição e, desse modo, esquemas espaciais são recrutados para esquemas compostos por expressões que não possuem caráter espacial. Ferrari (2011), por exemplo, declara que nós podemos recorrer a um conhecimento que tem base experiencial relativo ao espaço e o projetamos em um domínio abstrato relacionado a tempo. Isso se relaciona e retoma uma clássica derivação de base localista que é espaço > tempo > texto, que é uma proposição de Traugott e Heine (1991 *apud* Oliveira, 2018).

Em estruturas construcionais em que há o uso da subparte “lá”, como em “lá vai”, por exemplo, Oliveira (2018) afirma que tanto o locativo *lá*, quanto o elemento verbal mais nuclear perdem traços de sua categoria prototípica, de modo a formar um pareamento com função mais gramatical, num nível de conexão textual, ou do discurso.

Descrevemos, até o momento, o funcionamento prototípico da dêixis. Em seguida, delineamos considerações mais basilares acerca dos gestos de apontar, em associação com a dêixis de lugar (locativa), exercendo as funções de referenciar e indexicalizar. Contudo, verificamos que, dentro de interações, os gestos de apontar nem sempre desempenham a função referencial. Assim, a relação entre gestos — tanto os de apontar, quanto outros - que

desempenham funções pragmáticas e discursivas e a fala com a qual co-ocorrem apresentam-se, também, como um campo produtivo de investigação.

Na subseção a seguir, discutimos os usos pragmáticos dos gestos de apontar associados à dêixis locativa.

3.2 Funções pragmáticas dos gestos de apontar

De acordo com Müller (2008) gestos são multidimensionais e multifuncionais e, desse modo, com base na autora, é complexo defini-los observando os usos cotidianos em distintos contextos de interação comunicativa. Assim como as classes de palavras, os gestos podem desempenhar várias funções ao mesmo tempo (daí parte o aspecto da multifuncionalidade) e, também, são multidimensionais, porque cada dimensão de suas performances (como amplitude gestual, dinâmicas dos gestos, posição local do gesto no espaço, bem como a temporal dentro da interação verbal) podem determinar certas propriedades semânticas e pragmáticas que levam a funções e sentidos finais da ação corporal. Ou seja, isso implica que cada performance gestual possui um aspecto pragmático e, *lato sensu*, todo gesto seria, então, um gesto pragmático (Payrató; Teßendorf, 2014 *apud* Müller, 2008).

Stricto sensu, quando nos referimos aos chamados gestos pragmáticos, apontamos para determinados gestos que são melhor adaptados aos propósitos pragmáticos da interação cotidiana (Payrató; Teßendorf, 2014, p. 1532). Ou seja, dentro de uma tradição de estudos gestuais, os gestos pragmáticos englobariam as chamadas Famílias Gestuais⁹, os Gestos Recorrentes (Ladewig, 2010, 2011, 2014; Müller, 2008) e Gestos de Manutenção do Discurso (Streeck, 2009; 2011).

Kendon (2004) aponta que os gestos considerados pragmáticos servem de várias maneiras como marcadores de um enunciado falado, como operadores gramaticais e semânticos, ou como pontuadores de um discurso falado. Kendon (2004 *apud* Graça, 2021) propõe quatro funções pragmáticas. Estas são: i) função operacional, quando a ação corporal assume uma função de operador em relação ao enunciado falado; ii) função performativa, quando o gesto marca a força ilocucionária de um determinado enunciado, indicando uma pergunta, pedido ou rejeição; iii) função modal, que ocorre quando um certo gesto marca a postura de um falante perante um determinado conteúdo proposicional, qualificando-o; iv)

⁹ Conferir trabalhos de Fricke, Bressemer e Müller (2014); Kendon (1995, 2004); Müller (2004); Graça (2021)

função analítica [*parsing*], quando o gesto marca aspectos da estrutura da fala (Bressem; Stein; Wegener, 2015 *apud* Graça, 2021). Payrató e Teßendorf (2014) apontam que um mesmo gesto pode desempenhar várias destas funções, dependendo de seu contexto de uso.

Neste momento, é necessário estabelecer uma importante distinção, visto que os gestos que denominamos como pragmáticos possuem diferentes leituras teóricas e mesmo nomenclaturas distintas. A saber, dentro de uma tradição dos Estudos de Gesto, gestos com funções interacionais, usados para marcar categorias gramaticais dentro da interação comunicativa, estabelecer turnos de fala, regular o comportamento de falantes e ouvintes, ou que são muito convencionalizados em comunidades de fala, são também chamados de Gestos Performativos, por Müller (2008). Numa classificação funcional acerca dos gestos, Müller Payrató; Teßendorf, (2014 *apud* Müller, 2008) estabelece uma distinção entre gestos que são utilizados, sobretudo, de modo referencial, daqueles que são usados de modo performativo, modal e discursivo. Sobre a categoria dos Gestos Performativos, Müller (2008) enfatiza que, ao contrário de outras categorias gestuais, a ação subjacente nestes gestos não é meramente exibida ou referida, mas sim efetivamente realizada. Mais recentemente, o termo Gestos Recorrentes será proposto e mais amplamente discutido por Ladewig (2014). Um gesto é considerado recorrente, quando é usado de modo repetido e recorrente em diferentes contextos e seu núcleo formal e semântico permanece estável nestes diferentes contextos para vários falantes (Ladewig, 2014).

Para Ladewig (2014), Gestos Recorrentes funcionam em coocorrência com a fala e podem formar um repertório de gestos que é compartilhado dentro de uma dada cultura. Recorrência, nesse contexto, refere-se à construção de um núcleo de forma que se correlaciona com um núcleo semântico (LADEWIG, 2014). Essas formas estáveis (os gestos recorrentes) consistem, então, em unidades de forma e significado que se repetem em diferentes contextos de uso, por diferentes falantes em determinadas comunidades de fala. Em suma, a relação entre o núcleo formal e o núcleo semântico dos Gestos Recorrentes é compreendida como motivada, a saber, o sentido desses gestos recorrentes deriva da sua forma (Ladewig, 2014, p. 1560). Para Ladewig (2014), normalmente os Gestos Recorrentes podem estar mais restritos a um ou dois parâmetros de movimento, ou configuração das mãos, como ocorre, por exemplo, nos gestos de *Mão Aberta Palma Para Cima*, em que as características proeminentes se referem aos parâmetros de formato de mão e orientação das palmas.

Ladewig (2014) afirma que o grupo de gestos que ela denomina como Recorrentes tem sido nomeado de “gestos pragmáticos”, “gestos com funções pragmáticas”, “gestos interacionais; ou gestos de manutenção da fala (*speech handling*) (Streeck, 2009). A autora

propõe a utilização de uma nomenclatura para esses tipos de gestos que, tradicionalmente, eram considerados pragmáticos, por três razões principais: (i) se referir apenas à função pragmática desse tipo de gesto não provê um mapeamento completo do fenômeno e até reduz o alcance funcional dessas ocorrências gestuais; (ii) o termo Gestos Recorrentes abarca características particulares dos gestos, como o caráter convencional e propriedades linguísticas; (iii) outros aspectos que não se limitam à instância pragmática podem ser trazidos à tona, de modo a dar conta da natureza semiótica desse tipo de gesto.

Compreende-se que a relação entre fala e gestos diz respeito à ocorrência das duas modalidades em sua relação temporal. Os Gestos Recorrentes, como outros gestos que coocorrem com a fala, interagem com a fala, contudo há variantes que instanciam a forma que tal relação ocorre. Quando utilizados de modo a desempenhar função referencial, em suma, representando um objeto, ação ou evento, por exemplo, os Gestos Recorrentes fornecem informações redundantes ou complementares para o conteúdo proposicional de um dado enunciado. Em casos assim, para Ladewig (2014, p. 1563) os Gestos Recorrentes são produzidos juntamente com as unidades verbais, sejam elas palavras ou frases. Assim a ação ou objeto representados pelos gestos estão descritos na fala.

Ladewig (2014) argumenta, ainda, que dentro de uma análise, por exemplo, a exclusão de variantes com função referencial de um determinado grupo ou classe de gestos não parece razoável, pois tais ocorrências demonstram a mesma forma e o mesmo significado que variantes gestuais que desempenham funções pragmáticas, primariamente. Em outras palavras, são variantes do mesmo gesto. Além disso, para a autora, variantes gestuais que desempenham função referencial, muitas vezes, podem refletir a origem semiótica de um gesto recorrente. Dessa forma, gestos interacionais ou pragmáticos compartilham a mesma base semiótica (forma-sentido) que outras variantes gestuais. Desse modo, Ladewig (2014) advoga que o termo “gestos recorrentes” engloba e reflete melhor a natureza de determinadas classes gestuais, de modo mais claro, não considerando apenas propriedades funcionais.

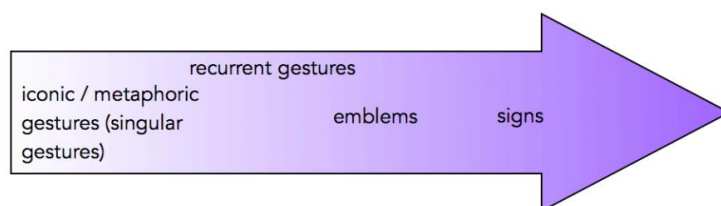
Do ponto de vista metodológico, Ladewig (2014) aponta que três diferentes aspectos devem ser investigados, detalhadamente, na análise dos gestos recorrentes, sendo estes a forma, o significado e a função. Tais aspectos são examinados tanto em um nível qualitativo, quanto em um nível quantitativo.

Determinar o núcleo formal e o núcleo semântico de um gesto recorrente é algo central para toda a análise deste tipo de gesto. Assim, pesquisadores não apenas identificarão as ocorrências de um gesto nos dados com base em sua forma, mas também com base no núcleo semântico, o que estabelece uma base de sentido e função de um gesto.

Outro ponto importante acerca dos Gestos Recorrentes é que eles podem veicular informação pragmática e semântica. Alguns estudiosos de Gestos e das Línguas de Sinais apontam que os gestos podem constituir sistemas linguísticos bastante desenvolvidos, de modo a operar como marcadores discursivos e mesmo como morfemas gramaticais e lexicais (Ladewig, 2014). Assim, estes gestos poderiam ser o ponto de partida para processos de gramaticalização.

Ressaltamos, com base em Ladewig (2014), que quando utilizamos o termo “convencionalização” nos referimos à construção de uma unidade estável de forma e sentido, como também ao uso de gestos recorrentes em determinados contextos comunicativos (Ladewig, 2014). Então, no que é concernente ao processo de convencionalização dos gestos, Ladewig (2014) propõe um *continnum* de movimentos e sinais manuais. No *continnum*, gestos considerados espontâneos, metafóricos e icônicos marcam um ponto de partida, enquanto o ponto final é marcado pelas línguas de sinais. Os Gestos Recorrentes e os Emblemas, por sua vez, ocupam os espaços entre o ponto inicial e o final. Os diferentes graus de convencionalização que constituem as variantes dos Gestos Recorrentes, para Ladewig (2014) consistem em um desafio para situar os Gestos Recorrentes no *continnum*. Tal estrutura é ilustrada na figura a seguir:

Figura 12 – *Continnum* dos graus de convencionalização dos gestos



Fonte: Ladewig (2014).

Para a autora, os Gestos Recorrentes com função referencial, por exemplo, são menos convencionalizados, sendo que os que desempenham funções pragmáticas possuem um grau de convencionalização mais elevado, alguns até podendo ser categorizados como emblemas. Contudo, é importante destacarmos a nossa compreensão de que tais gestos compartilham a mesma base semiótica, ou seja, uma mesma base de forma-sentido. Assim, entendemos que os gestos de apontar, em co-ocorrência com expressões dêiticas, podem desempenhar funções que não são referenciais, mas que estão associadas a funções pragmáticas e discursivas, tal como proposto pela autora, ao considerar outras famílias gestuais.

Por fim, Ladewig (2014) afirma que os Gestos Recorrentes provêm um campo de investigação para os processos de semantização e gramaticalização dos gestos, além de *insights* sobre o funcionamento das línguas de sinais. Assim, argumentamos, com base nos pressupostos supracitados, que gestos dêiticos locativo-espaciais não apenas referenciam, indicam ou apontam, mas também contribuem com e participam da estrutura gramatical da fala na interação, além de evidenciarem, em determinados contextos, a força ilocucionária dos enunciados verbo-gestuais.

É justamente o aspecto de convencionalização de determinadas categorias gestuais que faz com que tais ocorrências desempenhem ações no mundo e em contextos de interação comunicativa, visto que seu sentido é “comum” a uma comunidade de fala. Contudo, é pertinente enfatizar que a função de um gesto depende muito do posicionamento exato desse mesmo gesto na interação em coocorrência com a fala (Payrató; Teßendorf, 2014). Dessa forma, gestos que não desempenham função referencial, mas sim uma função pragmática, revelam uma tendência a processos de codificação e convencionalização. Compreendemos, assim, que os dêiticos locativos em coocorrência com gestos manuais não devem ser vistos como categorias estanques e, nesse sentido, pesquisas desenvolvidas dentro do campo dos Estudos de Gesto devem considerar os atributos multifuncionais de gestos.

Podemos apontar algumas considerações propostas por Avelar e Ferrari (2017) acerca de usos metaforizados dos gestos dêiticos. Citando Marmaridou (2000), as autoras afirmam que existe uma relação metafórica entre os dêiticos temporais e locativos, de um lado, e discursivos, de outro. Isso ocorre porque os textos escritos e orais exibem elementos e aspectos de tempo e espaço, de modo que a dêixis discursiva com aspectos de temporalidade e lugar é motivada. Observemos o exemplo a seguir:

(i) *Aí* vão algumas sugestões. (uso que se configura com aspectos locativos e discursivos, em uma mesma instância).

Nesta ocorrência, o dêitico originalmente locativo ‘*aí*’, que estabelece um contraste próximo/distante no espaço, adquire, para as autoras (2017), um *status* temporal, ligado ao desdobramento do texto e, desse modo, marca o que vem a seguir dentro da fala.

Os gestos de apontar normalmente são associados aos dêiticos locativos, com base em Kendon (2004), contudo Avelar e Ferrari (2017) analisaram ocorrências em que os dêiticos não funcionam precisamente como locativos. Verificando ocorrências multimodais do “*lá*” e do

“aqui”, as autoras atestaram que determinados usos dêiticos marcam metaforicamente o espaço discursivo. Observemos os exemplos a seguir:

Figura 13 – Dêiticos que marcam metaforicamente o espaço discursivo (exemplo 1)



É **lá** na família que o ser humano aprende respeito.
Mão direita apontando repetidamente para baixo.

Fonte: Avelar e Ferrari (2017).

Figura 14 – Dêiticos que marcam metaforicamente o espaço discursivo (exemplo 2)



Pra ele não receber a punição **aqui fora**
Mão direita apontando para fora.

Fonte: Avelar e Ferrari (2017).

Na primeira amostra analisada pelas autoras, o locutor executa o dêitico “lá” realizando um gesto de apontar para baixo, que seria uma ação mais prototípica para o dêitico “aqui”. Já na segunda amostra, o mesmo locutor enuncia o dêitico “aqui” em coocorrência com um gesto de apontar para fora, que marcaria, de modo mais prototípico, o dêitico “lá”. Tais incongruências entre os dêiticos enunciados e os gestos é justamente o que propicia a emergência de significados mais metaforizados, relativos à marcação de ênfase, também marcada por meio da interação gestual (Bressem, 2013). Nesse sentido, Avelar e Ferrari (2017), inclusive, apontam que essa dita incongruência é desfeita quando observamos que os dêiticos não estão desempenhando, na verdade, funções locativas e referenciais, que lhes seriam mais prototípicas. Uma outra ocorrência interessante pode ser verificada abaixo.

Figura 15 – Dêiticos desempenhando funções locativas e referenciais



Aqui (1) nessa casa (2)
Mão direita apontando para baixo.

Fonte: Avelar e Ferrari (2017).

Nesta amostra, Avelar e Ferrari (2017) observam que embora se verifique uma congruência entre dêiticos e gestos, a ocorrência do “aqui” se configura como redundante, por conta da existência do sintagma nominal “essa casa”. Também, deve-se levar em conta que há uma repetição do gesto, marcada pelo movimento repetitivo de realização do núcleo gestual (*stroke*), o que indicia que a ocorrência dêitica funciona como um sinalizador de tópico discursivo, mais precisamente.

Assim, compreendemos, com base nas autoras, que determinados usos dêiticos podem se distanciar dos significados locativos e referenciais mais básicos, assumindo, assim, por meio de extensões metafóricas, caráter discursivo, uma vez que estão relacionadas à estrutura argumentativa — e a aspectos prosódicos e gramaticais em funcionamento no interior dessa estrutura — instanciada pelo falante.

Atestamos, dessa maneira, que há aspectos temporais e espaciais dentro da ocorrência multimodal, contudo, indicar e/ou localizar referentes (físicos ou abstratos) no tempo e no espaço não configura a função principal do dêitico, que desempenha, então, uma função discursiva de marcador de ênfase, exercendo, assim, um uso metaforizado. Esses usos metaforizados, muito embora não estejam no rol de nossos objetivos, serão discutidos qualitativamente, a fim de discutir com maior profundidade, em nossas análises, determinados usos não referenciais dos gestos de apontar. Dentro do campo dos Estudos de Gesto, tradicionalmente há um forte interesse na investigação do significado das metáforas na criação dos gestos em uso, especialmente de uma perspectiva psicológica e cognitiva. Mc Neill (1992) introduz em sua obra a categoria dos gestos metafóricos, visto que o teórico considera os gestos como uma importante “janela para o pensamento”. Desse modo, o autor se concentra nos gestos pelos quais as pessoas involuntariamente exprimem suas ideias e maneiras de compreender o mundo externo.

Tratando do fenômeno da metáfora dentro de ocorrências de Gestos Recorrentes, Teßendorf (2014) cita o caso dos gestos de varrer (*brushing aside gestures*) que mais tarde

serão traduzidos por Graça (2021) como Gestos de Espanar. Teßendorf (2014) aponta que tais ocorrências gestuais são usadas para finalizar argumentos, por exemplo, ou qualificar determinadas partes do discurso como negativas ou irrelevantes, são usados até mesmo para deter o comportamento de alguém. A autora afirma que dentro da vida cotidiana de determinadas comunidades de fala hispânicas, os Gestos de Espanar são mais frequentemente usados para “espanar” objetos discursivos ou limitar comportamentos de outros indivíduos, realizando, deste modo, uma função pragmática, mais precisamente, uma função meta-comunicativa, que é referente à interação comunicativa entre falantes e seus interlocutores. Teßendorf (2014) também sugere que gestos deste tipo dependem de uma extensão metafórica da ação real, realizada no mundo real, para o domínio da comunicação. Dessa maneira, no caso dos Gestos de Espanar, por exemplo, o gesto pode ser chamado de metafórico, pois a capacidade de ser usado pragmaticamente como uma ação de comunicação, está fundamentada na metáfora conceptual IDEIAS (ou sentidos, significados) SÃO OBJETOS (Lakoff; Johnson, 1980).

Teßendorf (2014) propõe considerar que os gestos que exibem o ato comunicativo do falante propriamente dito e que agem sobre a fala como “performativos da fala”, o que se aproxima do que Streeck (2009; 2011) compreende como “gestos metapragmáticos”; nessa esteira, aqueles gestos que visam regular o comportamento de outros indivíduos, por exemplo, são considerados “performativos”, o que Streeck (2009; 2011) denomina como pragmáticos.

De acordo com Streeck (2009) gestos que desempenham funções pragmáticas destacam o que ele chama de “aspectos da interação comunicativa”. Com relação aos gestos manuais pragmáticos, Streeck (2009) afirma que tais ocorrências podem abranger todas as ações das mãos (além de várias outras partes do corpo, como o rosto, a cabeça e ombros, por exemplo), pelas quais aspectos da interação comunicativa são exibidos. Nesse sentido, Streeck (2009) aponta que há ocorrências que marcam unidades de fala, gestos referenciais, movimentos de apontar, gestos que expressam a postura ou atitude do falante, que realizam atos de fala ou ações corporais pragmáticas que atuam sobre o enunciado. Além disso, para o teórico, há gestos categorizados como metapragmáticos que ordenam e regulam ações dos participantes de um contexto comunicativo e interativo.

Para Payrató e Teßendorf (2014), os gestos interacionais ajudam a manter a conversa como um sistema social e também referenciam os interlocutores. As quatro funções básicas de gestos interacionais, de acordo com as autoras (2014), são: (i) marcar a entrega da informação (tanto de novas informações quanto da informação compartilhada); (ii) citar as contribuições dos outros indivíduos envolvidos na interação comunicativa; (iii) buscar respostas (como concordância, compreensão e ajuda); (iv) coordenação de turnos (tomar ou mudar de turno)

(Bavelas *Et Al.*, 1995 *apud* Payrató; Teßendorf, 2014). Gestos interacionais, então, possuem funções muito semelhantes às dos marcadores discursivos como “sabe?”, “não é?”, com entonações ascendentes em sentenças declarativas ou mesmo termos de organização do discurso, como “bem”, “por outro lado”, “então”, “de toda forma”. Assim, tais ocorrências verbo-gestuais incluem o ouvinte no diálogo que se torna ativo mediante as trocas de turno.

Por fim, para Teßendorf (2014), um possível processo de convencionalização dos gestos pragmáticos e interacionais reside na informação que tais gestos veiculam: enquanto o conteúdo a ser referenciado por gestos com essa função pode parecer infinito, o número de atos de fala e de movimentos interacionais de ocorrências pragmáticas é mais limitado, já que ações estabelecidas no mundo e que façam sentido entre indivíduos precisam estar convencionalizadas em comunidades de fala. O fato de os gestos serem silenciosos, rapidamente produzidos e percebidos, e alguns deles (os pragmáticos) serem extensões de ações reais produzidas no mundo e parcialmente independentes da fala, tornam esses gestos mais adequados para transmitir informações sem precisamente interromperem o discurso verbal (Payrató; Teßendorf, 2014).

Em suma, dentro das seções de referencial teórico, descrevemos a associação do campo dos Estudos de Gesto com pesquisas empíricas, ligadas a contextos da vida real dentro da Linguística Cognitiva. Retomamos conceitos basilares referentes aos gestos de apontar em articulação com a dêixis de lugar (locativa), a fim de discutirmos as diferentes funções dos gestos de apontar, que podem ser não apenas referenciais, mas também assumir caráter pragmático e discursivo, como demonstramos ao longo desta seção.

Na seção a seguir, descrevemos os procedimentos de análise e coleta do *corpus* com base em nosso objetivo geral, qual seja: analisar, por meio de uma perspectiva cognitivo-gestual, o comportamento dos gestos manuais quando coocorrem com o dêitico locativo “lá” em diferentes situações interativas do português brasileiro.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Nesta seção, abordamos os procedimentos metodológicos de coleta e análise dos dados que compõem o *corpus* da presente pesquisa. Descrevemos os procedimentos de análise do dêitico locativo “lá” em coocorrência com gestos manuais no português brasileiro (PB), além de explicarmos como selecionamos e organizamos os nossos dados. Inicialmente, detalhamos os pontos mais específicos referentes aos procedimentos metodológicos de identificação e anotação de ocorrências verbo-gestuais, posteriormente, são descritos os procedimentos de análise dos dados. Por fim, delineamos o *corpus* selecionado para a análise e apontamos os critérios de coleta.

4.1 Procedimentos metodológicos de análise dos dados

Gestos são ações extremamente multifuncionais, o que exige dos pesquisadores ferramentas de análise capazes de identificar os fatores multimodais que constituem as ocorrências em correlação com a fala. Para as autoras Bressemer, Ladewig e Müller (2013), vários tipos de transcrição e anotação podem ser utilizados dentro do campo dos Estudos de Gesto. Desse modo, nos é pertinente descrever, a seguir, o método proposto por Cienki (2016) para identificação de metáforas nos gestos, que são as Diretrizes de Identificação de Metáforas nos Gestos (MIG-G).

Em linhas gerais, de acordo com Cienki (2016), as diretrizes para a identificação de metáforas no gesto se estruturam do seguinte modo:

- 1) identificar os núcleos gestuais (strokes); 2) descrever as formas características de cada núcleo; 3) identificar se o gesto atende a alguma função referencial; 4) identificar os modos de representação gestual; 5) identificar os referentes físicos que podem ser retratados nos gestos; 6) identificar o tópico contextual; 7) O tópico contextual foi identificado por meio de semelhança na experiência do referente apresentado por meio do gesto? (Cienki, 2016).

Cienki (2016) advoga que é preciso que os pesquisadores tenham consciência que há diferenças em como pessoas em diferentes gêneros de comunicação, em diferentes culturas e mesmo dentro de uma esfera individual, gesticulam de modo diferente. Tal consideração justifica os dois passos iniciais do MIG-G, que são executados, de modo adequado, com o som do vídeo desligado, a fim de auxiliar o pesquisador a manter o foco nas ações gestuais que são visíveis, sem distrações ou influência da fala que coocorre com os gestos.

Em relação ao primeiro passo, referente à *Identificação de núcleos gestuais*, o pesquisador visualiza os dados videogravados sem som e em câmera lenta. Assim, verifica-se o que Kendon (2004) define como gesto manual prototípico, que consiste no movimento inicial da mão que parte de uma posição de descanso (preparação), para uma fase mais dinâmica do movimento, em que a mão é tensionada (núcleo — *stroke*), indo para uma posição alcançada ao fim do núcleo (uma manutenção pós-núcleo). Em seguida, as mãos retornam à posição de descanso (retração), ou podem realizar uma nova ação gestual. Para Cienki (2016) é justamente no núcleo gestual (*stroke*) que iremos estabelecer o nosso foco de análise, pois é onde há a maior tensão do movimento e maior esforço dos indivíduos, sendo, então, a fase mais significativa do gesto em sua função correlacionada com a fala.

Muitos pesquisadores têm adotado o procedimento desenvolvido por Cienki (2016) em pesquisas referentes às línguas de sinais, além de proverem descrições de formas gestuais envolvidas com base em um agrupamento de parâmetros. Cienki (2016) afirma que o detalhamento e utilização dos parâmetros serão aplicados em conformidade com o refinamento e objetivos de uma pesquisa. Em suma, replicaremos, aqui, o MIG-G, mas com alterações que serão pontuadas na apresentação e descrição dos critérios originais, de modo a abarcar os nossos objetivos de pesquisa.

No segundo passo do procedimento de análise proposto por Cienki (2016), concernente à *Descrição das características dos núcleos gestuais*, a fim de estabelecermos uma análise mais afinada, replicaremos o *primeiro bloco* de análise do Sistema Linguístico de Notação Gestual (*Linguistic Annotation System for Gesture* — LASG), proposto, anteriormente, por Bressem, Ladewig e Müller (2013).

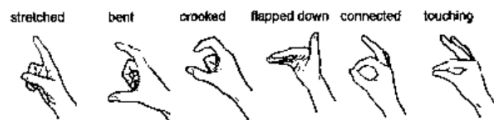
4.1.1 Parâmetros do Bloco 1 do LASG: formato das mãos, orientação das mãos e palmas, padrões, direção e qualidade de movimento, e posição do gesto no espaço

O primeiro bloco do LASG, basicamente, enfoca a forma física dos gestos, possibilitando uma categorização mais detalhada. Para Bressem, Ladewig e Müller (2013), tal sistema se baseia em uma abordagem mais semiótica para os gestos, e permite, no processo de análise, uma separação entre forma, sentido e função dos gestos. O sistema se diferencia de outros sistemas de análise existentes em três aspectos fundamentais, visto que: “(i) se concentra unicamente na descrição da forma dos gestos; (ii) propõe uma descrição de forma que é independente da fala; (iii) afasta descrições de forma que incluem paráfrases de sentido”

(Bressem; Ladewig; Müller, 2013, p. 1080).¹⁰ O sistema inclui quatro parâmetros de descrição gestual que também são utilizados pela Linguística da Língua de Sinais: *formato das mãos, orientação das mãos e palmas, padrões, direção e qualidade de movimento, e posição do gesto no espaço* (Bressem; Ladewig; Müller, 2013; Passos, 2018).

Sistematizamos, na tabela a seguir, os parâmetros de forma estabelecidos no LASG com base em Bressem, Ladewig e Müller (2013) e adaptados por Lisboa (2021):

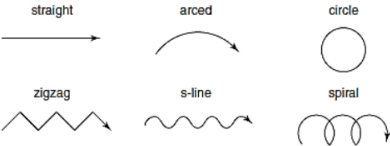
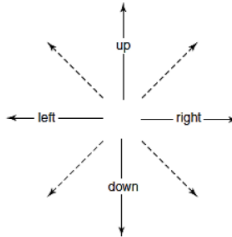
Quadro 1 – Formato das mãos, orientação das mãos e palmas, padrões, direção e qualidade de movimento, e posição do gesto no espaço

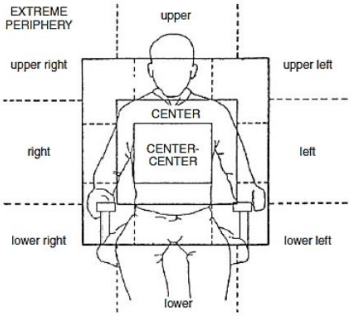
Parâmetros – <i>Primeiro Bloco</i> – LASG (Bressem; Ladewig; Müller, 2013)	Descrição feita com base em Bressem, Ladewig e Müller (2013) e com parâmetros adaptados por Lisboa (2021)
FORMATO DE MÃOS	As autoras apontam que a descrição do parâmetro apontado tem como referência a codificação para a língua de sinais alemã, e dentro deste parâmetro são utilizadas quatro categorias mais gerais, que são: <i>mão aberta, punho, dedos individuais e combinação de dedos.</i>  1. "Fist" 2. "Flat hand" 3. "Single fingers" 4. "Combination of fingers" Fonte: Bressem, Ladewig e Müller (2013, p. 1085 <i>apud</i> Lisboa, 2021)
	Para Bressem, Ladewig e Müller (2013), em relação à configuração dos dedos, o dedo pode estar: "(i) esticado, (ii) flexionado, (iii) torto, (iv) flexionado para baixo, (v) conectado ou (vi) tocando" (Bressem; Ladewig; Müller., 2013, p.1085)¹¹. Tais configurações podem ser observadas na figura abaixo:  stretched bent crooked flapped down connected touching Fonte: Bressem, Ladewig e Müller (2013, p. 1085 <i>apud</i> Lisboa, 2021)
ORIENTAÇÃO DAS MÃOS E PALMAS	Divide-se esse procedimento em duas partes, sendo que em um primeiro momento identificamos a orientação da palma, para em seguida identificarmos a orientação da mão levando em conta a relação com o espaço gestual no qual a ação visível, ou seja, o gesto, é realizado. Os parâmetros de análise do primeiro procedimento, referentes à orientação da palma, são: <i>palma para cima, palma para baixo, palma lateral, palma vertical e palma diagonal.</i> Palma para cima:

¹⁰ (i) It concentrates solely on a form description of gestures; (ii) It proposes a form description independent of speech (iii) It avoids gestural form description including paraphrases of meaning

¹¹ (i) stretched, (ii) bent, (iii) crooked, (iv) flapped down (v) connected, or (vi) touching.

Parâmetros – <i>Primeiro Bloco</i> – LASG (Bressem; Ladewig; Müller, 2013)	Descrição feita com base em Bressem, Ladewig e Müller (2013) e com parâmetros adaptados por Lisboa (2021)
	Palma para baixo: Palma lateral: Palma vertical: Palma diagonal: Fonte: Lisboa (2021) com base em Bressem, Ladewig e Müller (2013) Frisamos que para posterior criação de uma trilha de análise, nos baseamos, também, em algumas escolhas metodológicas feitas por Lisboa (2021), em relação ao segundo procedimento, relacionado à orientação da mão, propriamente dita. Ao invés de utilizarmos parâmetros como “em direção ao centro”; “para fora do centro”; em direção ao corpo” e “para fora do corpo”, optamos por usar “em direção ao corpo”, o que considera o corpo do próprio falante, e “para fora do corpo” (Lisboa, 2021, p. 92 – 94).

Parâmetros – <i>Primeiro Bloco</i> – LASG (Bressem; Ladewig; Müller, 2013)	Descrição feita com base em Bressem, Ladewig e Müller (2013) e com parâmetros adaptados por Lisboa (2021)
	Em direção ao corpo:  Para fora do corpo:  Fonte: Lisboa (2021) com base em Bressem e colaboradoras (2013)
MOVIMENTO	Tipo de movimento diz respeito à forma do padrão de movimento, de modo que Bressem (2013) vai elencar seis tipos gerais e básicos: (i) movimento reto; (ii) movimento arqueado; (iii) movimento circular; (iv) movimento em espiral; (v) movimento em zigzag e (vi) movimento em linha-S.  Fonte: Bressem (2013, p. 1088)
	Acerca dos movimentos de braços, dedos e ombros, Bressem (2013, p. 1089) irá distingui-los da seguinte forma: (i) movimentos ao longo do eixo horizontal (esquerda e direita); (ii) movimentos ao longo do eixo vertical (cima e baixo); e, por fim, (iii) movimentos ao longo do eixo sagital (em direção ao corpo e para fora do corpo).  Fonte: Bressem (2013, p. 1089)
	O aspecto concernente à <i>qualidade do movimento</i> é referente a outras distinções relacionadas ao padrão de movimento como: (i) tamanho

Parâmetros – <i>Primeiro Bloco</i> – LASG (Bressem; Ladewig; Müller, 2013)	Descrição feita com base em Bressem, Ladewig e Müller (2013) e com parâmetros adaptados por Lisboa (2021)
	(que pode ser reduzido ou mais amplo/ampliado); (ii) velocidade (desacelerada e acelerada); e (iii) fluxo de movimento (sendo acentuado ou fraco). Ainda de acordo com Bressem (2013, p. 1090), o aspecto de <i>qualidade do movimento</i> vai dizer respeito a como um movimento pode ser marcado a partir do instante em que se torna mais proeminente em relação a outros movimentos, por conta de uma saliência particular de uma das propriedades qualitativas (Graça, 2021). Assim, posteriormente, na trilha, definimos os vocabulários controlados para a trilha de <i>qualidade do movimento</i>, como <i>movimento preciso</i> e <i>movimento impreciso</i>.
POSIÇÃO ESPACIAL	É concernente ao parâmetro “posição”, o sistema está baseado no conceito de espaço gestual (Mc Neill, 1992), que vai dividir tal espaço em quadrados concêntricos. Assim, de acordo com Bressem (2013, p. 1091), serão distinguidos o que compreendemos como quatro setores básicos: “centro-centro”, “centro”, “periferia” e “periferias extremas”, que por sua vez serão diferenciadas de acordo com as categorias “embaixo”, “em cima”, “à esquerda”, “à direita”, o que observamos na figura a seguir:  Fonte: McNeill (1992 <i>apud</i> Bressem, 2013, p. 1091)

Fonte: Elaborado pelo autor, com base em Lisboa (2021) e Bressem, Ladewig e Müller (2013).

Tais parâmetros terão aplicação prática nos primeiros passos de análise de dados proposto pelo MIG-G (Cienki, 2016).

4.1.2 Função Referencial

Até este momento, o pesquisador se atenta à análise dos parâmetros sem acesso à fala dos interactantes, contudo, a partir do passo referente à identificação da *Função Referencial*, a fala que acompanha a execução do gesto deve ser escutada, a fim de realizar a interpretação qualitativa do dado. Compreendemos, com base em Kendon (2004), que os gestos são multifuncionais, e neste ponto, Cienki (2016) reenfatiza isso, de modo que aponta a necessidade de que o pesquisador perceba que os gestos podem servir a mais de uma função por vez. Ou seja, gestos podem se relacionar ao tópico que o falante está enunciando e, também, podem se relacionar com a própria fala, ou podem ser orientados em direção ao destinatário.

Para Cienki (2016), “apontar” para um referente físico consistiria em um movimento direcionado para um referente pretendido, ou a um referente associado, de modo metonímico, a uma entidade ou objeto. O autor se fundamenta em trabalhos anteriores de McNeill, Cassel e Levy (1993) acerca da dêixis abstrata e ações de apontar para espaços vazios, e enfatiza o processo criativo do gesto ao estabelecer referentes significativos no espaço, metaforicamente, metonimicamente ou encenando. Ainda segundo Cienki (2016), os gestos podem se referir à estrutura da própria fala, cumprindo uma função que seria mais gramatical (Kendon, 2004 *apud* Cienki, 2016). Para construção de nossa trilha de análise, adicionamos a categoria *Função Referencial*, e dentro dos vocabulários controlados adicionamos as categorias *Abstrata* e *Concreta*. Sendo que (i) *abstrata* é concernente à referência de elementos que não estão presentes na interação imediata; (ii) *Concreta* é para a referenciação de elementos que estão presentes na interação imediata.

4.1.3 Função Pragmática do Gesto

Adicionamos à nossa trilha de análise, também, a categoria *Função Pragmática do Gesto*, visto que nosso objetivo de análise não consiste em identificar puramente a função referencial ou os referentes dos dêiticos locativos. Assim, dentro da trilha *Função Pragmática do Gesto*, definimos como vocabulários controlados as seguintes categorias, com base em Kendon (2004): (i) marcador discursivo, quando a ação corporal, ou seja, o gesto assume uma função de operador em relação ao enunciado falado; (ii) performativo, quando o gesto marca a força ilocucionária de um certo enunciado, indicando pergunta, pedido ou rejeição, por exemplo; (iii) marcação de Atitude do Falante, quando o gesto marca a atitude ou postura do falante em relação ao conteúdo proposicional da fala, em relação ao que está sendo falado ou feito, qualificando essa ação; (iv) analítico [*parsing*], quando o gesto marca certos aspectos da estrutura da fala, de acordo com Bressem, Stein, Wegener (2015 *apud* Graça, 2021).

4.1.4 Gestos de apontar (pointing)

Adicionamos à nossa trilha de análise, também, a categoria *Gestos de Apontar*. Nos fundamentamos em Kendon (2004) para o estabelecimento do vocabulário controlado desta trilha, considerando que os gestos de apontar propostos por Kendon (2004) já foram discutidos na seção 3 do Referencial Teórico.

Figura 16 – Gestos de Apontar

Fonte: Kendon (2004).

Além disso, utilizaremos, aqui, a mesma adaptação metodológica proposta por Passos (2019) para categorização dos tipos de gestos de apontar, com algumas adaptações que melhor abarcam os objetivos do presente trabalho. Tais categorias são: Dedo indicador estendido pronado (palma para baixo) PDPIF; dedo indicador estendido, palma para fora, PAIF; indicador estendido neutro (palma vertical), PVIF; Polegar estendido (orientação de antebraço variável), THUMB; mão aberta, palma para fora, PAOH. De modo a estabelecer um vocabulário controlado, na trilha, que abarque a análise dos dados, optamos por adicionar, ainda, mais duas categorias: Gesto de apontar com a mão (direita ou esquerda) fechada, visto que há a possibilidade de que os falantes apontem para entidades no espaço-tempo sem necessariamente utilizarem os dedos estendidos ou a palma das mãos abertas; e Marcação de Ponto no Espaço, quando o falante pode indicar a localização de um referente em uma espécie de superfície, em algum ponto do espaço-tempo, normalmente com a mão aberta e a palma voltada para baixo.

4.1.5 Modos Identificação dos modos de representação gestual

Para a *Identificação dos modos de representação gestual* partimos dos postulados de Müller (2008), quando a autora advoga que gestos não são motivados por ações ou representações, e assim eles constituem as representações. A autora, então, estabelece os quatro *modos de representação gestual*, que já foram abordados na subseção 2.1 do Referencial

Teórico, mas retomaremos aqui a descrição das categorias que servirão de base para as categorias de nossa trilha: (i) Encenar, que é quando as mãos, de fato, simulam/encenam uma atividade cotidiana; (ii) Moldar, quando a mão molda o formato de um objeto ou espaço em 3D; (iii) Desenhar, quando os falantes traçam, normalmente com os dedos e em 2D, a forma de um objeto, ou espaço; (iv) Representar, que é quando a mão representa objetos em movimento ou estáticos. Contudo, utilizaremos a atualização proposta por Cienki (2016), que consiste em: Encenar (enacting); Corporificar (embodying); Segurar/tocar (holding); Desenhar (drawing).

4.1.6 Esquemas Imagéticos

Replicamos um dos passos previstos no bloco 1 do LASG, que é concernente à anotação de aspectos motivacionais das ocorrências gestuais, ou seja, os processos semióticos básicos envolvidos na criação dos gestos, para que se explique o que é feito das mãos quando realizam tais ações (Bressemer; Ladewig; Müller, 2013, p. 1104). Segundo Graça (2021), os gestos podem explorar padrões motores de ações cotidianas, evocar padrões esquemáticos ou geométricos, além de estruturas cognitivas imago-esquemáticas básicas. Assim, tal passo do LASG irá focalizar em aspectos de padrões de movimento, Esquemas Imagéticos e ações subjacentes.

Para Cienki (2016, p. 190) os Esquemas Imagéticos constituem mecanismos que os indivíduos utilizarão para conceptualizar, absorver informações e perceber determinados aspectos físicos do mundo. Baseados em nossa percepção visual, os esquemas imagéticos irão estruturar, de modo coerente, a nossa experiência, ao operarem em um nível pré-conceptual (Bressemer, Ladewig; Müller; 2013, p. 1105). Os esquemas imagéticos ocorrem em todas as nossas modalidades perceptuais e são, ao mesmo tempo, cinestésicos, táteis e auditivos, e por isso, de acordo com Bressemer, Ladewig e Müller (2013), tais esquemas compõem a base da criação e sentido de ocorrências verbo-gestuais. No quadro abaixo, é possível identificarmos exemplos de Esquemas Imagéticos básicos:

Figura 17 – Esquemas Imagéticos

Recipiente	Um recipiente tem um limite que separa um interior de um exterior. Pode conter coisas. Podemos ser contidos (por exemplo, numa sala), e nossos próprios corpos são recipientes.
Ciclo	Um ciclo começa por uma sequência de eventos conectados, e retorna ao estado original para recomençar. Vivenciamos ciclos por meio do tempo na natureza e nas nossas vidas.
Força	A força implica geralmente uma extorsão de força física em uma ou mais direções. Podemos vivenciar a forças em termos de compulsões, atrações, bloqueios ou capacitações.
Objeto	Um objeto é uma coisa material que podemos ver e tocar. Podemos pensar num objeto como item discreto.
Trajatória	Uma trajetória é uma rota para locomover-se de um ponto de partida a um ponto de chegada. Podemos seguir uma trajetória existente ou criar uma trajetória a partir da nossa locomoção própria.

Fonte: Cienki (2016) traduzido por Pinheiro (2017).

Desse modo, buscaremos, por meio de uma trilha de análise, estabelecer a identificação de um *Esquema Imagético* representado de modo processual pelo gesto.

4.1.7 Níveis narrativos/discursivos

Na subseção 3.1.1 do Referencial Teórico, citamos McNeill e colaboradores (1993) em seus postulados acerca das ações de apontar motivadas em diferentes níveis narrativos (discursivos). O teórico estabelece três níveis, que são o narrativo, o paranarrativo e o metanarrativo. Intentamos identificar as diferentes funções que as ocorrências gestuais dêiticas desempenham em diferentes níveis narrativos/discursivos. Assim, definimos a trilha *Nível Narrativo*, a fim de categorizar as ocorrências, tendo como vocabulários controlados os três níveis descritos por McNeill e colaboradores (1993).

4.1.8 Tópico contextual da fala

Para a presente pesquisa, optamos por remover o passo concernente à *Identificação dos referentes físicos retratados nos gestos*, visto que não nos interessa, aqui, somente ocorrências que desempenham função referencial concreta. Em relação ao *Tópico contextual referenciado*, para Cienki (2016), o referente contextual será frequentemente a ideia referenciada na fala, que

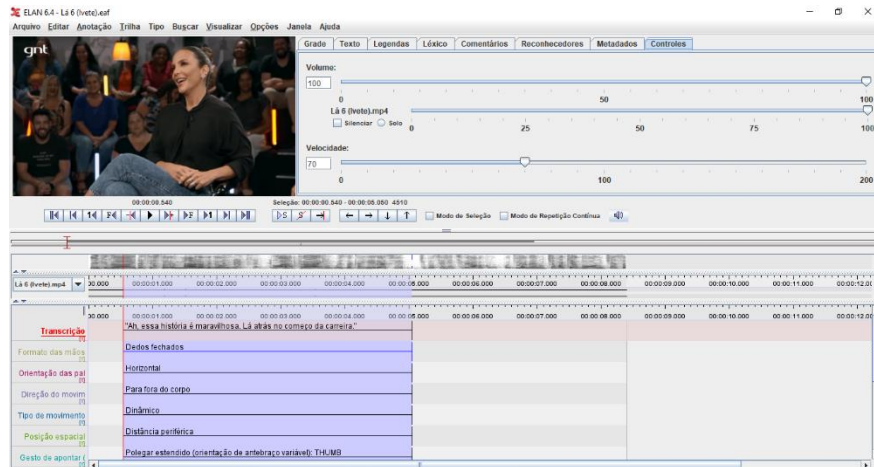
normalmente ocorre com uma proximidade temporal com o gesto. Neste passo, os pesquisadores podem descrever em suas trilhas de análise o contexto que motiva a execução do gesto. Enfatizando que nossa análise não é ligada à identificação dos referentes gestuais, adaptamos a categoria para *Tópico Contextual da Fala*. Assim, nesta trilha, descrevemos o contexto de fala que motiva a produção gestual, sem necessariamente identificarmos um referente.

O último passo do procedimento de análise proposto por Cienki (2016) se fundamenta na seguinte pergunta: *O tópico foi identificado por meio da semelhança da experiência ao referente que foi retratado por meio do gesto?* A saber, tal passo está diretamente ligado, dentro da abordagem do teórico, à identificação de metáforas no gesto, por meio de um mapeamento em que o tópico contextual (domínio-alvo) que está presente no discurso verbal, é conectado ao referente apontado (domínio-fonte) pelo gesto. Entretanto, no caso do presente trabalho, não pretendemos identificar domínios fonte e alvo, pois não temos como objetivo identificar metáforas, mas associar formas, sentidos e funções gestuais. Sendo assim, não executaremos esse último passo.

Descritas as ferramentas de análise de dados multimodais, na subseção a seguir delineamos a nossa trilha de análise.

4.2 Descrição da trilha de análise dos dados

A fim de realizar as análises das amostras selecionadas, foi utilizado o *software* profissional ELAN, uma ferramenta de anotações detalhadas que nos propicia uma análise mais acurada de dados videogravados e audiovisuais (Sloetdjes; Wittenburg, 2008). Precisamente, de acordo com desenvolvedores do *software*, o ELAN permite a criação de várias anotações textuais de gravações de vídeo e mesmo de áudios. Tais anotações podem ser estruturadas em camadas múltiplas, que denominamos como trilhas; e cada trilha pode conter vocabulários que são controlados, ou seja, palavras que podem ser adicionadas pelo pesquisador e selecionadas no momento da análise, de modo a categorizar as ocorrências que estão sendo analisadas. A seguir uma imagem que ilustra a interface da ferramenta ELAN:

Figura 18 – Captura de tela do ELAN

Fonte: Dados do pesquisador (2022).

Desse modo, criamos nossas trilhas de análise com base nos parâmetros previstos nas Diretrizes de Identificação de Metáforas nos Gestos (MIG-G), além de replicarmos parte do primeiro bloco de análise do Sistema Linguístico de Anotação Gestual (LASG).

Nossa trilha se estrutura do seguinte modo:

Quadro 2 – Parâmetros e vocabulários controlados para estruturação da trilha do ELAN

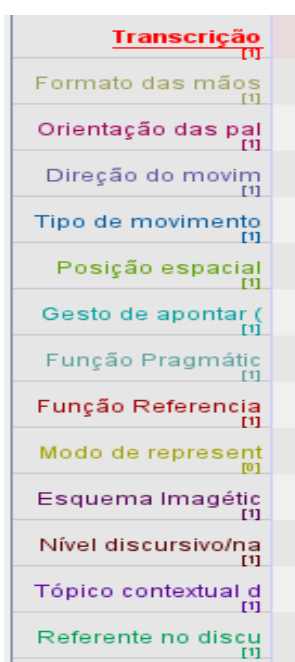
Parâmetro	Vocabulário controlado
Trilha 1: Transcrição textual	Transcrição do trecho narrativo/discursivo em que a ocorrência é analisada.
Trilha 2: Formato das mãos:	Mão aberta; mão fechada; dedo indicador estendido; dedos fechados.
Trilha 3: Orientação das palmas	para cima; para baixo; vertical; diagonal; horizontal.
Trilha 4: Direção do Movimento	para a esquerda; para a direita; para cima; para baixo; para fora do corpo; em direção ao corpo.
Trilha 5: Tipo de movimento	Dinâmico; Estático
Trilha 6: Posição espacial	distância próxima; distância média; distância periférica.
Trilha 7: Gesto de apontar (<i>pointing</i>)	Dedo indicador estendido pronado (palma para baixo): PDPIF; dedo indicador estendido, palma para fora: PAIF; indicador estendido neutro (palma vertical): PVIF; Polegar estendido (orientação de antebraço variável): THUMB; mão aberta, palma para fora: PAOH; Gesto de apontar com a mão (direita ou esquerda) fechada; Marcação de ponto no espaço.
Trilha 8: Função Pragmática do Gesto	Marcador discursivo; performativo; marcador de Atitude do Falante; analítico
Trilha 9: Função Referencial	Abstrata; Concreta
Trilha 10: Modo de Representação Gestual	Encenar (<i>enacting</i>); Corporificar (<i>embodying</i>); Segurar/tocar (<i>holding</i>); Desenhar (<i>drawing</i>).
Trilha 11: Esquema Imagético	Anotação do Esquema Imagético que é instanciado pelo gesto.
Trilha 12: Nível discursivo/narrativo	Narrativo/discursivo; Metanarrativo/metadiscursivo; Paranarrativo/paradiscursivo.

Parâmetro	Vocabulário controlado
Trilha 13: Tópico contextual da fala	Anotação manual da parte da fala com a qual o gesto é executado.
Trilha 14: Referente na fala	Anotação manual da parte da fala que motiva a ocorrência do gesto.

Fonte: Elaborado pelo do pesquisador (2022).

Tal divisão é feita para organização do pesquisador, e na dissertação também tem um valor ilustrativo e didático, no ELAN todos os parâmetros e vocabulários controlados se tornam parte de uma única trilha-mãe (Sloetdjes; Wittenburg, 2008).

Figura 19 – Captura de tela do ELAN



Fonte: Elaborado pelo do pesquisador (2022).

4.3 Procedimentos de coleta de dados

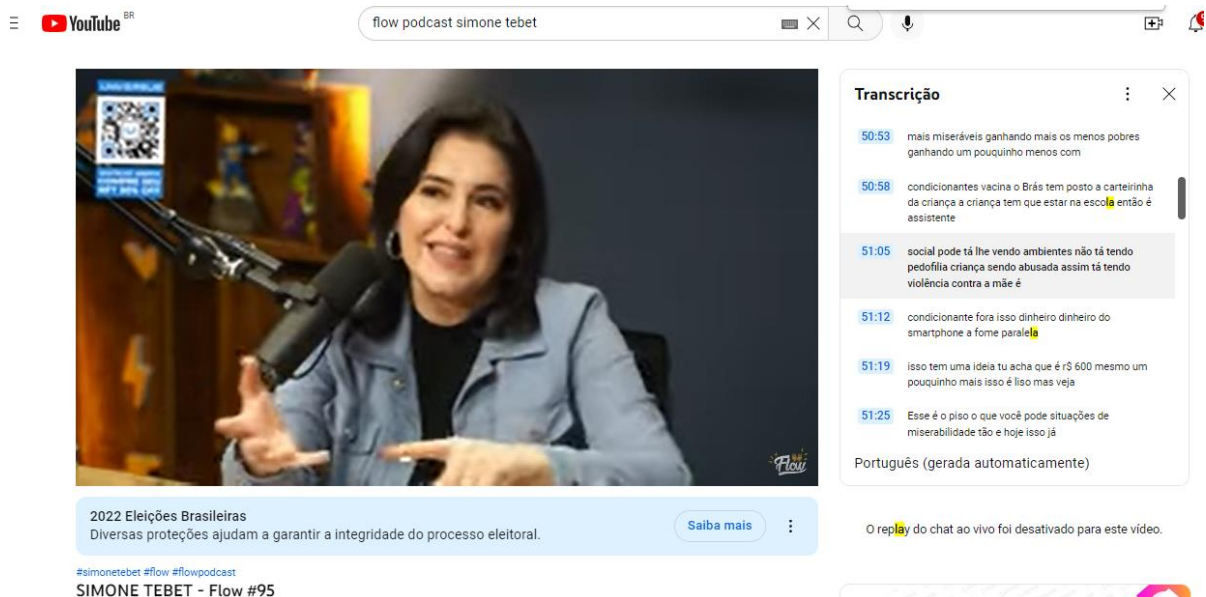
Na presente pesquisa, analisamos 20 dados do locativo “lá” em coocorrência com gestos manuais, em diferentes contextos de uso. A coleta geral dos dados se deu por meio de uma pré-seleção indutiva, considerando nosso objetivo geral, pelo qual intentamos analisar gestos manuais que coocorrem e se interrelacionam com os dêiticos locativos “lá”, em contextos reais de uso. Dessa forma, priorizamos a coleta de dados em que há interação espontânea entre dois ou mais interactantes (falantes e ouvintes), pois é importante que as ações dos dados não sejam emuladas pelos falantes. A fim de contemplar o nosso objetivo de trabalho e aplicar de modo pleno à trilha de análise gestual, selecionamos dados em que as mãos dos interactantes estão

visíveis dentro do enquadramento do vídeo, visto que a presente análise se debruça sobre o uso das mãos.

4.3.1 Notas sobre as ocorrências coletadas no YouTube

Para seleção dos dados coletados do YouTube, escolhemos os vídeos aleatoriamente, com diferentes situações comunicativas. O YouTube fornece, para a maioria dos vídeos, a possibilidade de acessar a transcrição verbal do que é falado e, desse modo, um pesquisador pode utilizar a ferramenta de busca básica do browser (Ctrl+F) para procurar por termos-chave. No nosso caso, buscamos pelo termo “lá”, o dêitico locativo que analisamos. Este procedimento mais analógico e manual é um pouco menos intuitivo, visto que a ferramenta de pesquisa de palavras-chave do navegador seleciona todas as palavras em que ocorre a subparte/sílaba “la” (sem acento ou com acento gráfico). Desse modo, cabe ao pesquisador estabelecer uma filtragem e visualizar trecho a trecho. O YouTube apresenta, em cada trecho transcrito, o tempo exato em que há a ocorrência. Assim, o vídeo, posteriormente, pode ser baixado e recortado pelo pesquisador, com maior precisão.

Figura 20 – Captura de tela de vídeo do YouTube com a ferramenta de transcrição



Fonte: Elaborado pelo do pesquisador (2022).

Optamos por selecionar narrativas reais, cenas em que mais de um falante relatasse a outro(s) ouvinte(s) alguma experiência envolvente e relevante em sua vida. Assim, decidimos coletar e analisar alguns excertos da entrevista da senadora Simone Tebet (MDB) para o canal

Flow Podcast, e trechos de entrevistas cômicas do programa de humor *Que História É Essa Porchat?*

O canal brasileiro de Youtube *Flow Podcast* foi fundado por Bruno Monteiro Aiub, popularmente conhecido como Monark, e por Igor Rodrigues Coelho que, no último ano, tem sido o principal anfitrião do canal, por conta de algumas polêmicas envolvendo Bruno Monteiro (Monark). O podcast já entrevistou políticos, influenciadores digitais e demais personalidades. É um dos podcasts mais assistidos do país e, após as transmissões filmadas em estúdio, que acontecem semanalmente, os episódios são disponibilizados em plataformas de áudio e streaming. No período eleitoral de 2022, o podcast entrevistou alguns candidatos à presidência da República do Brasil, a fim de discutir e apresentar propostas, ideologias e planos de governo de modo irreverente e longe das mídias mais tradicionais de debate político. Em agosto de 2022, a candidata à presidência, senadora Simone Tebet (MDB), foi entrevistada por Igor Rodrigues, expondo suas propostas, situações da vida pública e até estabelecendo algumas denúncias diante de casos de corrupção de determinados políticos.

Coletamos, também, excertos disponibilizados no YouTube do programa *Que História É Essa Porchat?* O programa *Que História É Essa Porchat?* é um *talk show* transmitido, desde agosto de 2019, pelo canal de televisão por assinatura GNT, parte dos Canais Globo. Segundo o site GNT, o programa de entrevistas, em questão, foi criado pelo apresentador, ator e humorista Fábio Porchat, e é produzido pelo Porta dos Fundos (canal de humor do YouTube). No programa, o apresentador convida celebridades da música, cinema, teatro, internet e televisão, para que compartilhem histórias cômicas e envolventes.

Na subseção a seguir, analisamos os dados coletados e os discutimos, com base nos procedimentos de análise descritos.

5 ANÁLISE DOS DADOS, RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nesta seção, analisamos as ocorrências verbo-gestuais provenientes de nossas amostras e discutimos os resultados dessas análises com base no MIG-G com aplicação parcial do Bloco 1 do LASG, pontos que foram mencionados e descritos na seção 4 do presente trabalho. Como já apontamos anteriormente, a fim de realizarmos a análise das ocorrências, criamos uma trilha de análise no software ELAN, versão 6.4, em que foram verificados parâmetros de forma e função, também já descritos anteriormente (Sloetdjes; Wittenburgh, 2008).

5.1 Aplicação das trilhas, Análise e Discussão dos dados

Assim como é proposto por Cienki (2016), e com base nos parâmetros que descrevemos na seção anterior, em um primeiro momento, retiramos o som dos vídeos. Reduzimos, no ELAN, a velocidade de reprodução para um percentual entre 60% e 70%, de forma que pudéssemos isolar e identificar os núcleos gestuais (*Strokes*) com mais precisão. Após isso, e com o som desligado, ainda, descrevemos, em nossa trilha-mãe, os parâmetros de notação gestual, propostos por Bressem, Ladewig e Müller (2013). Estes são: Formato das mãos (Trilha 2); Orientação das palmas (Trilha 3); Direção do movimento (Trilha 4); Tipo de movimento (Trilha 5); Posição Espacial (Trilha 6). Depois, categorizamos se há, ou não, a ocorrência de um Gesto de Apontar (Trilha 7). Posteriormente, categorizamos a função que o gesto manual desempenha, em coocorrência com fala. Assim, dentro da Trilha 8, definimos qual a Função Pragmática que o gesto desempenha, caso não desempenhe nenhuma função pragmática, não preenchemos a trilha. Na Trilha 9, definimos se há alguma Função Referencial, e se essa função é Abstrata ou Concreta. Caso o gesto não desempenhe função referencial, nós não preenchemos a trilha. Após isso, partimos para a identificação, ou não, de algum Modo de Representação Gestual, Trilha 10. A Trilha 11 é preenchida manualmente, não definimos vocabulários controlados, e é referente aos Esquemas Imagéticos identificados, ou não, nos usos verbo-gestuais. Na Trilha 12 categorizamos o Nível Narrativo em que o gesto ocorre. Na Trilha 13, descrevemos manualmente o Tópico Contextual e na Trilha 14 apontamos, também, manualmente o Referente no discurso.

A Trilha 1, feita para a transcrição do trecho de fala em que há o uso do locativo “lá”, é preenchida por último.

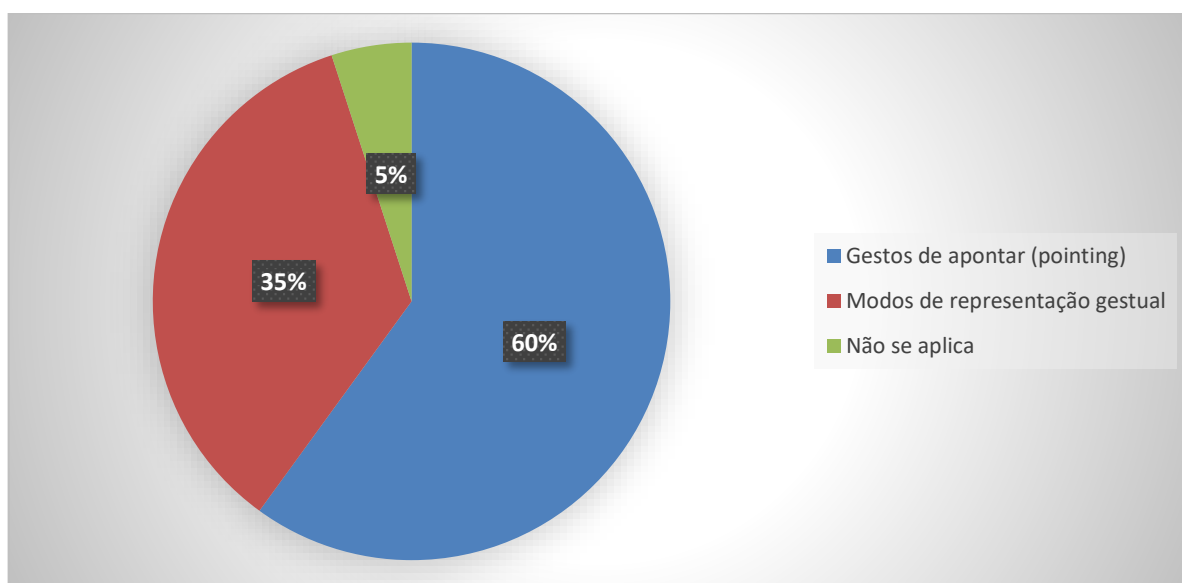
Todas as trilhas preenchidas podem ser verificadas no Anexo I do presente trabalho.

Na subseção a seguir, comentamos os dados de modo mais panorâmico, por meio de uma análise quantitativa e ilustrada em gráficos com os percentuais emergentes das categorias de análise das trilhas.

5.1.1 Ocorrências do “lá”: visão geral por meio de gráficos

Após analisadas as 20 ocorrências no ELAN, versão 6.4, por meio das trilhas de análise previamente descritas, buscamos comparar o percentual relativo à ocorrência dos Modos de Representação Gestual e Gestos de Apontar (Sloetdjes; Wittenburgh, 2008).

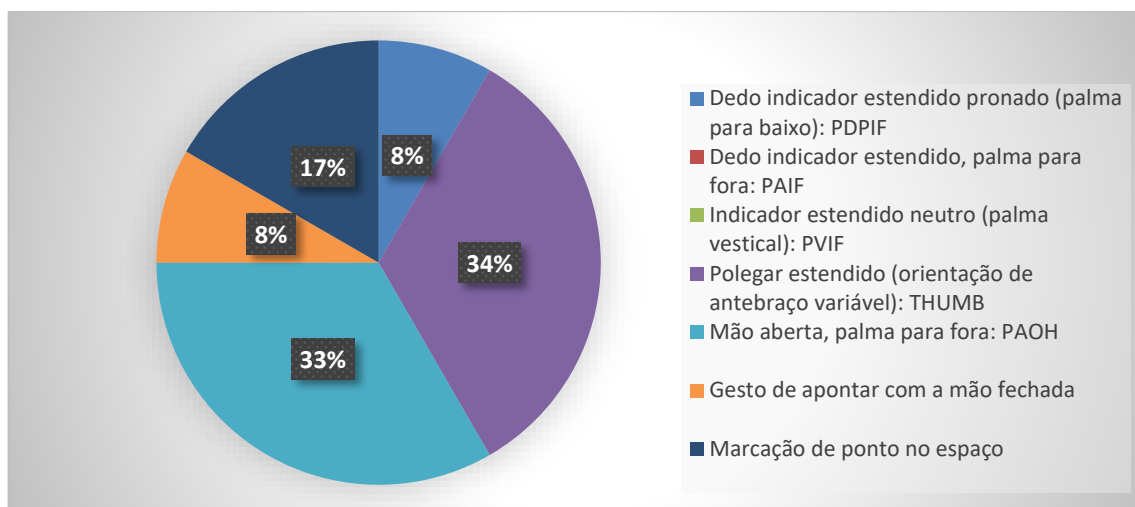
Gráfico 1 – Gestos de Apontar e Modos de Representação Gestual – Visão Geral



Fonte: Elaborado pelo do pesquisador (2023).

No âmbito das 20 ocorrências, identificamos, que há uma maior incidência de Gestos de Apontar (*pointing*), constituindo um percentual de 60%. Acerca dos Modos de Representação Gestual, categorizamos um percentual de 35% dos dados. 5% das ocorrências não foram categorizadas, na análise, dentro das trilhas concernentes aos Gestos de Apontar e aos Modos de Representação Gestual. Assim, no Gráfico 1, criamos a categoria *Não se aplica*. Trata-se uma escolha metodológica para a apresentação dos resultados, pelo fato das configurações gestuais destas ocorrências não se adequarem aos parâmetros que descrevemos e determinamos previamente para as demais categorias.

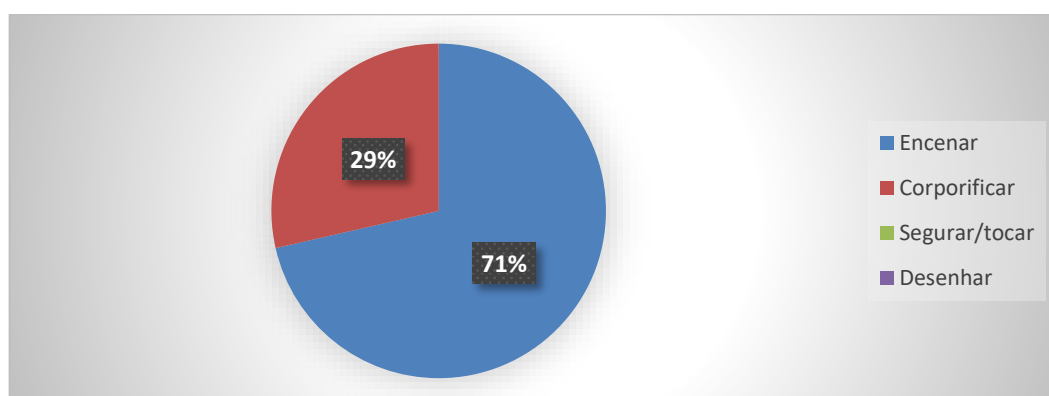
No Gráfico 2, diagramamos o percentual de gestos que foram categorizados como Gestos de Apontar.

Gráfico 2 – Gestos de Apontar (pointing)

Fonte: Elaborado pelo do pesquisador (2023).

Dentro dos gestos identificados como Gestos de Apontar, 33% dos gestos configuraram gestos de Mão Aberta, Palma Para Fora (PAOH), 34% dos gestos foram categorizados como gestos de Polegar Estendido (THUMB), com orientação do antebraço variável. 8% das ocorrências foram de gestos de Dedo Indicador Estendido Pronado (PDPIF), com a palma para baixo. Nos percentuais, 8% das ocorrências foram categorizadas em Gesto de Apontar com a Palma para baixo; enquanto 17% das ocorrências foram categorizadas como Marcador de Ponto no Espaço. Ao contrário do que é preconizado na literatura (Kendon, 2004, Avelar; Ferrari, 2017), não identificamos nenhum gesto de apontar dentro das categorias (vocabulários controlados) Dedo Indicador Estendido Palma Para Fora (PAIF) e Indicador Estendido Neutro (PVIF), com a Palma na Vertical.

No gráfico 3, diagramamos o percentual das ocorrências e seus Modos de Representação Gestuais mais recorrentes.

Gráfico 3 – Modos de Representação Gestual

Fonte: Elaborado pelo do pesquisador (2023).

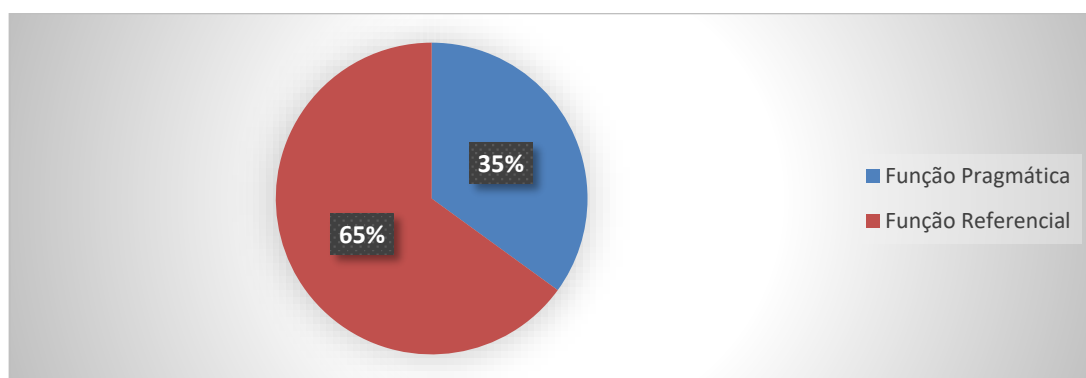
O Gráfico 3 é referente à categorização dos Modos de Representação Gestual, nele podemos identificar que um percentual de 71% dos dados configurou o Modo de Representação Encenar, que ocorre quando as mãos, de fato, simulam/encenam uma atividade cotidiana. Em relação ao Modo de Representação Gestual Corporificar, que ocorre quando a mão molda o formato de um objeto ou espaço em 3D, identificamos uma incidência em 29% dos dados, enquanto não identificamos nenhuma ocorrência do Modo de Representação Desenhar e Segurar/moldar.

Observando os percentuais, verificamos que a maior incidência de Gestos de Apontar nos nossos dados, quando comparados com os Modos de Representação Gestual, se justifica por um paradigma dos Estudos de Gesto associados à Linguística Cognitiva, que é a relação frequente dos Gestos de Apontar com as expressões dêiticas (Kendon, 2004). Conforme apontam Avelar e Ferrari (2017), tais ações gestuais, as de apontar, estabelecem uma ligação referencial entre os enunciados e as condições espaço-temporais em que ocorrem.

Compreendemos que tal proposta se valida quando nos propomos a analisar dados verbo-gestuais do locativo “lá” em dados multimodais. Assim, se retomamos o nosso objeto principal de pesquisa, que consiste em analisar, por meio de uma perspectiva cognitivo-gestual, o comportamento dos gestos manuais quando coocorrem com o dêitico locativo “lá” em diferentes situações interativas do português brasileiro, podemos afirmar que a associação tradicional da literatura dos Estudos de gestos — gestos de apontar associados aos dêiticos locativos — se valida predominantemente nas ocorrências analisadas.

De modo a ter uma visão mais geral das funções desempenhadas pelo locativo em coocorrência com os dados manuais, diagramamos o Gráfico 4 com o percentual das funções Pragmática e Referencial.

Gráfico 4 – Funções dos gestos

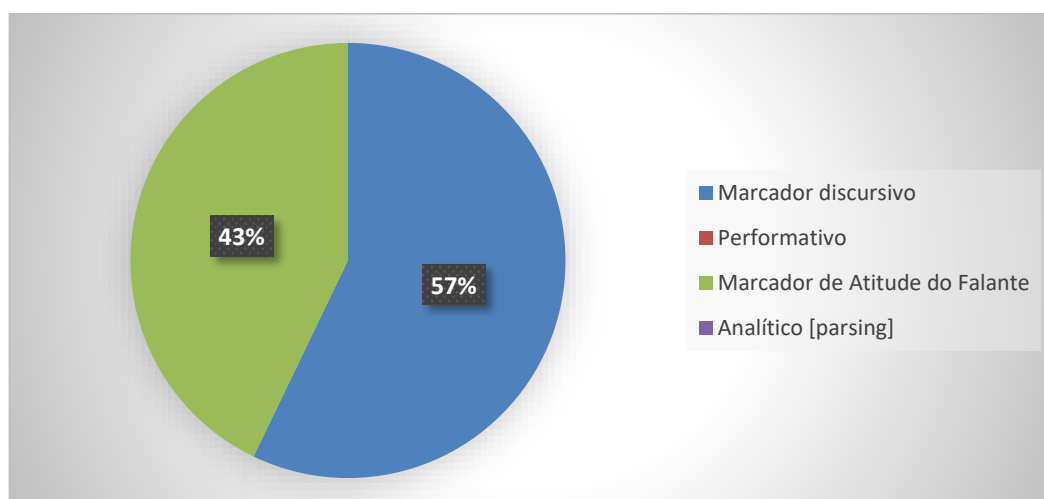


Fonte: Elaborado pelo do pesquisador (2023).

No Gráfico 4, podemos verificar que houve uma predominância de gestos que desempenharam Função Referencial — precisamente 65% das ocorrências —, enquanto 35% dos gestos desempenharam Função Pragmática. Todas as ocorrências que desempenharam Função Referencial foram categorizadas dentro de Função Referencial Abstrata em nossa planilha de categorização dos dados. Inferimos que isso ocorreu, nos dados analisados, pelo fato de o locativo “lá” ser usado para designar elementos localizáveis nas narrativas e nas situações descritas, fazendo, assim, referência a pessoas, elementos e objetos imaginários, tal como é proposto por McNeill e colaboradores (1993). Dessa maneira, há uma maior recorrência de referência a elementos que não podem ser visualizados dentro da interação imediata, o que indica a predominância do Nível Narrativo/Discursivo nas ocorrências que analisamos. Assim, nossa hipótese de trabalho, de que os gestos locativos ocorrem com maior frequência no nível narrativo da fala e interação, foi validada, considerando o nosso *corpus* de análise (Mc Neill et al., 1993).

Diagramamos o Gráfico 5 para verificar o percentual das ocorrências categorizadas dentro da categoria Função Pragmática. Obtivemos o seguinte resultado:

Gráfico 5 – Funções Pragmáticas



Fonte: Elaborado pelo do pesquisador (2023).

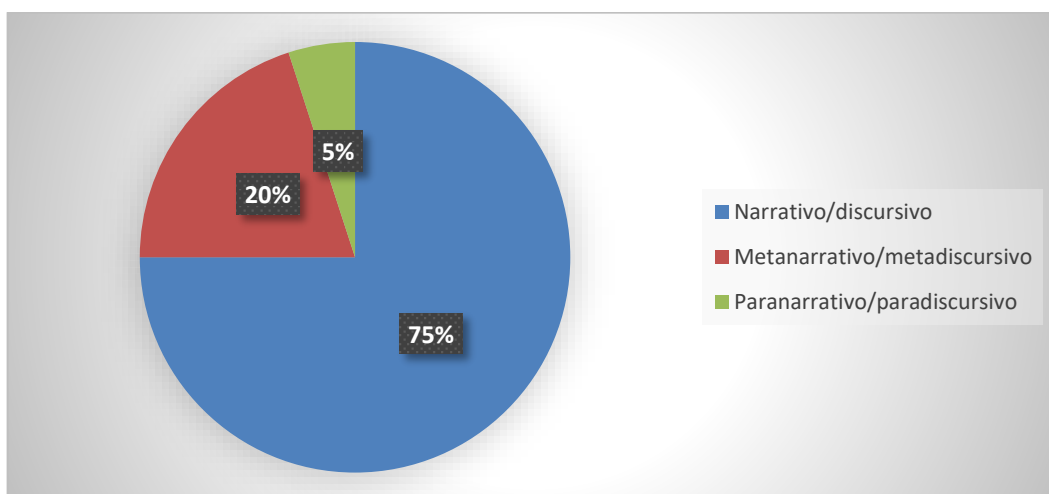
Acerca das Funções Pragmáticas, apresentadas no Gráfico 5, é possível identificar um maior percentual de ocorrências que desempenharam função de Marcador Discursivo, configurando 57% dos dados. 43% das ações gestuais desempenharam função de Marcador de Atitude do Falante. Não categorizamos nenhum dado com função Analítica [*parsing*] e função Performativa.

Como indicamos em nosso Referencial Teórico, Oliveira (2018) aponta que a partícula “lá” aparece como subparte de determinados padrões construcionais do Português Brasileiro. Em alguns dados, o “lá” apareceu afixado a determinados sintagmas muito convencionalizados da língua, como é o caso do “sei lá”. O “sei lá” é bastante utilizado como um modulador da fala, para reelaboração do que se diz. Nas ocorrências em que definimos a Função Pragmática desempenhada pelo locativo “lá” como Marcador Discursivo, o Nível Narrativo identificado foi o Metanarrativo/Metadiscursivo. Esse nível é concernente à estrutura da narrativa, não da narrativa em si, mas sobre a estrutura do que está sendo dito. É justificável o grande número de ocorrências pragmáticas do uso do “lá” identificadas, visto que, afixado a determinados sintagmas, o “lá” constitui muitas estruturas convencionalizadas do português brasileiro, utilizadas para marcar ações do discurso falado, ou a estrutura organizacional da fala.

Ainda acerca das funções pragmáticas, a saber, nas ocorrências em que identificamos a função de Marcação de Atitude do Falante, observamos ações que desempenharam sentido de ordenação, fazer frente a um posicionamento (novamente com o sentido de ordenança), e até eliminação de um tópico irrelevante (“Deixa pra lá”). Dentro do percentual de Funções Referenciais, tivemos uma maior recorrência de usos abstratos, e verificamos processos de metaforicidade. Algumas funções e formas não foram categorizadas dentro da nossa trilha-mãe, o que evidencia a diversidade de funções e formas que o locativo “lá”, em coocorrência com gestos manuais, pode desempenhar no Português Brasileiro.

Verifiquemos, agora, o Gráfico 6:

Gráfico 6 – Níveis Narrativos



Fonte: Elaborado pelo do pesquisador (2023).

O Gráfico 6 indica que categorizamos ocorrências nos três diferentes níveis que apontamos. Contudo, houve uma grande diferença percentual: 75% das ocorrências foram categorizadas dentro do nível Narrativo/Discursivo. A seguir, 20% das ocorrências foram categorizadas dentro do nível Metanarrativo/Metadiscursivo. Identificamos um percentual de 5% das ocorrências no nível Paranarrativo/Paradiscursivo.

Interpretamos que a maior incidência de ocorrências no Nível Narrativo/Discursivo se deu pelo fato de os falantes estabelecerem referência a elementos que estão mais distantes, ou seja, presentes nas histórias/narrativas, e não necessariamente na interação imediata com outros sujeitos, que se manifestaria no nível Paranarrativo/Paradiscursivo, tampouco em relação a estrutura do discurso verbal, que configuraria o nível Metanarrativo/Metadiscursivo.

Em nossa trilha de análise referente a Esquemas Imagéticos, não definimos vocabulários controlados concernentes às categorias apontadas por Cienki (2016) e que podem ser observadas na seção 2.3 do Referencial Teórico.

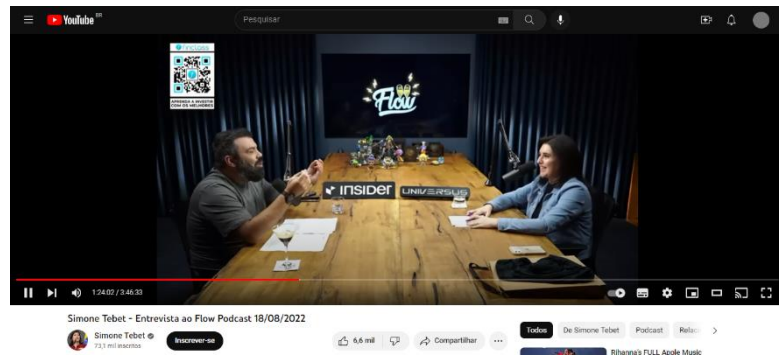
Na subseção, a seguir, analisamos qualitativamente cada uma das 20 ocorrências coletadas.

5.1.2 Ocorrências do “lá”: dados videogravados

Na presente subseção, analisaremos qualitativamente, caso a caso, as 20 ocorrências coletadas e que selecionamos como *corpora* do trabalho. Acerca das configurações do espaço interativo do *Flow Podcast* (YouTube) e do *Que História É Essa Porchat?* (Canal GNT), estabelecemos a seguinte descrição:

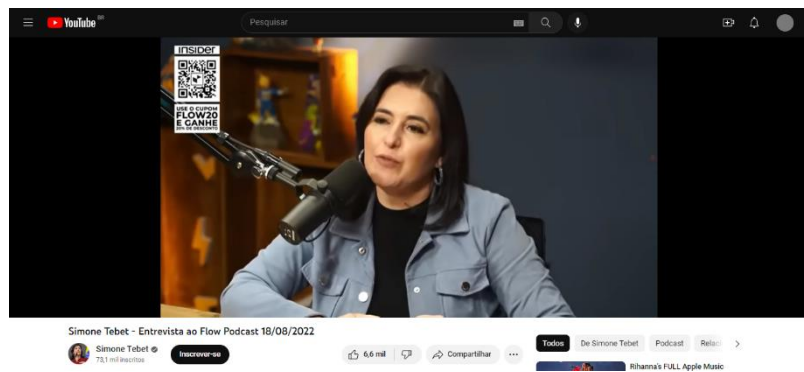
i) *Flow Podcast*: Em termos de estrutura espacial, os falantes, entrevistador (Igor) e entrevistados, se sentam, de frente um para o outro, a uma mesa retangular central. Há apenas duas pessoas no estúdio (entrevistador e entrevistada), com um televisor ao fundo, no qual são transmitidas algumas imagens, microfones dispostos para ambos e uma série de ornamentos pelas paredes, a fim de compor uma identidade visual para o espaço. Há boa iluminação, e as mãos dos interactantes ficam posicionadas sobre a mesa, de modo visível. Os enquadramentos de imagem transitam entre quadros que permitem visualizar todo o estúdio e os dois falantes à mesa, e quadros mais próximos, reservados a um falante por vez. São esses enquadramentos que priorizam um único falante que nos forneceram insumos para nossa análise gestual. Abaixo, ilustramos os dois diferentes tipos de enquadramento apontados:

Figura 21 – Captura de tela de vídeo do YouTube – enquadramento 1 do Flow Podcast



Fonte: Elaborado pelo do pesquisador (2022).

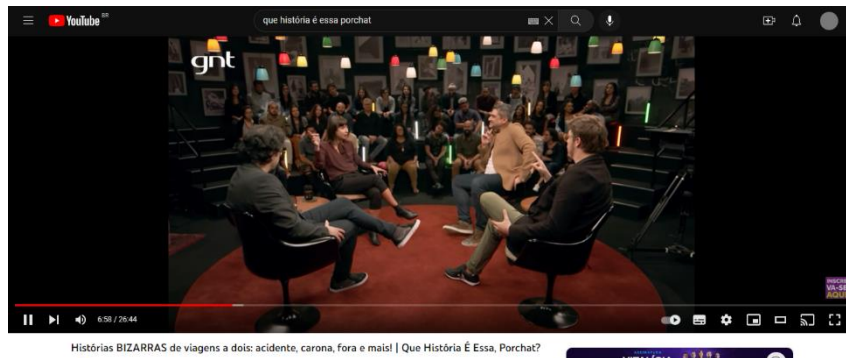
Figura 22 – Captura de tela de vídeo do YouTube – enquadramento 2 do Flow Podcast



Fonte: Elaborado pelo do pesquisador (2022).

ii) *Que História É Essa Porchat?*: o apresentador interage com os convidados, com a plateia presente no programa e, algumas vezes, com o público de casa, que é acessado através das câmeras. Os convidados se sentam em círculo, em um palco central, juntamente com o entrevistador, todos voltados para um centro. Ao redor do palco principal, que é bastante iluminado, fica a plateia. Escolhemos os excertos dos programas aleatoriamente, identificando as ocorrências verbo-gestuais dêiticas. Abaixo, ilustramos a disposição espacial da interação do programa:

Figura 23 – Captura de tela de vídeo do YouTube – enquadramento do programa Que História É Essa Porchat?

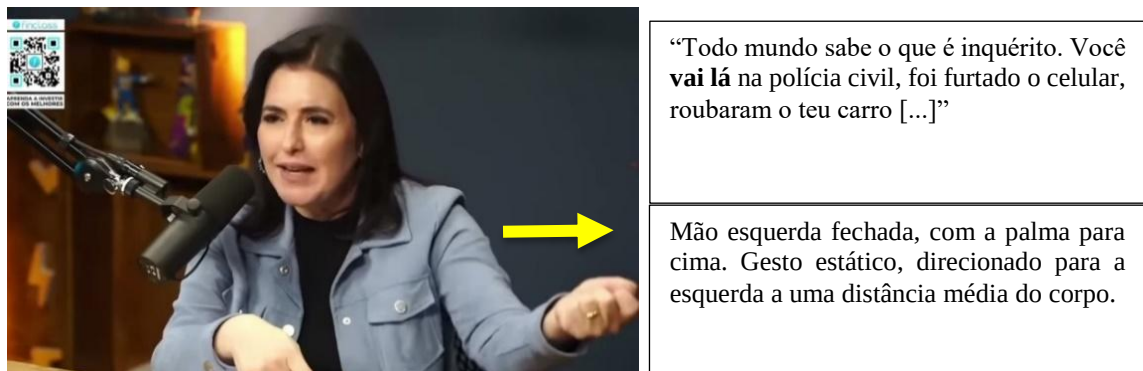


Fonte: Elaborado pelo do pesquisador (2022).

Nossa seleção de *corpora* se justifica pela necessidade de estabelecermos um contraponto entre as diferentes interações propostas. Assim, é possível estabelecer um comparativo entre as ocorrências, que se dão em diferentes contextos de uso da língua e prática social.

Abaixo, analisamos 11 ocorrências da entrevista da ex-senadora Simone Tebet, para o canal do YouTube *Flow Podcast*:

Figura 24 – Ocorrência 1

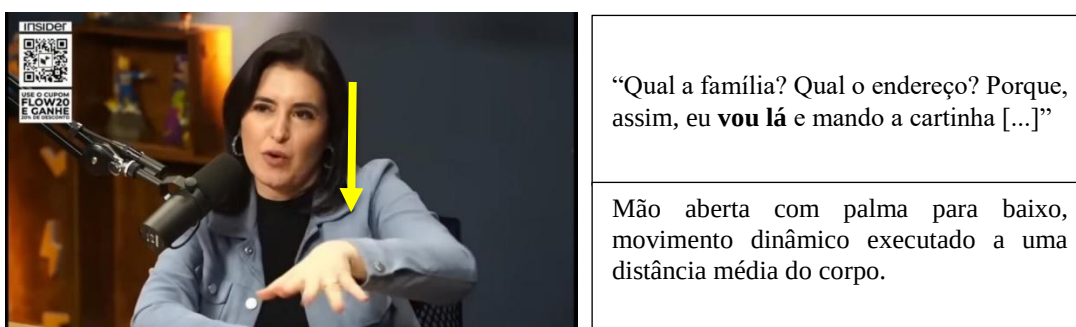


Fonte: Elaborado pelo do pesquisador (2022), coletado no YouTube e proveniente do *Flow Podcast*.

A falante executa um gesto com a mão esquerda fechada e palma para cima, no qual direciona a mão para a esquerda em movimento estático a uma distância média do corpo. Categorizamos a ação como um Gesto de Apontar com a Mão Fechada. O gesto co-ocorre com o trecho “você vai lá na polícia civil”. O “lá”, no nível da fala, referencia, cataforicamente, a “polícia civil” (no sentido de delegacia policial, o local), partícula do sintagma que aparece logo em seguida na construção. Posteriormente, a falante enumera algumas ações criminais que podem motivar a abertura de um inquérito. Compreendemos que o gesto não deve ser

interpretado desempenhando uma função, puramente, locativa e referencial, mas que também indicia uma tomada de ação por parte de uma pessoa no processo de abertura de um inquérito. Normalmente, quando possuem funções referenciais e locativas, os dêiticos locativos são associados a um gesto de apontar (Kendon, 2004). A ação ocorre no nível paradiscursivo (Avelar, 2016), visto que a falante se direciona ao seu interlocutor (“você vai lá”).

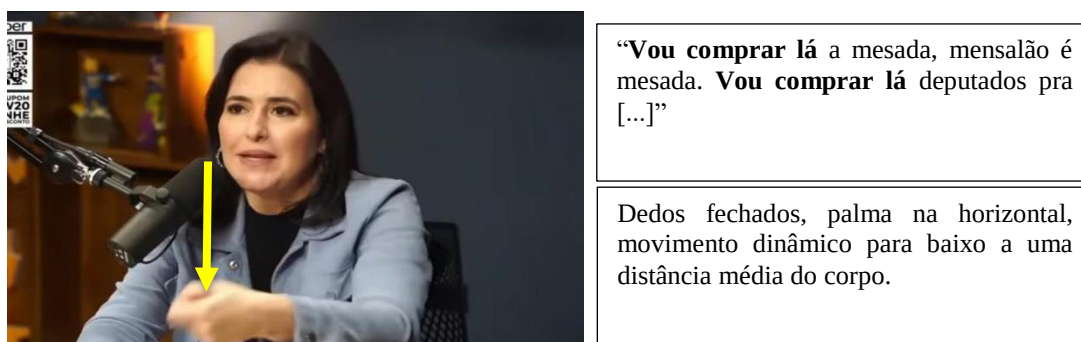
Figura 25 – Ocorrência 2



Fonte: Elaborado pelo do pesquisador (2022), coletado no YouTube e proveniente do *Flow Podcast*.

A falante executa um gesto de mão aberta, com a palma voltada para baixo, a ação é executada num movimento dinâmico a uma distância média do corpo. Categorizamos a ação gestual como dinâmica, na trilha de análise, pois a falante movimenta os dedos da mão esquerda para cima e para baixo, e, também, como um gesto de apontar que demarca um ponto no espaço-tempo da narrativa. O gesto possui referente abstrato, de modo que o “lá” indicia um lugar onde se encontrariam os indivíduos descritos no enunciado falado (a família). O Esquema Imagético que identificamos na trilha de análise foi SUPERFÍCIE, já que o gesto indica um ponto específico onde os elementos narrativos podem ser identificados. Compreendemos que o gesto dinâmico demarca, também, uma sequência de eventos

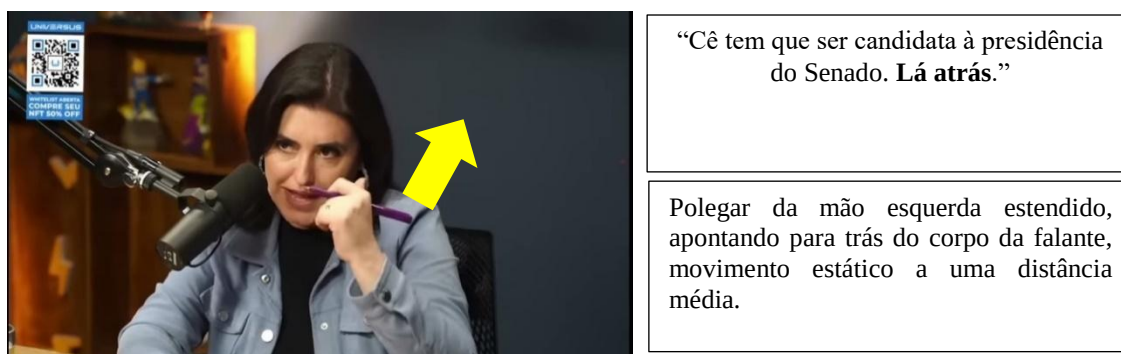
Figura 26 – Ocorrência 3



Fonte: Elaborado pelo do pesquisador (2022), coletado no YouTube e proveniente do *Flow Podcast*.

A falante executa um gesto com os dedos fechados e palma na horizontal, os golpes gestuais (*strokes*) em repetição são executados para baixo, como batidas repetidas, evidenciando uma ênfase dada para a ação narrada, de modo que categorizamos o gesto como dinâmico a uma distância média do corpo. A ação gestual é executada junto com o enunciado “**Vou comprar lá** a mesada, mensalão é mesada. **Vou comprar lá** deputados [...]”, o que nos evidencia um *frame* de compra-venda, e/ou pagamento. Dentro de um nível narrativo a falante está descrevendo um processo de compra de votos. O locativo “lá” nesta ocorrência não indica nenhum referente físico ou abstrato em um ponto específico do espaço, trata-se de um gesto icônico que encena a ação de comprar e vender.

Figura 27 – Ocorrência 4



Fonte: Elaborado pelo do pesquisador (2022), coletado no YouTube e proveniente do *Flow Podcast*.

A falante executa um gesto com o polegar (*thumb*) estendido para trás, um movimento estático a uma distância média do corpo em coocorrência com o enunciado “**Lá atrás**”. Após enunciar o sintagma “Cê tem que ser candidata à presidência do Senado” a falante estabelece uma rápida pausa, antes de apontar com o dedão da mão esquerda para um ponto do espaço atrás do seu corpo. Ela não aponta para uma localização específica do espaço imediato compartilhado, mas sim para um ponto específico do tempo (passado). Resgatamos, desse modo, nesta ocorrência, a metáfora conceptual O PASSADO É PARA TRÁS e, também, a marcação de TEMPO É ESPAÇO, já que por meio do gesto a falante aponta para uma partícula temporal, que seria o passado, mais especificamente para uma situação que ocorreu no passado. De acordo com Lakoff & Johnson (1980), as metáforas conceptuais são não-arbitrárias, e estão baseadas nas experiências culturais e físicas (corpóreas) das pessoas. Assim, a falante instancia uma ação sendo um centro dêitico e estabelecendo uma linha temporal de eventos. “Lá” com valor espacial e locativo pode assumir valor temporal. Em nossa análise, não definimos na trilha nenhuma categorização referente à presença, ou não, de metáforas nos dados, visto que nossos

objetivos se coadunam em analisar o comportamento dos gestos e não precisamente como estes gestos instanciam metáforas conceituais e definem o processo de metaforização na interação. Optamos, contudo, por apontar possíveis ocorrências metafóricas qualitativamente na discussão das análises.

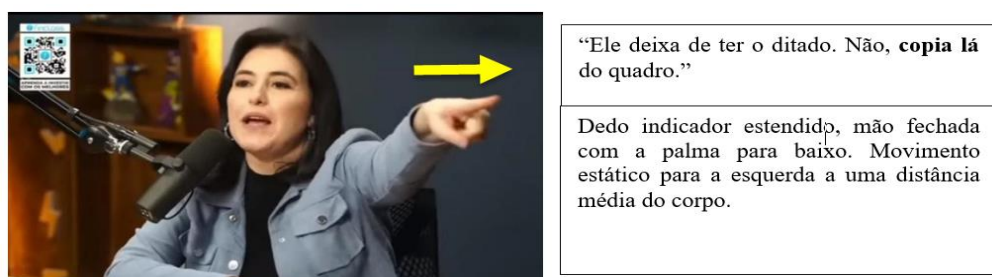
Figura 28 – Ocorrência 5



Fonte: Elaborado pelo do pesquisador (2022), coletado no YouTube e proveniente do *Flow Podcast*.

O gesto executado possui função pragmática e é uma ação convencionalizada dentro da língua. Ao enunciar, na fala, o “**deixa pra lá**”, Simone Tebet executa um gesto que dentro dos Estudos de Gestos se configura como um Gesto de Espanar (Graça, 2021). Gestos de espanar são executados com as mãos relaxadas, palmas direcionadas para fora do corpo, em um movimento de rápida torção dos pulsos, com base em descrições de Graça (2021). Gestos assim, expressam uma avaliação negativa de algo, por parte do falante, e assim esse falante executa uma “remoção” de um tópico de conversa indesejado, de modo que tal tópico considerado incômodo é “espanado” para longe do corpo do falante. É importante verificar que o “lá” não é a subparte mais proeminente da construção, contudo, é possível resgatar os aspectos locativos quando observamos que a função é estabelecer uma distância, por meio do gesto, em concomitância com o elemento verbal, entre a falante e algo que é incômodo, em determinado espaço-tempo narrado.

Figura 29 – Ocorrência 6



Fonte: Elaborado pelo do pesquisador (2022), coletado no YouTube e proveniente do *Flow Podcast*.

Goodwin (1994 *apud* Streeck, 2009) afirma que episódios em que gestos de apontar são utilizados se iniciam com o estabelecimento de um foco compartilhado entre os indivíduos, de modo a localizar e identificar objetos, lugares, figuras no mundo. Dentro do nível narrativo, a falante, por meio do gesto de apontar, com o dedo indicador estendido e direcionado para a esquerda, a uma distância periférica do corpo, indica a localização de uma entidade no espaço, que seria o “quadro”. Dentro da situação hipotética descrita, a falante estabelece uma distância da entidade abstrata da narrativa, que é o quadro, do corpo da personagem, que é a professora. Em uma primeira análise, tal ação pode se configurar unicamente como referencial e abstrata, contudo, retomemos uma consideração de Avelar e Ferrari (2017), que compreendem que determinados usos dêiticos podem se distanciar dos significados locativos e referenciais mais básicos, e assumem, assim, por meio de extensões metafóricas, um caráter discursivo (Avelar; Ferrari, 2017). Na ocorrência, o dedo indicador estendido, junto ao dêitico “lá” em um sintagma de estrutura imperativa, indica, também, ordem da professora para o aluno, da situação hipotética narrada.

Ocorrências assim arremetem ao aspecto de multifuncionalidade dos gestos, visto que ao mesmo tempo que o locativo “lá” desempenha função referencial, também há um desdobramento pragmático, visto que a estrutura “**Copia lá**”, no imperativo, designa ordem, um comando.

Figura 30 – Ocorrência 7



"[...] ela mandou pro Brasil. Ela viu aqui do poder público, da iniciativa privada e **mandou pra lá.**"

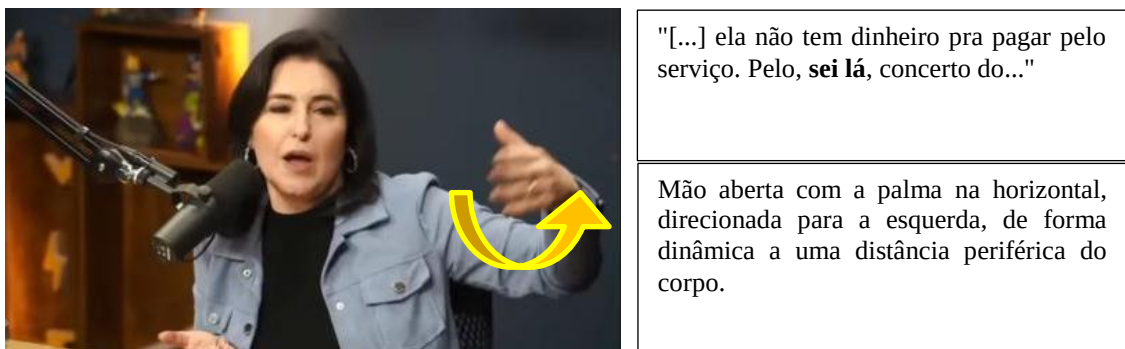
Mão aberta, com palma para cima, direcionada para fora do corpo de forma dinâmica a uma distância média.

Fonte: Elaborado pelo do pesquisador (2022), coletado no YouTube e proveniente do *Flow Podcast*.

A falante executa um gesto com a mão aberta com a palma para cima, direcionado para fora do corpo, em um movimento dinâmico a uma distância média. O gesto coocorre com o enunciado verbal “[...] ela mandou pro Brasil. Ela viu aqui do poder público, da iniciativa privada e mandou pra lá.” Acerca do Modo de Representação, o categorizamos como Encenar, no nível Narrativo/Discursivo. A falante fala sobre uma tomada de ações por parte de sua

candidata à vice-presidência. Ao falar acerca disso, no momento em que produz o sintagma “mandou pra lá”, ela junta ambas as mãos e as direciona para fora do corpo, para o espaço imediato à sua frente, em um movimento ascendente, como se segurasse um objeto ao mesmo tempo que indica a direção desse objeto, o que representaria a ação de “envio” interpretada por meio do enunciado verbal. Categorizar o Esquema Imagético consistiu em um desafio, mas optamos por categorizar o dado como TRAJETÓRIA, considerando que os aspectos locativos do dêitico “lá”, no sintagma, instanciam o direcionamento do gesto no espaço. Em se tratando da função do gesto, a definimos como Função Pragmática de Marcador Discursivo, visto que o gesto assume a função de operador em relação ao que é falado por Tebet, ou seja, indiciando a ação de “mandar” (enviar) para um lugar específico no espaço-tempo, marcado pelo uso do locativo “lá”.

Figura 31 – Ocorrência 8



Fonte: Elaborado pelo do pesquisador (2022), coletado no YouTube e proveniente do *Flow Podcast*.

A falante executa um gesto de mão aberta, com a palma orientada na horizontal, direcionado para a esquerda de forma dinâmica a uma distância periférica em termos de Posição Espacial. O gesto coocorre com o enunciado verbal “[...] ela não tem dinheiro pra pagar pelo serviço. Pelo, sei lá, concerto do...”. O gesto desempenha Função Pragmática e o categorizamos como Marcador Discursivo, em um nível Metanarrativo/Metadiscursivo. O sintagma “sei lá” na ocorrência, funciona como um recurso convencionalizado no português brasileiro para reelaboração da estrutura da fala. Na ocorrência percebe-se que a falante executa o “sei lá” para marcar a reelaboração de sua fala e depois apresenta uma sucessão de questões econômicas e de consumo relacionadas a pessoas mais pobres, assim, os gestos executados de forma dinâmica para esquerda, juntamente com a ação verbo-gestual, operam em um Esquema Imagético de CICLO. Contudo, há um fator pragmático que pode ser evocado, também, quando identificamos

a ação cíclica do gesto manual. Ladewig (2014) fala acerca de gestos convencionalizados na língua, em termos de forma e conteúdo, que é o caso dos “Gestos Cíclicos”, por exemplo.

Figura 32 – Gesto cíclico



Fonte: Ladewig (2014).

Esse tipo de gesto estaria, convencionalmente, atrelado a processos em andamento, ou compreensão de ciclos, e operacionalmente é feito com as mãos executando movimentos circulares no espaço vazio ao lado ou em frente a um falante.

Figura 33 – Ocorrência 9



"[...] representando o Brasil na ONU, na questão da inclusão, e tá lá"

Mão aberta com a palma na horizontal, direcionada para fora do corpo, de forma estática, a uma distância média.

Fonte: Elaborado pelo do pesquisador (2022), coletado no YouTube e proveniente do *Flow Podcast*.

A falante executa um gesto com a mão aberta e a palma na horizontal, direcionado para fora do corpo, de forma estática e a uma distância média em termos de posição espacial. Categorizamos a ação como um gesto de apontar de Mão Aberta e Palma Para fora (PAOH) que coocorre com enunciado verbal “[...] representando o Brasil na ONU, na questão da inclusão, e tá lá”. A ocorrência desempenha função Referencial Abstrata, em um nível

Narrativo/Discurso, visto que a falante trata acerca da presença da sua candidata à vice-presidência, Mara Gabrilli, na ONU. O gesto indica um ponto do tempo-espaço que não pode ser identificado na interação imediata (que seria uma convenção da ONU).

Figura 34 – Ocorrência 10



Fonte: Elaborado pelo do pesquisador (2022), coletado no YouTube e proveniente do *Flow Podcast*.

A falante produz um gesto de mão aberta com a palma na diagonal, direcionado para a esquerda de forma dinâmica a uma distância periférica do corpo em termos de posição espacial. A ação coocorre com o enunciado verbal “[...] volta pra Câmara. A Câmara trabalha lá quatro meses...”. Identificamos que o gesto desempenha função pragmática, mais precisamente uma função de Atitude do Falante, em um nível Narrativo/Discurso. A falante descreve o processo de implementação de uma Proposta de Emenda Constitucional (PEC), Há uma repetição em relação à execução do núcleo gestual (*stroke*), o que evidencia tanto a ideia de distância quanto de processo. Interpretamos que a ação verbo-gestual ocorre como um modo de sumarizar o processo, explicá-lo de modo menos burocrático, para melhor comunicar o interlocutor, e os interlocutores mais gerais (público do podcast) que assiste ao vídeo. Contudo, o que marca, sobretudo, a função Pragmática como sendo de Atitude do Falante é o fato de, por meio do gesto, a falante distanciar a ação de seu corpo, “como se” fosse um processo menos relevante, também. O sintagma “trabalha lá” também indicia essa ideia, visto que descreve de modo vago o processo descrito. Categorizamos o Modo de Representação Gestual como Encenar.

Figura 35 – Ocorrência 11



"[...] estrada duplicada. **Vamo lá!** Vamo conhecer.",

Mão aberta com palma na horizontal, direcionada para a esquerda, de forma estática, a uma distância média do corpo.

Fonte: Elaborado pelo do pesquisador (2022), coletado no YouTube e proveniente do *Flow Podcast*.

Em coocorrência com o enunciado verbal “[...] estrada duplicada. Vamo lá! Vamo conhecer.”, a falante executa um gesto de Mãos Abertas, com as palmas na horizontal, voltadas uma para a outra, no espaço imediato à esquerda da falante. É um movimento estático, produzido a uma distância média do corpo. Categorizamos o gesto, em termos de função pragmática, como Marcador Discursivo, mas que opera em um nível Narrativo/Discursivo. O categorizamos assim, pois a falante reproduz uma construção sintagmática também muito convencionalizada no português brasileiro “Vamo lá”, que normalmente é utilizado para introduzir um tópico, instigar um grupo de pessoas, expressando ordem ou organização etc. A candidata descreve a fala de uma pessoa que, de modo informal, fala sobre a possibilidade de implementação de uma fábrica em uma cidade pequena. “Vamo lá” indicaria o incentivo ao processo, em questão, e não precisamente uma localização específica.

Deste ponto, em diante, descreveremos a análise dos dados coletados do programa *Que História É Essa Porchat?* (canal GNT).

Figura 36 – Ocorrência 12



“**lá atrás** no começo da carreira”

Dedos fechados, palma na horizontal, movimento dinâmico a uma distância periférica do corpo. Polegar estendido para trás.

Fonte: Elaborado pelo do pesquisador (2022), coletado no Youtube e proveniente do *Que História É Essa Porchat?* (GNT)

Com o polegar estendido (*THUMB*) para trás, a falante executa o movimento em co-ocorrência com o enunciado “**lá atrás** no começo da carreira”. Categorizamos a ação como dinâmica. Na ocorrência em questão, a falante prolonga a enunciação do locativo “lá” em um nível prosódico, e o gesto também tem uma amplitude maior, já que ela usa três articuladores, de modo que categorizamos a ação em uma distância periférica. Consideramos o movimento dinâmico. Identificamos, também, a metáfora conceptual O PASSADO É PARA TRÁS.

Figura 37 – Ocorrência 13



Fonte: Elaborado pelo do pesquisador (2022), coletado no Youtube e proveniente do Que História é Essa Porchat? (GNT)

A falante executa um gesto de mão aberta, com a palma para cima, direcionado para a esquerda, de modo estático e a uma distância periférica, em termos de posição espacial. A ação gestual configura um gesto de apontar de mão aberta, com a palma para fora (PAOH). O referente é abstrato, indica o local da narrativa (a festa), e coocorre com o enunciado verbal “[...] abriu a porta, saiu correndo, as pessoas lá viram...”. A ocorrência multimodal indica um esquema imagético do tipo TRAJETÓRIA, no nível narrativo/discursivo, quando a falante narra uma situação cômica que viveu em um banheiro de festa.

Figura 38 – Ocorrência 14

"vamo subir com a boia. **Chegando lá** em cima quando ele começar a descer"

Mão aberta com a palma para baixo, direcionada para fora do corpo, de forma dinâmica, a uma distância periférica do corpo.

Fonte: Elaborado pelo do pesquisador (2022), coletado no Youtube e proveniente do Que História é Essa Porchat? (GNT)

Em coocorrência com o enunciado verbal “vamo subir com a boia. Chegando lá em cima quando ele começar a descer”, a falante executa um gesto de mão aberta, com a palma voltada para baixo, direcionado para fora do corpo, de modo dinâmico e a uma distância periférica, se tratando da posição espacial. Identificamos que o gesto configura uma ação de apontar, de mão aberta com a palma para fora (PAOH). Se trata de uma ocorrência de referente abstrato, que encena a trajetória de subida do rio, em um nível narrativo. A falante movimenta a mão de modo dinâmico, em uma menção à trajetória serpenteada do rio, que é um dos elementos da narrativa contada.

Figura 39 – Ocorrência 15

"[...] e **deixamos ele lá** e continuamos subindo."

Mão aberta com a palma na horizontal, direcionada para a esquerda, de forma estática, a uma distância média do corpo.

Fonte: Elaborado pelo do pesquisador (2022), coletado no Youtube e proveniente do Que História é Essa Porchat? (GNT)

Em coocorrência com o enunciado verbal “[...] e deixamos ele lá e continuamos subindo.” a falante executa um gesto de mão aberta — com as duas mãos voltadas uma para a outra — com a palma na horizontal, direcionado para a esquerda, de modo estático a uma

distância média do corpo. A ação indica um referente abstrato, e o modo de representação gestual que identificamos foi o de Corporificar, em um nível narrativo/discursivo. Nessa ocorrência, a falante (jornalista) narra um fato que ocorreu em sua subida ao Himalaia, quando se depararam com um senhor muito debilitado e o deixaram em um hospital, continuando a viagem em seguida. No gesto que categorizamos, a falante demarca um ponto no espaço, na direção esquerda, que representaria essa parada ou regresso na TRAJETÓRIA da viagem, em questão. Posteriormente, após executar esse gesto, a falante executa um gesto icônico que simula uma subida (similar a uma subida em degrau), sendo que esse segundo movimento é direcionado para a direita, que indicaria uma retomada para o foco principal da viagem, que era a subida do Himalaia.

Figura 40 – Ocorrência 16



"Ô, Erick, **me espera lá** que eu vou dar um beijo hoje".

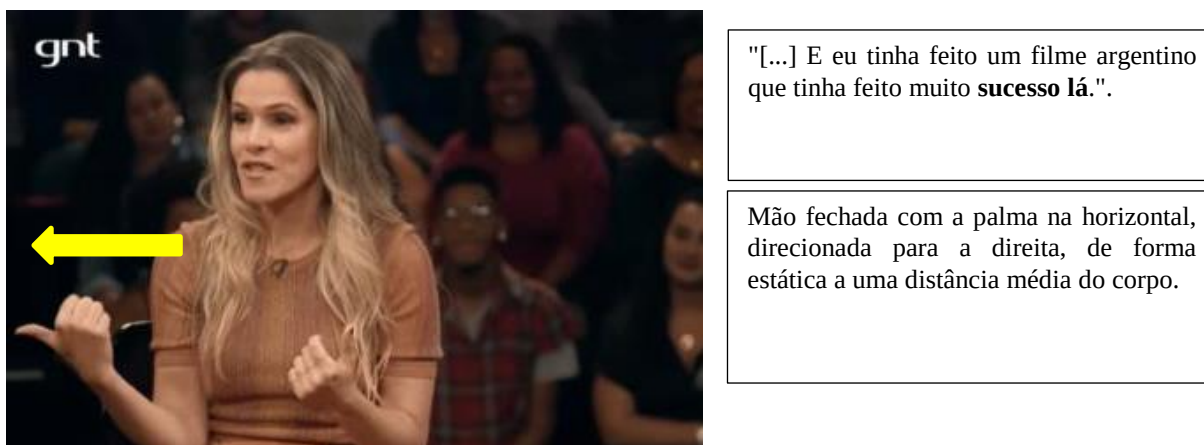
Mão fechada, com palma na horizontal, direcionada para o corpo, de forma estática, a uma distância média.

Fonte: Elaborado pelo do pesquisador (2022), coletado no Youtube e proveniente do Que História é Essa Porchat? (GNT)

O falante executa um gesto de mão fechada, com a palma na horizontal, em direção ao corpo, mais precisamente, para o espaço atrás do próprio corpo. Consiste em um movimento estático, a uma distância média, configurando o gesto de apontar de Polegar Estendido (orientação de antebraço variável) [THUMB]. Categorizamos a ocorrência como uma ocorrência que desempenha Função Referencial Abstrata, em um Esquema Imagético TRAJETÓRIA-ALVO, operando em um nível Narrativo/Discursivo. O gesto coocorre com o enunciado verbal "Ô, Erick, me espera lá que eu vou dar um beijo hoje". Na ocorrência em questão, observamos a marcação de tempo e espaço que é estabelecida pelos gestos manuais de apontar. Quando o falante enuncia "[...] me espera lá", ele aponta para trás com o dedão da mão esquerda, "lá" demarcando algum ponto no espaço que, na narrativa, o falante indicou que deveria ser onde seu amigo deveria esperá-lo, posteriormente, com a mão direita, ele executa

um outro gesto de apontar, com o dedo indicador estendido para baixo, para estabelecer a marcação temporal de “hoje”.

Figura 41 – Ocorrência 17



Fonte: Elaborado pelo do pesquisador (2022), coletado no Youtube e proveniente do Que História é Essa Porchat? (GNT)

A falante executa um gesto de mão fechada, com a palma na horizontal, direcionado para a direita, de modo estático. O gesto ocorre a uma distância média do corpo em termos de Posição Espacial e é uma ação de apontar (*pointing*), com o polegar estendido (orientação de antebraço variável) (THUMB). Categorizamos a função gestual como Referencial Abstrata, em um nível Narrativo/Discursivo. O gesto é executado em coocorrência com o enunciado verbal “[...]E eu tinha feito um filme argentino que tinha feito muito sucesso lá.”. É uma ocorrência operacionalmente mais simples, visto que a falante se refere a um ponto no tempo-espço, já que ela se refere à sua participação em uma obra audiovisual que fez muito sucesso na Argentina. É possível perceber que há um fator geográfico a ser observado na execução do gesto, já que a falante aponta o polegar direito para o espaço direito imediato ao seu lado, o que indicaria a ideia da Argentina como sendo um país próximo e vizinho.

Acerca das próximas ocorrências, 18 e 19, elas são executadas simultaneamente em um mesmo trecho de fala.

Figura 42 – Ocorrência 18

"[...] tem uma rocha, **sei lá**, a uns 50 metros da areia..."

Mão aberta com palma na diagonal, direcionada para a esquerda, de forma dinâmica, a uma distância periférica do corpo.

Fonte: Elaborado pelo do pesquisador (2022), coletado no Youtube e proveniente do Que História é Essa Porchat? (GNT)

A entrevistada executa, inicialmente, um gesto de mão aberta com a palma na diagonal, direcionado para a esquerda, de forma dinâmica, a uma distância periférica do corpo. O gesto coocorre com o enunciado verbal “[...] tem uma rocha, sei lá, a uns 50 metros da areia...”. Como já indicamos anteriormente, a forma “sei lá” consiste em um sintagma muito convencionalizado no português brasileiro. Na ocorrência em questão, a falante executa a ação verbo-gestual, relacionada ao “sei lá”, como um Marcador de Atitude do Falante, em nível Metanarrativo/Metadiscursivo, já que se refere a uma estrutura da própria fala. A falante descreve um cenário, faz uma reelaboração da própria descrição, devido a uma imprecisão em relação a uma medida da narração (a distância da areia da praia para uma rocha), e depois dá continuidade à história. Compreendemos que a ocorrência gestual também se configurou como um Gesto de Espanar, de acordo com Graça (2021), utilizado para marcar a hesitação/imprecisão da falante em relação à medida (distância) descrita na narrativa.

Figura 43 – Ocorrência 19

"[...] a gente **tava lá** nessa rocha"

Mão aberta com a palma para baixo, direcionada para baixo, de forma estática a uma distância periférica do corpo.

Fonte: Elaborado pelo do pesquisador (2022), coletado no Youtube e proveniente do Que História é Essa Porchat? (GNT).

A seguir, a mesma falante produz um gesto de mão aberta, agora com a palma voltada para baixo, o movimento também é direcionado para baixo, de modo estático, a uma distância periférica do corpo. O gesto é executado juntamente com o enunciado verbal “[...] a gente tava lá nessa rocha”. Categorizamos o gesto de apontar como Marcador de Ponto no Espaço. A posição espacial exerce um papel importante, visto que a falante estende o braço produzindo um gesto mais amplo e utilizando três articuladores, indicando o que seria não somente a localização da rocha, na narrativa, mas também a altura do objeto no cenário descrito. Categorizamos a função gestual como Referencial Abstrata, dentro do Modo de Representação Gestual Representar, em um Esquema Imagético de OBJETO e no nível Narrativo/Discursivo. Outro ponto que pode ser indicado, é que a forma “lá” como afixoide, poderia ser removida do sintagma e não haveria nenhum prejuízo em relação à composição de sentido, concernente à localização do objeto da narrativa. O “lá” desempenha função catafórica, introduzindo o sintagma “nessa rocha” na construção verbal.

Figura 44 – Ocorrência 20



Fonte: Elaborado pelo do pesquisador (2022), coletado no Youtube e proveniente do Que História é Essa Porchat? (GNT).

Em coocorrência com o enunciado verbal “[...] acordei zerada. Partiu Ibirapuera. Tô lá!”, a falante executa um gesto de mãos abertas com as palmas na vertical, direcionadas para fora do corpo, de modo estático a uma distância média em termos de posição espacial. Categorizamos a ação como um gesto de apontar (*pointing*) de Mão Aberta com a Palma Para Fora (PAOH), desempenhando uma função Referencial Abstrata, em um nível Narrativo/Discursivo. A falante narra um fato divertido do passado, envolvendo a famosa apresentadora de TV brasileira, Ana Maria Braga. O gesto indica uma localização no espaço-tempo no passado, mas é indicado pela falante no espaço imediato em sua frente, o que seria

disruptivo em relação à metáfora conceptual O PASSADO É PARA TRÁS. Devido à velocidade de execução do núcleo gestual, também identificamos que o gesto não apenas referencia o espaço da narrativa, como também o fato de a atriz tenta direcionar o foco dos interlocutores rapidamente para o lugar da narrativa que serviram de cenário para a história que ela contará logo a seguir.

Na seção seguinte, tecemos as nossas Considerações Finais acerca de todo o trabalho executado até aqui, além de construirmos uma conclusão e visão mais geral dos dados.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa, em sua execução, buscou responder à seguinte pergunta-problema: Quais são as funções do dêitico locativo “lá” em coocorrência com gestos manuais em diferentes situações comunicativas do português brasileiro?

Considerando tal questão, definimos, posteriormente, como objetivo geral do trabalho, analisar, por meio de uma perspectiva cognitivo-gestual, o comportamento dos gestos manuais quando coocorrem com o dêitico locativo “lá” em diferentes situações interativas do português brasileiro. A fim de alcançarmos o nosso objetivo geral, delimitamos os seguintes objetivos específicos para trato teórico, metodológico e a análise dos dados, propriamente dita: (i) Analisar o funcionamento de ocorrências verbais do dêitico locativo “lá” em coocorrência com gestos manuais, em diferentes interações face a face videogravadas do português brasileiro; (ii) Comparar, em amostras de dados distintas, o funcionamento das funções gestuais (referencial e pragmática(s)) nos níveis narrativos/discursivos, em diferentes interações do português brasileiro.

Do ponto de vista teórico, revisamos a integração teórico-metodológica existente entre o campo dos Estudos de Gestos e Linguística Cognitiva com base em Cienki (2016), e também apresentamos concepções propostas por Lakoff (1987, 1990) e Johnson (1999, 2007) acerca de processos cognitivos que se baseiam no que se denomina como cognição corporificada, visto que ações direcionadas a objetos, ou configurações materiais e sociais do ambiente de interação fornecem informações sobre os desejos, objetivos e interesses dos indivíduos, de acordo com Kendon (2013). Nessa esteira, levantamos conceitos teóricos basilares como a construção dos Modos de Representação Gestual, postulados por Müller (2008) e revisados por Cienki (2016). Posteriormente, apresentamos algumas discussões levantadas por Streeck (2009, 2011) acerca dos usos das mãos na composição de processos significativos e sociais para os seres humanos.

Após discutimos questões relativas aos Estudos de Gesto em interface com a LC, optamos por apresentar uma revisão de literatura sobre estruturas cognitivas e suas conceptualizações, elementos que são muito caros à Linguística Cognitiva. A saber, comentamos em algumas seções os conceitos de domínios, com base em Langacker (1987), *frames*, de acordo com Fillmore (1975, 1977, 1985 *apud* Ferrari, 2011), e Modelos Cognitivos Idealizados (MCI) para Lakoff (1987). Além disso, discutimos também os Esquemas Imagéticos, mecanismos que os indivíduos utilizam para perceber certos aspectos físicos do mundo, que servem de base para as conceptualizações abstratas. Tecemos tal discussão com base em Cienki (2016) e Bressem, Ladewig e Müller (2013).

O conceito de MCI é fundamental para o estudo e análise do fenômeno da dêixis, pois, segundo Lakoff (1987), em um MCI estruturado de modo radial, uma subcategoria será ordenada como um centro prototípico, de modo que as demais categorias estariam conectadas à central por tipos distintos de *links*, em um esquema CENTRO-PERIFERIA. Marmaridou (2000), uma de nossas referências, argumenta que a dêixis é uma categoria pragmática que corresponde, dentro de um ponto de vista cognitivo, a um Modelo Cognitivo Idealizado (MCI). Então, operacionalmente, o MCI da dêixis, envolveria, a ação linguística de apontar para alguma entidade/referente no espaço-tempo, ação tal que é performada por um falante autorizado e direcionada para um endereço não-focalizado.

Na seção 3, estabelecemos a tradicional relação, estabelecida em trabalhos recentes de Linguística Cognitiva, dos gestos de apontar com os dêiticos locativos, em usos concretos e abstratos. Com base em Kendon (2004) e Avelar e Ferrari (2017), dentro dos Estudos de Gesto em interface com a Linguística Cognitiva, compreendemos que as expressões dêíticas são frequentemente associadas aos Gestos de Apontar. Na mesma seção, apresentamos os sete tipos de gestos de apontar que são categorizados por Kendon (2004). Em seguida, também apresentamos algumas definições sobre a ação de *apontar* (*pointing*) situada no mundo material, com base em Goodwin (2003 *apud* Streeck, 2009).

Posteriormente, definimos a estruturação cognitiva das narrativas, com base em McNeill (1995 *apud* Lisboa, 2021), que não se debruçou sobre as narrativas apenas na modalidade verbal. O autor advoga que os gestos emergentes em narrativas apresentam uma correspondência com estrutura da própria narração. O nível narrativo é referente ao nível da história narrada propriamente dita, ou seja, à compreensão e localização dos eventos, objetos e cenários da narrativa. O nível metanarrativo é evidenciado quando o narrador faz menção ao ato de narrar, utilizando referências à estrutura da história, do evento narrado. O nível paranarrativo ocorre quando os falantes falam como si próprios, fora da situação narrativa e adotando o papel como participantes em uma situação socialmente definida por falantes e ouvintes.

Ainda na seção 3, apresentamos, também, a proposta teórica de Oliveira (2018) acerca do locativo “lá”, no português brasileiro, como um afixoide, consistindo em uma subparte e construções da língua. A partícula foi considerada pela autora como uma conectora textual, marcadora discursiva e até intensificadora de grau. Foi a partir da seção 3.2 que nos debruçamos sobre as funções pragmáticas dos gestos de apontar, ou seja, quando usos dos gestos estão melhor adaptados aos propósitos pragmáticos da interação cotidiana. A discussão foi

empreendida com base em Kendon (2004), Müller (2008), Ladewig (2010, 2011, 2014) e Payrató e Teßendorf (2014).

Do ponto de vista metodológico, inicialmente definimos os procedimentos de análise dos dados, com base no Sistema Linguístico de Notação Gestual (*Linguistic Annotation System for Gesture — LASG*), proposto por Bressem, Ladewig e Müller (2013), e também nas Diretrizes de Identificação de Metáforas nos Gestos (MIG-G). Depois criamos 14 trilhas de análise na plataforma ELAN, de modo que todos os parâmetros e vocabulários controlados para a análise se tornam parte de uma única trilha-mãe (Sloetdjes; Wittenburg, 2008).

Coletamos, para nossa análise, 20 dados do locativo “lá” em coocorrência com gestos manuais, em distintos contextos de uso. A coleta geral dos dados se deu por meio de uma pré-seleção indutiva, considerando nosso objetivo geral, pelo qual intentamos analisar gestos manuais que coocorrem e se interrelacionam com os dêiticos locativos “lá”, em contextos reais de uso. Dessa forma, priorizamos a coleta de dados em que há interação espontânea entre dois ou mais interactantes (falantes e ouvintes). Os dados foram todos coletados do YouTube, em dois contextos interativos distintos. A saber, parte das ocorrências foi retirada da entrevista da senadora brasileira Simone Tebet (MDB) para o canal do YouTube *Flow Podcast*, a outra parte foi coletada de trechos de entrevistas cômicas do programa de humor *Que História É Essa Porchat?*, do canal por assinatura GNT, pertencente aos grupos Globo.

Quantitativamente, após a análise, comparamos os dados e resultados, a fim de estabelecer um paralelo entre a ocorrência de Gestos de Apontar com os Modos de Representação Gestual, Funções dos Gestos, se mais referenciais ou mais pragmáticas, e, também, dos Níveis Narrativos mais frequentes na amostra. Verificamos que houve uma maior incidência Gestos de Apontar (60%) em relação aos Modos de Representação Gestual (35%). Justificamos, assim, que o maior percentual de Gestos de Apontar se dá por conta de um paradigma dos Estudos de Gestos e da Linguística Cognitiva, visto que dentro de uma literatura mais tradicional, os gestos de apontar, prototipicamente, estão associados aos dêiticos locativos (Kendon, 2004). Dentro dos Gestos de Apontar, identificamos um maior percentual de gestos de Polegar Estendido (*thumb*), em 34% dos dados, e de gestos de Mão Aberta com Palma Para Fora (PAOH), em 33% das amostras.

71% das ocorrências configuraram o Modo de Representação Gestual Encenar, que ocorre, precisamente, quando as mãos, de fato, simulam/encenam uma atividade cotidiana. Também, houve uma predominância da Função Referencial, em relação às Funções Pragmáticas, visto que 65% das ocorrências desempenharam Função Referencial, enquanto 35% dos gestos desempenharam Função Pragmática. Todas as ocorrências identificadas

desempenhando Função Referencial, indicaram referentes abstratos em um Nível Narrativo/Discursivo, nível este que abarcou um percentual de 75% das ocorrências. Interpretamos que os referentes consistem em elementos presentes dentro das situações narrativas/histórias. Nossa hipótese de trabalho, de que os gestos locativos ocorrem com maior frequência no nível narrativo da fala e interação, conforme Mc Neill *et al.* (1993), então, foi validada, considerando o nosso *corpus* de análise.

Nos dados que foram categorizados no âmbito de Função Pragmática, 57% dos dados desempenharam função de Marcador Discursivo e 43% das ações gestuais desempenharam função de Marcador de Atitude do Falante. Oliveira (2018) aponta que a partícula “lá” aparece como subparte de determinados padrões construcionais do português brasileiro. Em alguns dados, o “lá” apareceu afixado a sintagmas muito convencionalizados da língua, como é o caso do “sei lá”. O “sei lá” é bastante utilizado como um modulador da fala, para reelaboração do que se diz. Em outros dados, por exemplo, o “lá” poderia ser desafixado da sentença verbal sem prejuízos de sentido, visto que aparecem no sintagma apenas como formas afixoides convencionais do português brasileiro ou como elemento catafórico, apesar do gesto indicar uma direção, ou localização, no espaço-tempo.

Por fim, concluímos que os usos verbo-gestuais observados nas ocorrências incorporam um sentido de distância, nem sempre uma distância tão clara, ou pontual. Os gestos indicam pontos do espaço em relação à localização dos participantes nos atos de comunicação. Assim, compreendemos que o “lá”, na maior parte das ocorrências que analisamos, foi utilizado quando um falante quer determinar uma distância de algo em relação ao seu próprio corpo, sem necessariamente delimitar ou situar com precisão a distância ou ponto específico de um referente ou alvo.

REFERÊNCIAS

- AVELAR, M. O papel dos gestos de apontar na construção da dêixis multimodal: dos usos concretos aos usos abstratos. **Revista Linguística**. Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 161-176, 2016. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/poslinguistica/revistalinguistica>. Acesso em: 9 fev. 2022.
- AVELAR, M.; FERRARI, L.; PACHECO, V. Prototypical and metaphorical uses for locative deixis in Brazilian Portuguese and American English: a verbo-gestural data analysis. **Metaphorical Conceptualizations: (Inter) Cultural Perspectives**, 45, 223, 2022.
- AVELAR, M.; FERRARI, L. Integração experiencial e dêixis: O papel discursivo dos gestos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 59, n. 1, p. 73-89, jan./abr. 2017. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cel/article/view/8648300/15696>. Acesso em: 9 fev. 2022.
- AVELAR, M.; MENDES, P.H.A. The Role of Gestures in the Construction of Multimodal Metaphors: Analysis of a Political-Electoral Debate. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 343-376, 2015.
- BRESSEM, J. A linguistic perspective on the notation of form features in gestures. *In*: MÜLLER, C.; CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S. H.; MCNEILL, D. TEßENDORF, S. (org.). **Body – Language – Communication**. An International Handbook on Multimodality in Human Interaction. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton 2013. 1 v. p. 1079-1098.
- BRESSEM, J.; LADEWIG, S.; MÜLLER, C. Linguistic Annotation System for Gestures. *In*: MÜLLER, C.; CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S. H.; MCNEILL, D.; TEßENDORF, S. (org.). **Body – Language – Communication**. An International Handbook on Multimodality in Human Interaction. Volume 1, Berlin, Boston: De Gruyter Mouton 2013, p. 1098–1124.
- CIENKI, A. Cognitive Linguistics, gesture studies, and multimodal communication. **Cognitive Linguistics**, p. 603-618, 2016.
- CIENKI, A.; AVELAR, M.; DONLON, S. O.; VILELA, C.; PACHECO, V. Spatial deixis in speech and gesture in Brazilian Portuguese: an experimental pilot-study. **Signo**, v. 44, n. 79, p. 135-14, 2019.
- CIENKI, A.; MULLER, C. (ed.). **Metaphor and Gesture**. Amsterdam / Philadelphia, PA: John Benjamins, 2008.
- CLARK, H. H. Pointing and Placing. *In*: KITA, S. (ed.). **Pointing: Where Language, Culture and Cognition Meet**, Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2003. p. 243-268.
- FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

GOFFMAN, E. The neglected situation. **American anthropologist**, v. 66, n. 6, p. 133-136, 1964.

GOODWIN, C. Pointing as situated practice. **Pointing. Psychology Press**. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2003. p. 217–241.

GOODWIN, C. Pointing as Situated Practice. *In*: KITA, S. (ed.). **Pointing: Where Language, Culture and Cognition Meet** Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2003. p. 217 241.

GRAÇA, B. **A construção de um repertório de gestos de negação para o português brasileiro**: uma proposta cognitivo-gestual. Orientador: Máira Avelar Miranda. 2021. 151f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória da Conquista, 2021.

KENDON, A. **Gesture: Visible Action as Utterance**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

LADEWIG, S. H. Recurrent gestures. *In*: MÜLLER, C.; CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S.; MCNEILL, D.; BRESSEM, J. (ed.). **Body – Language – Communication**. An International Handbook on Multimodality in Human Interaction. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2014. 2 v. p. 1558-1574.

LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things**: What categories reveal about the mind. Chicago, London: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1980.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Philosophy in the flesh**. Chicago: The University Chicago Press, 1999.

LANGACKER, R. **Foundations of Cognitive Grammar**. Vol 1: Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LISBOA, A. **Análise cognitiva dos gestos e da direção do olhar em narrativas multimodais do português brasileiro**. Orientador: Máira Avelar Miranda. 2021. 173 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Vitória da Conquista, 2021.

MARMARIDOU, S. On Deixis. **Pragmatic meaning and cognition**. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins, 2000.

MCNEILL, D. **Hand and mind**: What gestures reveal about thought. Chicago: University of Chicago Press, 1992.

MCNEILL, D.; CASSELL, J; LEVY, E.T. Abstract deixis. **Semiotica**, Berlin: Walter de Gruyter, v. 95, n. 1, p. 5-19, 1993.

MÜLLER, C. **Metaphors Dead and Alive, Sleeping and Waking**: A Dynamic View. Londres, Chicago: University of Chicago Press, 2008.

OLIVEIRA, M. O afixoide ‘lá’ em construções do português – perspectivação espacial e (inter)subjetivação. **Revista Linguística**, Rio de Janeiro, v. 14, p. 110-125, abr. 2018. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rl/article/view/14911>. Acesso em: 9 fev. 2022.

PAYRATÓ, L.; TEßENDORF, S. Pragmatic Gestures. *In*: MÜLLER, C.; CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S.; MCNEILL, D.; BRESSEM, J. (ed.). **Body – Language – Communication**. An International Handbook on Multimodality in Human Interaction. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2014. 2 v. p. 1531-1539.

PINHEIRO, H. P. F. A noção de ponto vista e os gestos codiscursivos: uma análise ilustrativa com o verbo “cair”. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ANPOLL, 35, 2020. **Anais [...]**. Online, 2020.

PINHEIRO, H. P. F. Uma análise cognitiva do dêitico “aqui” em dados multimodais. **Repositório Digital de Teses e Dissertações do PPGLin-UESB**, v. 6, 2018.

PINHEIRO, H. P. F.; MIRANDA, M. A. Uma análise cognitiva do dêitico “aqui” em dados orais e multimodais. **Signo**, Santa Cruz do Sul, v. 42, n. 75, p. 113-122, 2017.

SLOETDJES, H.; WITTENBURGH, P. **ELAN**. Version 5.9, retrieved 20 November 2014 from <http://tla.mpi.nl/tools/tla-tools/elan/> by Max Planck Institute for Psycholinguistics, The Language Archive, Nijmegen, The Netherlands, 2008.

STREECK, J. **Gesturecraft**: Manufacturing Understanding. Amsterdam: John Benjamins, 2009.

STREECK, J.; GOODWIN, C.; LeBARON, C. **Embodied Interaction**: language and body in the material world. New York: Cambridge University Press, 2011.

TEßENDORF, S. Pragmatic and metaphoric: Combining functional with cognitive approaches in the analysis of the brushing aside gesture. *In*: MÜLLER, C.; CIENKI, A.; FRICKE, E.; LADEWIG, S.; MCNEILL, D.; BRESSEM, J. (ed.). **Body – Language – Communication**. An International Handbook on Multimodality in Human Interaction. Berlin, Boston: De Gruyter Mouton, 2014. 2 v. p. 1540-1557.

VAN KRIEKEN, K.; SANDERS, J.; SWEETSER, E. Linguistic and cognitive representation of time and viewpoint in narrative discourse. **Cognitive Linguistics**, v. 30, n. 2, p. 243-251, 2019.

ANEXOS

ANEXO A – Trilhas

Trilhas	Ocorrência 1
Gesto	
Transcrição:	“Todo mundo sabe o que é um inquérito. Cê vai lá na Polícia Civil. Foi furtado...”
Formato das mãos:	Dedos fechados
Orientação das palmas:	Para cima
Direção do movimento:	Para a esquerda
Tipo de movimento:	Estático
Posição espacial:	Distância média
Gesto de apontar (pointing):	Gesto de Apontar com mão fechada
Função Pragmática do Gesto:	---
Função Referencial:	Abstrata
Modo de Representação Gestual:	---
Esquema Imagético:	Trajetória-alvo
Nível discursivo/narrativo:	Paranarrativo/paradiscursivo
Tópico contextual da fala:	A falante está descrevendo a ação de uma pessoa ir até uma junta da polícia civil e abrir um pedido de inquérito
Referente no discurso:	“cê vai lá na polícia civil”

Trilhas	Ocorrência 2
Gesto	

Transcrição:	“Qual a família? Qual o endereço? Porque, assim, eu vou lá e mando a cartinha: 'Olha...'”
Formato das mãos:	Mão aberta
Orientação das palmas:	Para baixo
Direção do movimento:	Para fora do corpo
Tipo de movimento:	Dinâmico
Posição espacial:	Distância média
Gesto de apontar (pointing):	Marcação de ponto no espaço
Função Pragmática do Gesto:	---
Função Referencial:	Abstrata
Modo de Representação Gestual:	---
Esquema Imagético:	---
Nível discursivo/narrativo:	Narrativo-discursivo
Tópico contextual da fala:	A falante está descrevendo a postura de um indivíduo que quer incentivar um processo de compra de votos.
Referente no discurso:	“vou lá”

Trilhas	Ocorrência 3
Gesto	
Transcrição:	“ Vou comprar lá a mesada, mensalão é mesada. Vou comprar lá deputados pra votar o que eu quero e pra garantir reeleição.”
Formato das mãos:	Dedos fechados
Orientação das palmas:	Horizontal
Direção do movimento:	Para baixo
Tipo de movimento:	Dinâmico
Posição espacial:	Distância média
Gesto de apontar (pointing):	---
Função Pragmática do Gesto:	Marcador Discursivo
Função Referencial:	---
Modo de Representação Gestual:	Encenar
Esquema Imagético:	---

Nível discursivo/narrativo:	Narrativo-discursivo
Tópico contextual da fala:	A falante está falando sobre um processo de corrupção que consiste na compra de apoio parlamentar para eleições.
Referente no discurso:	“Vou comprar lá”

Trilhas	Ocorrência 4
Gesto	
Transcrição:	“Cê tem que ser candidata à presidência do Senado. Lá atrás. ”
Formato das mãos:	Dedos fechados
Orientação das palmas:	Horizontal
Direção do movimento:	Para fora do corpo
Tipo de movimento:	Estático
Posição espacial:	Distância média
Gesto de apontar (pointing):	Thumb
Função Pragmática do Gesto:	---
Função Referencial:	Abstrata
Modo de Representação Gestual:	---
Esquema Imagético:	Trajetória--alvo
Nível discursivo/narrativo:	Metanarrativo/metadiscursivo
Tópico contextual da fala:	A falante se refere a um ponto do passado de quando fizeram a ela uma sugestão.
Referente no discurso:	“Lá atrás”

Trilhas	Ocorrência 5
Gesto	

Transcrição:	“Empurrar a responsabilidade pra terceiro e falar: Isso aqui não é problema meu. Deixa pra lá! ”
Formato das mãos:	Mão aberta
Orientação das palmas:	Diagonal
Direção do movimento:	Para a esquerda
Tipo de movimento:	Dinâmico
Posição espacial:	Distância média
Gesto de apontar (pointing):	---
Função Pragmática do Gesto:	Marcador de atitude do falante
Função Referencial:	---
Modo de Representação Gestual:	Encenar
Esquema Imagético:	Fonte-trajetória-alvo
Nível discursivo/narrativo:	Narrativo/discursivo
Tópico contextual da fala:	A falante está descrevendo uma postura política desinteressada.
Referente no discurso:	“Deixa pra lá”

Trilhas	Ocorrência 6
Gesto	
Transcrição:	“Ele deixa de ter o ditado. Não, copia lá do quadro!”
Formato das mãos:	Dedo indicador estendido
Orientação das palmas:	Para baixo
Direção do movimento:	Para a esquerda
Tipo de movimento:	Estático
Posição espacial:	Distância periférica
Gesto de apontar (pointing):	Dedo indicador estendido pronado (palma para baixo): PDPIF
Função Pragmática do Gesto:	---
Função Referencial:	Abstrata
Modo de Representação Gestual:	---
Esquema Imagético:	Trajetoira-alvo
Nível discursivo/narrativo:	Narrativo/discursivo

Tópico contextual da fala:	A falante está apontando, representando uma ordem, dada por uma professora para um aluno hipotético da situação narrada.
Referente no discurso:	“Copia lá”

Trilhas	Ocorrência 7
Gesto	
Transcrição:	“[...] ela mandou pro Brasil. Ela viu aqui do poder público, da iniciativa privada e mandou pra lá. ”
Formato das mãos:	Mão aberta
Orientação das palmas:	Para cima
Direção do movimento:	Para fora do corpo
Tipo de movimento:	Dinâmico
Posição espacial:	Distância média
Gesto de apontar (pointing):	---
Função Pragmática do Gesto:	Marcador discursivo
Função Referencial:	---
Modo de Representação Gestual:	Encenar
Esquema Imagético:	Trajectoria
Nível discursivo/narrativo:	Narrativo/discursivo
Tópico contextual da fala:	Tebet esnaltece a sua candidata à vice-presidência narrando ações engajadas da candidata.
Referente no discurso:	“Mandou pra lá”

Trilhas	Ocorrência 8
Gesto	

Transcrição:	“[...] ela não tem dinheiro pra pagar pelo serviço. Pelo, sei lá , concerto do...”
Formato das mãos:	Mão aberta
Orientação das palmas:	Horizontal
Direção do movimento:	Para a esquerda
Tipo de movimento:	Dinâmico
Posição espacial:	Distância periférica
Gesto de apontar (pointing):	---
Função Pragmática do Gesto:	Marcador discursivo
Função Referencial:	---
Modo de Representação Gestual:	---
Esquema Imagético:	Ciclo
Nível discursivo/narrativo:	Metanarrativo/metadiscursivo
Tópico contextual da fala:	A falante trata de questões econômicas e de consumo relacionadas a pessoas mais pobres.
Referente no discurso:	“Sei lá”

Trilhas	Ocorrência 9
Gesto	
Transcrição:	“[...] representando o Brasil na ONU, na questão da inclusão, e tá lá ”
Formato das mãos:	Mão aberta
Orientação das palmas:	Horizontal
Direção do movimento:	Para fora do corpo
Tipo de movimento:	Estático
Posição espacial:	Distância média
Gesto de apontar (pointing):	Mão aberta, palma para fora: PAOH
Função Pragmática do Gesto:	---
Função Referencial:	Abstrata
Modo de Representação Gestual:	---
Esquema Imagético:	Trajetória-alvo
Nível discursivo/narrativo:	Narrativo/discursivo
Tópico contextual da fala:	A candidata narra a presença de Mara Gabrilli, sua vice na corrida eleitoral, na ONU

Referente no discurso:	“Tá lá”
------------------------	---------

Trilhas	Ocorrência 10
Gesto	
Transcrição:	“[...] volta pra Câmara. A Câmara trabalha lá quatro meses...”
Formato das mãos:	Mão aberta
Orientação das palmas:	Diagonal
Direção do movimento:	Para a esquerda
Tipo de movimento:	Dinâmico
Posição espacial:	Distância periférica
Gesto de apontar (pointing):	---
Função Pragmática do Gesto:	Marcação de Atitude do Falante
Função Referencial:	---
Modo de Representação Gestual:	Encenar
Esquema Imagético:	---
Nível discursivo/narrativo:	Narrativo/discursivo
Tópico contextual da fala:	A candidata está descrevendo o processo de implementação de Propostas de Emendas Constitucionais
Referente no discurso:	“Trabalha lá”

Trilhas	Ocorrência 11
Gesto	
Transcrição:	“[...] estrada duplicada. Vamo lá! Vamo conhecer.”

Formato das mãos:	Mão aberta
Orientação das palmas:	Horizontal
Direção do movimento:	Para a esquerda
Tipo de movimento:	Estático
Posição espacial:	Distância média
Gesto de apontar (pointing):	---
Função Pragmática do Gesto:	Marcador discursivo
Função Referencial:	---
Modo de Representação Gestual:	---
Esquema Imagético:	Trajectoria
Nível discursivo/narrativo:	Narrativo/discursivo
Tópico contextual da fala:	A candidata descreve o processo em que uma pessoa de modo informal fala com um empresário sobre a possibilidade de abertura de fábrica em uma cidade pequena.
Referente no discurso:	“Vamo lá”

Trilhas	Ocorrência 12
Gesto	
Transcrição:	“Ah, essa história é maravilhosa. Lá atrás no começo da carreira.”
Formato das mãos:	Dedos fechados
Orientação das palmas:	Horizontal
Direção do movimento:	Para fora do corpo
Tipo de movimento:	Dinâmico
Posição espacial:	Distância periférica
Gesto de apontar (pointing):	Thumb
Função Pragmática do Gesto:	---
Função Referencial:	Abstrata
Modo de Representação Gestual:	---
Esquema Imagético:	Trajectoria--alvo
Nível discursivo/narrativo:	Metanarrativo/metadiscursivo
Tópico contextual da fala:	A falante está narrando uma situação que aconteceu no passado, no começo de sua carreira.

Referente no discurso:	“Lá atrás”
------------------------	------------

Trilhas	Ocorrência 13
Gesto	
Transcrição:	“[...] abriu a porta, saiu correndo, as peessoas lá viram...”
Formato das mãos:	Mão aberta
Orientação das palmas:	Para cima
Direção do movimento:	Para a esquerda
Tipo de movimento:	Estático
Posição espacial:	Distância periférica
Gesto de apontar (pointing):	Mão aberta, palma para fora (PAOH)
Função Pragmática do Gesto:	---
Função Referencial:	Abstrata
Modo de Representação Gestual:	---
Esquema Imagético:	Trajetória
Nível discursivo/narrativo:	Narrativo/discursivo
Tópico contextual da fala:	A falante narra uma situação que viveu em um banheiro de festa
Referente no discurso:	“as pessoas lá”

Trilhas	Ocorrência 14
Gesto	
Transcrição:	“vamo subir com a boia. Chegando lá em cima quando ele começar a descer”
Formato das mãos:	Mão aberta
Orientação das palmas:	Para baixo
Direção do movimento:	Para fora do corpo

Tipo de movimento:	Dinâmico
Posição espacial:	Distância periférica
Gesto de apontar (pointing):	Mão aberta, palma para fora: PAOH
Função Pragmática do Gesto:	---
Função Referencial:	Abstrata
Modo de Representação Gestual:	Encenar
Esquema Imagético:	Trajetória
Nível discursivo/narrativo:	Narrativo/discursivo
Tópico contextual da fala:	A falante está narrando uma história divertida envolvendo um rio.
Referente no discurso:	“Chegando lá”

Trilhas	Ocorrência 15
Gesto	
Transcrição:	“[...] e deixamos ele lá e continuamos subindo.”
Formato das mãos:	Mão aberta
Orientação das palmas:	Horizontal
Direção do movimento:	Para a esquerda
Tipo de movimento:	Estático
Posição espacial:	Distância média
Gesto de apontar (pointing):	---
Função Pragmática do Gesto:	---
Função Referencial:	Abstrata
Modo de Representação Gestual:	Corporificar
Esquema Imagético:	Trajetória
Nível discursivo/narrativo:	Narrativo/discursivo
Tópico contextual da fala:	A falante narra um fato que ocorreu em sua subida ao Himalaia, quando se depararam com um senhor muito debilitado e o deixaram em um hospital, continuando a viagem em seguida.
Referente no discurso:	“deixamos ele lá”

Trilhas	Ocorrência 16
Gesto	
Transcrição:	“Ô, Erick, me espera lá que eu vou dar um beijo hoje”.
Formato das mãos:	Mão fechada
Orientação das palmas:	Horizontal
Direção do movimento:	Em direção ao corpo
Tipo de movimento:	Estático
Posição espacial:	Distância média
Gesto de apontar (pointing):	Polegar estendido: thumb
Função Pragmática do Gesto:	---
Função Referencial:	Abstrata
Modo de Representação Gestual:	---
Esquema Imagético:	Trajectoria-alvo
Nível discursivo/narrativo:	Narrativo/discursivo
Tópico contextual da fala:	O falante conta uma situação do passado de quando ele queria beijar uma moça.
Referente no discurso:	“me espera lá”

Trilhas	Ocorrência 17
Gesto	
Transcrição:	“[...]E eu tinha feito um filme argentino que tinha feito muito sucesso lá .”.
Formato das mãos:	Mão fechada
Orientação das palmas:	Horizontal
Direção do movimento:	Para a direita
Tipo de movimento:	Estático
Posição espacial:	Distância média
Gesto de apontar (pointing):	Polegar estendido: thumb
Função Pragmática do Gesto:	---
Função Referencial:	Abstrata

Modo de Representação Gestual:	---
Esquema Imagético:	Trajetória-alvo
Nível discursivo/narrativo:	Narrativo/discursivo
Tópico contextual da fala:	A falante narra sua participação em um filme que fez muito sucesso na Argentina.
Referente no discurso:	“Sucesso lá”

Trilhas	Ocorrência 18
Gesto	
Transcrição:	“[...] tem uma rocha, sei lá , a uns 50 metros da areia...”
Formato das mãos:	Mão aberta
Orientação das palmas:	Diagonal
Direção do movimento:	Para a esquerda
Tipo de movimento:	Dinâmico
Posição espacial:	Distância periférica
Gesto de apontar (pointing):	---
Função Pragmática do Gesto:	Marcador de Atitude do Falante
Função Referencial:	---
Modo de Representação Gestual:	Encenar
Esquema Imagético:	---
Nível discursivo/narrativo:	Metanarrativo/metadiscursivo
Tópico contextual da fala:	A falante está descrevendo um cenário e faz uma reelaboração de sua fala, por não conseguir apresentar com precisão a medida do objeto que descrevia.
Referente no discurso:	“sei lá”

Trilhas	Ocorrência 19
Gesto	
Transcrição:	“[...] a gente tava lá nessa rocha”
Formato das mãos:	Mão aberta
Orientação das palmas:	Para baixo
Direção do movimento:	Para baixo
Tipo de movimento:	Estático
Posição espacial:	Distância periférica
Gesto de apontar (pointing):	Marcação de Ponto no Espaço
Função Pragmática do Gesto:	---
Função Referencial:	Abstrata
Modo de Representação Gestual:	Corporificar
Esquema Imagético:	Objeto
Nível discursivo/narrativo:	Narrativo/discursivo
Tópico contextual da fala:	A falante localiza onde ela estava, no alto da rocha, na narrativa.
Referente no discurso:	“tava lá”

Trilhas	Ocorrência 20
Gesto	
Transcrição:	“[...] acordei zerada. Partiu Ibirapuera. Tô lá! ”
Formato das mãos:	Mão aberta
Orientação das palmas:	Vertical
Direção do movimento:	Para fora do corpo

Tipo de movimento:	Estático
Posição espacial:	Distância média
Gesto de apontar (pointing):	Mão aberta, palma para fora: PAOH
Função Pragmática do Gesto:	---
Função Referencial:	Abstrata
Modo de Representação Gestual:	---
Esquema Imagético:	Trajetória-alvo
Nível discursivo/narrativo:	Narrativo/discursivo
Tópico contextual da fala:	A falante está narrando um fato divertido do passado envolvendo a apresentadora Ana Maria Braga.
Referente no discurso:	“tô lá”